

1941 / 1942 - 17 / 20
24

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1941-1942 – ANO: IX-X - Nº 17 a 20

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

3000

Ano IX - X

1941 - 1942

Tomos XVII a XX

SUMÁRIO

A visita do Presidente Vargas a Mato Grosso:

Oração gratulatória — *Arcebispo D. Aquino Corrêa*

A Academia Matogrossense de Letras (notícia histórica) — *José de Mesquita*

Cadeira n. 15:

In memoriam — *Cesário Prado*

J. Barbosa de Faria — *Virgílio Corrêa Filho*

Uma grande perda — *José de Mesquita*

João de Campos Widal — *Oscarino Ramos*

Antonio Sales — *José de Mesquita*

Poesias:

Paládio de minha terra — *D. Aquino Corrêa*

Sonetos — *José de Mesquita*

O julgamento de Eva — paráfrase em versos de *Lamartine Mendes*

O Cruzeiro do Sul — Miragem — *Ulisses Cuiabano*

Unitas magna — O velhinho — *Otávio Cunha*

O Sacerdote — *Castro Brasil*

Cadeira n. 10:

Discurso de recepção — *Francisco Mendes*

Discurso de posse — *Ulisses Cuiabano*

A sistematização ortográfica e os velhos — *Severino de Queiroz*

Impressões de leitura — *Ulisses Cuiabano*

Viagens históricas — *V. Corrêa Filho*

Inteligência e Caridade — *D. Maria Müller*

Homenageando a nova geração:

Discurso de saudação — *Ulisses Cuiabano*

Discurso de agradecimento — *Raimundo Maranhão*

O dia da Cultura na A. M. L., em 1941:

Palavras do Presidente José de Mesquita

Discurso da oradora do Grêmio Júlia Lopes — *Prof. Guilhermina de Fi-*

Mocidade, Liberdade, Cultura — *Gervasio Leite* [*gueiredo*]

Vinte anos de atividade acadêmica — *Jorge Otaviano da Silva Pereira*

João Cristião Carstens — *Philogonio Corrêa*

A expressão da pintura de Presciliano — *Cesario Prado*

Páginas dos novos:

O Norte e o Sul de Mato Grosso — *Afranio Correa*

Rosa - Maria — conto — *Lamartine Mendes Junior*

Primavera eterna — poesia — *Vanir Delfino Cesar*

Poetas boróios — *Rubens de Mendonça*

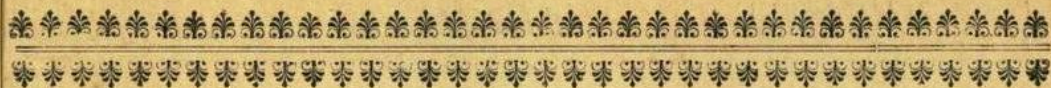
Semeador de cervalhos — *Jorge Otaviano da Silva Pereira*

Atas das sessões da A. M. L. (1938-1941).

A VISITA DO PRESIDENTE VARGAS A MATO-GROSSO

A REVISTA DA ACADEMIA, querendo registrar em suas páginas a grata satisfação que trouxe a todos os matogrossenses a memorável visita do Presidente Vargas ao nosso Estado, não encontrou melhor forma do que arquivando, para a História de nossa cultura, a formosa oração gratulatória do arcebispo D. Aquino, membro da Academia Brasileira e Presidente de honra da A. M. L., no "Te-Deum" cantado na catedral de Cuiabá, a 7 de agosto do ano em curso, em regosijo por aquela auspiciosa e histórica visita.





Exmo. Snr. Presidente da República.
Eminentes Autoridades.
Irmãos e Filhos deletíssimos.

NÃO é a primeira vez, que se me dá o honroso e grato ensejo de falar em público, ao Chefe da grande Nação Brasileira, que ora, num gesto memoravel de patriotismo e benevolência, se digna visitar-nos.

Nunca, porém, o fiz com o coração a vibrar em tão fundas emoções como nesta hora e neste ambiente em que o tempo e o lugar se fundem, por assim dizermos, na magia das sugestões, que empolgam e arrebatam.

Muito mais grandiosas, por certo, foram aquelas brilhantíssimas tribunas, por entre os cenários incomparaveis da Guanabara, os esplendores arquitetônicos da Candelária, ou a majestade olímpica da liturgia, na praia do Russell, à flor da baía maravilhosa.

Tudo isso, Senhor Presidente, permita V. Excia. que o diga, tudo isso não vale para a nossa alma cuiabana, a simplicidade evocativa desta velha igreja do Bom Jesús de Cuiabá, a primitiva igreja de palha do capitão-mór Jacinto Barbosa Lopes, a veneranda igreja, que acolheu os restos mortais do imortal fundador destas minas, Pascoal Moreira Cabral, a histórica igreja, onde, como hoje V. Excia., assistiram os magníficos teudeuns os maiores capitães-generais, governadores desta Capitania, que por aqui passaram em suas cavalgatas heráldicas a caminho da extinta capital em Vila Bela.

Aqui se ajoelharam também aqueles ínclitos varões, que durante mais de 60 anos, nos enviou o Império,

investidos nas altas funções de Presidentes da Província e Comandantes das Armas.

E só mais tarde, por um contrassenso notavel, já no regimen democrático, regimen do povo pelo povo, e dum povo essencialmente católico, é que raras vezes aqui estiveram oficialmente os Presidentes do Estado, em consequência do lamentavel espirito agnóstico da nossa primeira Constituição republicana, que V. Excia. em bôa hora, aboliu, procurando, em seguida, reintegrar a República nas tradições cristãs da nacionalidade.

E que ninguem se escandalize de ouvir bater palmas, neste recinto sagrado, à revogação duma lei constitucional. Nenhuma doutrina moral, tanto quanto a católica, sabe respeitar as leis humanas, mandando obedecer-lhes em tudo, e só excetuando a hipótese de contrariarem abertamente a lei divina, porquanto em tal caso, deixam *ipso facto* de serem leis, para se transformarem em contradições e absurdos.

E, sobretudo, em se tratando da lei básica de um País, não há como desconhecer-lhe a máxima importância, mesmo porque governos sem constituição, exigem à sua testa, homens extraordinários, que exatamente por isso, são escassos, além de sujeitos, como todos, à mutabilidade e à morte. Só Deus é imutavel e eterno: *apud Quem non est transmutatio, nec vicissitudinis a-bumbratio.*

Mas, por outro lado, como aceitar, de bôa mente, uma constituição política, que despreza os mais santos princípios da consciência nacional, desnaturando assim a indole do povo, e constringendo, permanentemente, os sentimentos religiosos da sua quase totalidade?

E, de mais a mais, de que servem as constituições, quando o povo a quem elas conferem a soberania, se converte em joguete nas mãos dos magnatas, cuja prepotência, mancomunada com a chicana dos mentores, torce à mercê dos interesses partidários, os seus mais salutaes dispositivos?

A quejandos regimes constitucionais, confesso-o candidamente, prefiro, mil vezes, um governo como esse, que há cerca de onze anos, vem regendo e felicitando os destinos do povo brasileiro.

Disse o filósofo grego que o juiz deve ser a Justiça animada: V. Excia., Senhor Presidente, tem sido a nossa constituição animada, e animada do verdadeiro espírito de brasilidade, que é a alma do Brasil, deste Brasil, que como bem disse V. Excia., « nasceu sob o signo da Cruz. »

Não se faz mister repetir aqui o que já disse a lhures, fatos aliás notórios, a comprovarem exuberantemente como o atual governo da República tem prestigiado a Igreja Católica. Um acontecimento, entretanto, não devo e nem quero passar em silêncio, porque tenho a impressão de que, se me calasse, clamariam estes muros da catedral, tão recente é ele, e tão inédito nos anais litúrgicos da arquidiocese. Refiro-me à Pascoa dos Militares e dos Funcionários Públicos, que há três meses, pela primeira vez, se aqui celebrou, sob a arcada deste templo já vetusto e bicentenário.

São manifestações públicas de fé eucarística, que se vão felizmente incrementando nas várias unidades da Federação, graças a essa lídima noção de liberdade religiosa, introduzida pelo Estado Novo, noção muito diferente daqueloutra, em que somente o ateísmo gozava foros de cidade, vendo-se a religião nacional condenada a viver numa como penumbra anacrônica de catacumbas. Muito ao contrário, a legítima fórmula liberal não pode ser outra, senão esta: liberdade para todas as confissões religiosas, mas considerações especiais para aquela, que além de tudo mais, tem a seu favor o único privilégio republicano, que é a maioria democrática.

E' este, Senhor Presidente, o fim principal, que hoje aqui nos traz à face dos altares, sob as bênçãos da Imaculada Padroeira do Brasil, para rendermos solenes graças a Deus Todo-Poderoso: *Te Deum laudamus!*

A ocasião não podia ser mais propícia; é a visita de V. Excia. a Cuiabá, o primeiro Chefe do Estado Brasileiro, que se abalança até a nossa remota Capital, relíquia do heroísmo bandeirante, engastada, como um solitário de esmeralda, neste longínquo ocidente da Pátria, onde a voz poderosa de V. Excia. vai produzindo maravilha maior que todas as auroras boreais, porque teve a virtude de acender, não no oriente, mas em pleno oéste, uma aurora de progresso.

Assim é que vimos também agradecer ao Céu, os muitos benefícios de ordem moral e material, que por intérmio do fecundo governo de V. Excia., tem prodigalizado a Mato-Grosso, especialmente a Cuiabá e ao seu arcebispado.

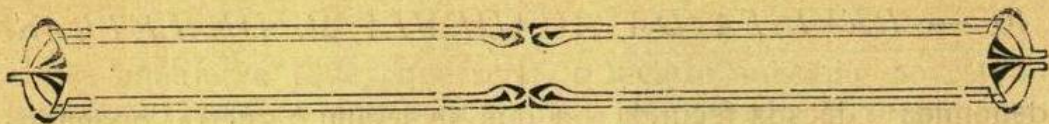
Quiz Deus, porém, numa dessas disposições, a que o Papa Pio XI costumava chamar elegâncias da Providência Divina, quiz Deus oferecer-nos mais um motivo de alegria, ao entoarmos hoje o hino da ação de graças. E' a eleição de V. Excia. para a Academia Brasileira de Letras; eleição, que realizada hoje, durante a sua fausta permanência em nosso meio, nos proporciona a honra da primazia nas homenagens ao novo imortal; eleição, enfim, que toca muito de perto a Cuiabá e ao seu Arcebispo: a Cuiabá porque a immortalidade acadêmica de V. Excia. ficará para sempre vinculada à nossa terra e à nossa gente; ao Arcebispo, porque lhe dá direito a chamar de colega, ao maior dos atuais Brasileiros.

Com estes pensamentos e afetos, Senhor Presidente, vamos cantar o Te Deum da primeira visita dum Presidente da República à nossa Capital, rogando numa mesma prece, ao Senhor Deus das Nações, que conserve longamente V. Excia. ao bem-estar e à glória do Brasil, e recompense largamente V. Excia. com os prêmios, que só Ele pode conceder, no tempo e na eternidade.

José de Mesquita

Presidente da A. M. L.

A ACADEMIA MATOGROSSENSE
DE LETRAS
(NOTICIA HISTÓRICA)



PARA se formar uma idéia nítida e segura do papel que vem exercendo, na evolução literária de Mato-Grosso, a “Academia Matogrossense de Letras”, mister se faz estudar-lhe os antecedentes históricos, através das várias associações que a precederam e que formam, por assim dizer, os elos que se concatenam uns aos outros, na corrente do desenvolvimento cultural do grande Estado. A Academia é a culminância de uma série conjugada de esforços e trabalhos de mais de uma geração e não ha como a isolar desse movimento de idéias, que vem se processando de longa data, podendo-se afirmar que a floração radiosa do presente embébe o seu encanto e haure o seu arôma no humus fecundo e escuro de um Passado remoto, onde se lhe aprofundam as raízes.

Um ensáio acerca desse espírito associativo em Mato Grosso, ou, melhor, em Cuiabá, a vetusta Capital que até bem pouco absorvia toda a vida intelectual matogrossense, permitiria remontar às origens remotas da Academia, que teve suas ancestrais em outras agremiações, como a ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA, que se incorporou mais tarde ao CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS, o qual, por sua vês, se transformou na atual ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS.

A ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA

Fruto da energia conjugada de meia dúzia de homens de boa vontade, a ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA apareceu num período que se pode dizer privilegiado da História Matogrossense, a década de 1880 a 1890, assinalada por um notavel incremento intelectual, que acompanha de perto a agitação político-social precursora da Abolição e da República.

Foi uma verdadeira renascença para a cultura da grande Província central o decênio oitentista do século XIX (1). Virgílio Corrêa Filho, o emérito ensaísta das “Monografias Cuiabanas”

denomina « década fecunda » a que se seguiu à guerra, podendo-se dizer que, realmente foi o período da sementeira, que veio abrolhar, opulenta, nos últimos dez anos do regime imperial (2).

Não ficou ainda suficientemente esclarecida a gênese da ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA. O douto efemeridista das "Datas Matogrossenses", Estevão de Mendonça, dá-lhe 21 de Outubro de 1884 como o dia da definitiva organização. Parece que realmente a eleição da sua primeira Diretoria se fez nessa data, conquanto a sua instalação sómente se efetuasse a 30 de Novembro seguinte. Os "Estatutos da Associação Literária Cuiabana", impressos na casa Laemmert, do Rio, em 1885, trazem a indicação final — Cuiabá, 11 de Outubro — sem precisar o ano, que deve ser 1884. Assinaram a Constituição do Grémio Literário, Emiliano de Oliveira Pinto, Antonio Pedroso Pompéu de Barros e Francisco Corrêa da Costa Sobrinho, dos quais o último apenas figura na nômima dos fundadores mencionados nas Datas (3).

Os livros da sociedade esclarecem, por outro lado, as dúvidas que poderiam surgir quanto à sua fundação, que "A Tribuna" de 6 de Dezembro de 1888 faz recuar a 1882, quando afirma haver a Associação Literária Cuiabana festejado, a 30 de Novembro daquele ano, o seu sexto aniversário. Todos os assentamentos sociais datam de Novembro de 1884, sendo de 10 desse mez os primeiros registos de despesa e receita e de 30 os primeiros lançamentos de saídas de livros da bibliotéca. A mesa eleita para o período inicial compunha-se de Antônio de Paula Corrêa (presidente), Joaquim José Ferreira da Silva (vice-presidente), Francisco Corrêa da Costa Sobrinho (secretário), e Antônio Modesto de Mello (tesoureiro). Essa Diretoria foi reeleita em 27 de Dezembro de 1885, para o ano a seguir, substituidos apenas o vice-presidente por Francisco Corrêa e este, na função de 1º secretário, por Flavio de Mattos (4).

A Associação Literária Cuiabana teve o seu período áureo de 1885 a 1894. É o que se depreende da leitura dos jornais coevos, do exame do seu arquivo, zelosamente conservado na Academia Matogrossense — sua sucessora e continuadora — e, ainda, do depoimento de antigos membros da extinta sociedade.

O livro de matrículas acusa, em 1892, 184 sócios, em 1894, 132, em 1895, 112, decrescendo sensivelmente a partir dessa data. Por outro lado, os livros de inventários das obras da Bibliotéca registam o mesmo diagrama ascencional até 1894, sendo em 1888 de 1010 o número de obras, para 1659 volumes, e, quatro anos após, de 1348 obras e 2485 volumes. Perdeu-se, infelizmente, o livro de atas da Associação Literária Cuiabana, correspondente

à fase anterior a 1893, que seria o melhor subsídio ao estudo daquele grêmio, no seu período mais próspero e de maior atividade. Existe no arquivo sómente um livro de atas relativo aos anos de 1893 a 1902, sendo a primeira sessão nele referida datada de 11 de Janeiro daquele ano e a derradeira de 21 de Dezembro deste último. Constan ainda do arquivo vários livros de visitas, que não são, como se poderia supor, de impressões dos frequentadores da séde, mas apenas o registo nominal dos que iam ler ou procurar livros na Bibliotéca, uma espécie assim de livro ponto, com a mesma disposição cronológica desses registos burocráticos.

Os demais são conta-correntes, balanços, escrita pertencente à vida financeira da Associação, trabalho minudente e fiel, que espelha ao vivo a dedicação e competencia do tesoureiro Faria Albernaz, cujas qualidades de retidão e zelo lhe valeram acumular, na sua época, tantas funções dessa natureza, que acabou sendo uma espécie de tesoureiro-nato e perpétuo de todas as sociedades do seu tempo. A renda se compunha da contribuição dos sócios, discriminada em jóia, à razão de 2\$000 e mensalidade, na importancia de 500 réis, de acordo com o art. 21 dos Estatutos. Conquanto pareçam hoje insignificantes semelhantes quótas, o certo é que a receita mensal, proveniente apenas de tais rubricas, chegou a produzir 207\$000 de 15 de Fevereiro a 15 de Março de 1885.

Instalada no sobrado da rua de Cima, esquina da travessa Voluntários da Pátria, a Associação Literária Cuiabana manteve-se ali até que foi transferida em 1885, para o próprio nacional do Largo da Sé, canto da rua 13 de Junho, onde funcionou até 1898, mudando-se esse ano para a rua Antonio João, fundos da casa Martiniano. Nesse prédio da rua Esperança foi que conheci, já em pleno declínio, a histórica sociedade, que se pode considerar a primeira tentativa de coordenação cultural em Mato-Grosso. Devo-lhe, posso dizer com segurança, a minha iniciação literária, feita precocemente aos 12 anos. Lembra-me como se fosse ontem. Iamos à noite, pelas 7 horas, trocar os livros já lidos por outros. Na meia sombra daquele canto de rua, com um acentuado aspecto colonial, em que um lampeão de querozene punha a sua claridade baça, destacava-se, imenso para a minha imaginação juvenil, o salão da Biblioteca. Aquelas sortidas noturnas, no recolhido ambiente da Cuiabá de antanho, tinham para mim o mistério velado de uma aventura. Às vezes, encontravamos ainda fechado o salão e era preciso esperar a chegada do porteiro o velho João Agostinho Martins, por automásia o Candimba. O que não li, ou melhor devorei, com esse apetite insaciavel da adoles-

cência, durante os dois anos ou três em que fomos assinantes da Associação Literária! Todo Macedo, Alencar, Dumas, Montepin, Ponson, Eschich, para falar somente nos de maior vulto, passaram-me pelas vistas e pela imaginação enfebreçada... e através das páginas do "Moço louro" ou das "Minas de Prata", dos "Moicanos de Paris" ou do "Cura da Aldeia", eu ia, menino e moço, desvendando os arcanos da vida e criando na minha mente os ideais românticos que lhe formam o substrato e nunca mais me abandonariam no resto da existência...

Já então, entre 1904 e 1908, a Associação Literária Cuiabana se arrastava em lenta decadência, à qual se seguiria um prolongado colapso, precursor do desaparecimento. Depois de ter prestado os maiores serviços à disseminação da cultura em Mato-Grosso, através da sua biblioteca, realmente notável para a época, e da articulação de elementos de valor da intelectualidade cuiabana, deveria a benemérita agremiação, numa longa agonia de cerca de vinte anos, vir a perpetuar-se na transferência que fez do seu patrimônio ao "Centro Matogrossense de Letras", fundado em 1921.

Conquanto o seu objetivo se resumisse na criação de uma bibliotéca « que lhe proporcione a diversão útil e agradável da leitura » (5), a Associação Literária Cuiabana irradiou os seus benéficos influxos no seio da sociedade cuiabana, que lhe deve — a par da "Sociedade Dramática Amôr à Arte", sua contemporânea — uma fase de vida intelectual apreciável e digna de registro.

Em seus derradeiros tempos, a Associação Literária Cuiabana se transferiu sucessivamente, da rua Antonio João para as ruas 13 de Junho (residência de Manoel de Faria Albernaz,) Joaquim Murtinho (hoje João Pessôa) no prédio da Inspeção da Higiene, e, finalmente, Ricardo Franco (em casa de Odorico Tocantins).

No louvável intuito de impedir o completo esfacelamento do acervo subsistente da velha Associação, cogitou o "Centro Matogrossense de Letras" em conseguir a incorporação ao seu cadastro do remanescente da Associação Literária Cuiabana. Para esse fim delegou poderes, em 1923, ao sócio Dr. João Barbosa de Faria, que, havendo encontrado certa relutância por parte de alguns dos responsáveis pelo espólio da Associação Literária Cuiabana, desistiu do intento, trazendo ao conhecimento do "Centro" o malôgro das negociações.

Pouco depois, em sessão de 6 de Abril de 1924, nomeou o presidente do Centro Matogrossense de Letras, uma comissão composta dos sócios Profs. Alcindo de Camargo, Filogonio Cor-

rêa e Antonio Fernandes de Souza, para promover os necessários passos junto da Diretoria da Associação Literária Cuiabana conducentes ao desiderato visado. Desempenhou-se essa comissão com muita felicidade do seu encargo, contando para esse resultado a bôa vontade do Presidente da Associação Literária, Major Manoel Ferreira da Costa. E no relatório de 7 de Setembro desse ano, a presidência do "Centro Matogrossense" podia referir com satisfação o fato auspicioso da incorporação das 425 obras, em 712 volumes, além do sólido e valioso mobiliário da Associação Literária Cuiabana, ao patrimônio do Centro. A dádiva preciosa, si, por uma parte, vinha opulentar a incipiente bibliotéca do "Centro", por outra salvava de completa ruína e desmantêlo total o resto do acervo da Associação Literária que assim não desapareceria senão em nome, prosseguindo vinculada à vida mental cuiabana — bem se lhe podendo aplicar à justa o expressivo dístico horaciano — das Odes — *Nom omnis moriar*. De todo não morrerei!

O CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS

O "Centro Matogrossense de Letras" assinala a fase característica da Renascença literária em Mato Grosso. Estabelecida, como ficou, em ligeiro ensaio histórico acerca da evolução da cultura das letras no grande Estado, a década de 1910 a 1920 como o marco limitador da éra contemporânea, o "Centro" vem justamente — tal a influência decisiva que exerceu nessa evolução — dividir a cronologia literária matogrossense em dois períodos bem distintos, que se podem definir: antes do "Centro" e depois do "Centro" (6).

Preparou-lhe propício terreno ao abrolhamento a "Revista Mato-Grosso" editada pelo Liceu Salesiano S. Gonçalo, magnífica colméia literária que congrega elementos intelectuais das mais variadas gerações, em tórno dos nomes prestigiosos do Padre Helvécio Gomes de Oliveira (hoje Arcebispo de Mariana) e, depois, do Padre Francisco de Aquino Corrêa (atual Arcebispo de Cuiabá).

Nas páginas dêsse mensário começaram a aparecer, a par de nomes consagrados como Costa Ribeiro, Ferreira Mendes, Firmino Rodrigues e outros, as revelações de uma nova pléiade de jovens escritores, poetas ou prosadores, destinados a formar o núcleo constitutivo da futura gremiação de letras na capital matogrossense. Ensejou, por outro lado, êsse alvorecer do gôsto artístico e literário, o período de prolongada calmaria política e

relativo bem estar, que gozou o Estado, depois das terríveis e muitas vezes sangrentas lutas partidárias de 1892 a 1906.

Um nova geração subia ao tablado da vida pública e essa «nova geração trazia uma profunda crença no futuro de Mato-Grosso, um culto extremado das suas grandezas e, quer na lira dos seus poetas, quer nas páginas dos seus prosistas, se afirma uníssona essa visão esperançosa de um porvir alviçareiro para a sua terra» (7).

Fatores de ordem econômica e social, como a alta da borracha, a inauguração da Noroeste, em 1914, as comemorações bicentenárias da capital, em 1918, trazendo, como consequência, um surto de vida e animação para a lendária cidade nortina, foram outros tantos componentes, que não podem ficar esquecidos, criando esse estado de receptividade, a que faltava apenas o *fiat* momentâneo para a criação. Logo ao início do decênio seguinte, em 1921, sob os auspícios do Bispo-Presidente, surgia, a 22 de Maio, o "Centro Matogrossense de Letras", precedido de pouco pelo "Instituto Histórico de Mato-Grosso" (1919) e pelo "Gremio Julia Lopes", de formação feminina (1916), todos os três destinados a prestar à cultura mental de Mato-Grosso os mais assinalados serviços (8).

A carta de convite para a reunião inicial, verdadeiro documento histórico, trazia a assinatura de José de Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamartine Mendes, realizando-se na casa do primeiro, à rua 13 de Junho, nº 173, os primeiros encontros entre os organizadores do plano e dos estatutos sociais.

Lançadas as bases do sodalício, cujo nome ficou logo asentado por maioria — apenas uma pequena minoria optara pela criação de uma Academia — agregaram-se como fundadores outros nove sócios, que foram D. Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça, João Cunha (já falecido), Virgílio Corrêa Filho, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Filogonio de Paula Corrêa, Cesário Prado, Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano (já falecido).

Esses doze, por sua vez, escolheram outros tantos que deveriam integrar o número de 24 cadeiras constitutivas do "Centro": — Ana Luiza da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, José Magno da Silva Pereira, (falecido), José Raul Vilá, Leovigildo Martins de Mello (falecido), Manuel Pais de Oliveira, Manuel Xavier Pais Barreto, Otávio Cunha, Palmiro Pimenta e Ulisses Cuiabano.

A sessão de instalação solene do "Centro" se efetuou, em memorável tertúlia, no dia 7 de Setembro de 1921, no salão no-

bre do Palácio da Instrução, presidida pelo próprio Chefe do Estado, e seu Presidente de honra, D. Aquino Corrêa, que produziu uma oração magistral, traçando os rumos e o programa da novel sociedade. Logo no ano seguinte lançou o "Centro" a sua "Revista", de que foram publicados com rara pontualidade, 22 números — de 1922 a 1932 — e deu início à série de conferências e estudos, que, proferidas em animadas e concorridas sessões lítero-musicais, muito têm contribuído para a elevação da cultura e do bom gosto no seio da gente cuiabana.

Cada um dos membros do "Centro" se obrigara a fazer, pelos Estatutos, o elogio do seu patrono, estudar-lhe a vida, a obra, a época da atuação. Foram assim proferidas, no lapso de 11 anos, de 1921 a 1932, as 18 seguintes conferências de estudos patronícos: JOAQUIM MURTINHO, por Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, (26 de Novembro de 1921); ANTONIO CORRÊA DA COSTA, por Virgílio Corrêa Filho (12 de Janeiro de 1922); ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA, por Cesário Prado (2 de Maio de 1922); JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA, por Filogonio de Paula Corrêa (14 de Agosto de 1922); LUIZ D'ALINCOURT, por Antonio Fernandes de Souza (17 de Fevereiro de 1923); P. ERNESTO CAMILLO BARRETO, por Ovidio de Paula Corrêa (21 de Abril de 1923); JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES, por Alcindo de Camargo (7 de Setembro de 1923); MANUEL ESPERIDIÃO, por Otávio Cunha (12 de Outubro de 1923); VEIGA CABRAL, por Palmiro Pimenta (29 de Maio de 1924); FREDERICO PRADO, por João Cunha (7 de Fevereiro de 1925); JOSÉ TOMAZ, por Cesário Neto (6 de Junho de 1925); P. JOSÉ MANUEL DE SIQUEIRA, por D. Aquino Corrêa (12 de Dezembro de 1925); PIMENTA BUENO, por Alírio de Figueiredo (17 de Setembro de 1927); COUTO DE MAGALHÃES, por José de Mesquita (31 de Outubro de 1928); JOAQUIM MENDES MALHEIROS, por Francisco Mendes (13 de Dezembro de 1930) e JOSÉ BARBOSA DE SÁ, por Leonidas de Matos (20 de Fevereiro de 1932).

Os patronos das cadeiras n^o 5, 10, 15 e 16, respectivamente P. Ernesto Camilo Barreto, Joaquim Murtinho, P. José da Silva Guimarães e José Tomaz, tiveram, em virtude do afastamento dos primeiros ocupantes, novo estudo feito pelos sócios Nilo Póvoas, Oscarino Ramos, D. Maria de Arruda Müller e Olegario de Barros.

Não se limitou o "Centro" a essa série de estudos sobre os paraninfos das suas cadeiras: várias outras conferências foram dadas, tendo como tema BILAC, por José Raul Vilá (28 de Dezembro de 1921); MACHADO DE ASSIS, por Cesário Prado (29

de Setembro de 1924) e NUNO DE ANDRADE, por Isác Póvoas (28 de Dezembro de 1927).

A par da "Revista" e das conferências, desenvolvia ainda o "Centro" a sua actividade mantendo animadas "horas literárias", para leitura de trabalhos dos seus associados, a partir de 25 de Outubro de 1925. A sua Biblioteca, iniciada logo após à fundação, em 1921, prestou, por outro lado, apreciáveis serviços à cultura cuiabana, franqueada à leitura pública, conforme ficou estabelecido desde a sua instalação.

Facilitando o intercâmbio mental com as outras unidades da Federação, mantinha o "Centro" ativa permuta de publicações com sociedades congêneres, do mesmo passo que organizava escolhido corpo de correspondentes em todos os Estados brasileiros. Empenhado nas obras de civismo, bem como nas de filantropia, promoveu, com o concurso de outras agremiações, como o Instituto Histórico e os Grêmios "Julia Lopes" e "Castro Alves", mais de um festival comemorativo de efemérides pátrias ou visando favorecer instituições de caridade e assistência social.

A obra do "Centro Matogrossense de Letras", em pouco mais de uma década, avulta aos olhos superficiais ou observadores e prossegue, sem o menor hiato, mantida actualmente por sua continuadora, que é a "Academia Matogrossense de Letras" — e que hoje arregimenta em seu seio os elementos mais representativos da intelectualidade do grande Estado.

A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Foi a 15 de Agosto de 1932 que, mediante proposta subscrita por 19 dos membros do "Centro Matogrossense de Letras" se resolveu, na forma do art. 22 dos respectivos Estatutos, transformar-se o mesmo "Centro" em "Academia Matogrossense de Letras". Justifica-se a proposição com a vitalidade ostentada pela agremiação literária, em onze anos de trabalhos e bem assim pela idéia da possível federação das Academias estaduais, tendo por mira « um mais estreito concurso e uma cooperação mais eficiente no sentido do desenvolvimento intelectual do país. » Aprovada unanimemente a indicação, foi instalada, em memorável sessão, levada a efeito a 7 de Setembro do mesmo ano, a "Academia Matogrossense de Letras". Manteve-se-lhe o mesmo número de cadeiras e quasi que a feição estrutural da sociedade que a precedera. Os novos Estatutos, promulgados a 22 de Abril de 1933, declaram no seu art. 1º, que a Academia « à cuja categoria se elevou o "Centro" homônimo, ao qual ela substitue, sucede e



Casa BARÃO DE MELGAÇO
SÉDE DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

continua, conserva a mesma séde e a mesma finalidade, que é promover e intensificar a cultura da língua e literatura nacionais».

Em substituição à "Revista do Centro Matogrossense de Letras", surgiu em 1933, a "Revista da Academia Matogrossense de Letras", da qual já foram editados os volumes I a XVI, correspondentes aos anos de 1933 a 1940.

A séde social, doada pelo Estado, é a "Casa Barão de Melgaço", nobre e belo edifício, cuja história se liga à vida do grande Leverger, o bretão cuiabanizado, na expressão feliz de Virgílio Corrêa Filho.

Mantem ali a Academia a sua bibliotéca, já constituída por cerca de 2.000 volumes, além de farta messe de publicações periódicas. No seu "salão nobre", um dos mais amplos e belos da Capital matogrossense, construído recentemente, nas administrações Fenelon Müller e Mário Corrêa, se acha iniciada a galeria dos patronos, já constituída por dezeseis dos vultos notáveis ligados à História e à cultura conterrânea.

DA UTILIDADE DA ACADEMIA

Excusa insistir nos benefícios que à cultura matogrossense tem trazido a Academia de Letras. Êles se patenteiam ao mais rápido exame. A divulgação de trabalhos dos escritores do quasi desconhecido Estado central seria, por si só, serviço benemérito. Outros, porém, tão relevantes como êsse, se enfileiram, no cadastro do grêmio beletrístico. O desenvolvimento da cultura e do gôsto artístico, despertando, com os seus festivais, vocações



O PRESIDENTE DA ACADEMIA DESEMBARGADOR
JOSÉ DE MESQUITA EM SEU GABINETE DE TRABALHO

musicais e declamatórias; o amparo à expansão das artes, tendo patrocinado o primeiro *Salão de Pintura* organizado, em 1935, em Cuiabá, pelo Prof. Jorge Bodstein; o intercâmbio acentuadamente crescente entre os vários municípios do Estado e entre os diversos Estados; o surto animador que a Academia vem emprestando à bibliografia matogrossense hoje relativamente avultada; a irradiação da sua Revista e o papel desempenhado, na divulgação das boas letras, por sua biblioteca — são outros tantos inestimáveis concursos que a Academia Matogrossense de Letras traz à grande tarefa educacional e cultural, hoje tão preconizada no Brasil. No tocante à contribuição bibliográfica dos acadêmicos matogrossenses, citam-se, *corrente calamo*, as seguintes obras, muitas das quais editadas mesmo na capital do Estado:

D. Aquino Corrêa — Odes (compreendendo Psalmódias, Melodias, Rapsódias); Terra Natal (poesias); Flôr d'aleluia (poemeto); Discursos; Castro Alves e os Moços (estudo crítico); Uma flôr do clero cuiabano (biografia) além de grande número de conferências, orações, pastorais, etc.

José de Mesquita — Poesias (do Amôr, da Natureza, do Sonho e da Arte); Terra do berço e Da Epopéa Matogrossense (versos); A Cavalhada e Espelho de Almas (contos); Elogios do Dr. Antonio Corrêa e do General Caetano de Albuquerque; O Taumaturgo do sertão e João Poupino Caldas (ensaios biográficos); O Catolicismo e a Mulher, Um Paladino do Nacionalismo, Semeadoras do Futuro (conferências); Piedade, (romance) etc.

Lamartine Mendes — Serras e pantanais e Aguas passadas (poesias).

Alírio de Figueiredo — Poesias e Poemas e Poeira.

Antonio Tolentino de Almeida — Ilusões douradas, A India Rosa, A Retirada da Laguna, A Retomada de Corumbá, etc.

José Raul Vilá — Rondonia (poemeto).

Arnaldo Serra — Aromita (versos) e Almas penadas (contos).

Virgílio Corrêa Filho — Mato Grosso, Notas à margem, As raias de Mato Grosso, Monografias Cuiabanas, Política de Mato Grosso, Questões de terras, etc.

Estevão de Mendonça — Datas Matogrossenses.

Filogonio Corrêa — Limites com Mato Grosso e Goiaz.

Antonio Fernandes de Souza — A Invasão Paraguaia em Mato Grosso.

Augusto Cavalcanti de Mello — Tabernáculo (versos) e as traduções de Hieronymus, Çunacepa, As Erinias e o Avarento.

- Cesário Prado* — Nótulas sobre alguns serviços fiscalizados pelas delegações do Tribunal de Contas.
- Franklin Cassiano* — Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato-Grosso.
- Nilo Póvoas* — A Política de Mato-Grosso e a Intervenção Federal, Esboço de História da Literatura Brasileira.
- Ovidio Corrêa* — Discurso de Recepção.
- Cesário Neto* — Discurso de Posse, Na pista de Rocinante, Teses (concursos de Português).
- Sóter Araujo* — Ex-tudo (versos).
- Generoso Ponce Filho* — D. Aquino Corrêa (discurso); Por Mato-Grosso na Federação.
- Severino de Queiroz* — Formulário ortográfico e No caminho do saber.
- Peri Alves de Campos* — Flôr do mato. Discromatopsias (tese).
- Carlos Vandoni de Barros* — Nhecolândia.
- General Rondon* — Estudos e Conferências que figuram na valiosa e grande bibliografia da Comissão Rondon e que constituem precioso repositório de informações sobre cousas matogrossenses. Ainda recentemente, vieram a lume no Rio várias obras matogrossenses, como o Pelo Brasil Central, de Frederico Rondon e Arêtorare, versos de Lobivar Matos (9).

O surto promissor da bibliografia matogrossense se deve, inquestionavelmente, ao bafejo da Academia (antes "Centro") a par das outras sociedades congêneres existentes no Estado, notadamente o Instituto Histórico e o Grêmio "Julia Lopes" — que ambos mantêm seu órgão na imprensa: a Revista do Instituto e a Violeta. Fóra da Capital, são dignos de nota, como propulsores da vida intelectual, o Gabinete Coruinbaense de Leitura e a Sociedade da Biblioteca de Campo-Grande.

A FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS

Velha aspiração dos que mourejam nas letras, a Federação das Academias de Letras, concretizada em feliz realidade no 1º Congresso das Academias de Letras do Brasil, teve os seus precursores na pessoa de Mario Mello, em 1928, nas colunas do "Diário de Pernambuco" e do autor deste ensaio que, na folha "A Cruz", a 24 de Junho d'aquela ano, secundou tal iniciativa. Não vai vanglória, senão que o simples desejo de registrar um fato, nessa assertiva.

Do mesmo passo que, em Mato-Grosso, nos coube a fortuna de lançar pelo jornal "O Povo" na sua tiragem de 29 de Outubro de 1916, em artigo sob o título "Uma idéa", o germe de que abrolhou um lustro mais tarde, o "Centro Matogrossense de Letras", também aprouve à Providência, que ao companheiro de Mario Mello na campanha de 1928, tocasse apresentar e justificar, oito anos após, o projeto de fundação da Federação das Academias.

Empresas são essas que, no plano da cultura regional ou na esfera, mais ampla, da inteligência nacional, redundam em títulos de nobre ufania, que se pódem exhibir como pergaminhos, para incentivo dos que nos trazem, com o sangue, a responsabilidade da herança mental.

Vitoriosa a idéia, incumbiu-se-nos ainda, com Benjamim Lima, Alvaro Bomilcar, Raul Monteiro e Waldemar de Vasconcelos, a feitura dos Estatutos da instituição recenciada, à qual a Academia Matogrossense foi das primeiras a aderir, constituindo seus Delegados na pessoa dos seus prestantes consócios Virgílio Corrêa Filho e João Barbosa de Faria.

NOVA TRANSFORMAÇÃO

Á reforma de 1932, que converteu o "Centro" em "Academia", deveria seguir-se, em 1940, outra, pautando-lhe os Estatutos pelas normas estabelecidas no Código das Academias, promulgado a 31 de Dezembro de 1939.

Assim é que, em virtude da padronização dos institutos filiados à Federação, a Academia Matogrossense votava a 28 de Agosto de 1940 os seus novos Estatutos, elaborados por uma Comissão composta dos académicos Filogonio Corrêa, Francisco Mendes e Ulisses Cuiabano.

Entre as mais importantes alterações introduzidas na organização da Academia, apontam-se as seguintes:

- I) — Elevação das cadeiras de 24, que eram, a 30;
- II) — Estabelecimento da exigência da nacionalidade brasileira para os patronos;
- III) — Fixação em 50 do número de membros correspondentes, devendo ser escolhidos entre pessoas residentes no Estado;
- IV) — Adopção da grafia oficial;
- V) — Modificação do quadro dos patronos, passando a prevalecer a ordem cronológica em vez da alfabética, antes seguida.

Como solução de emergência, imposta pelas circunstâncias do meio, houve por bem a Academia, mediante aprovação da Federação, conservar, no quadro atual dos patronos, aqueles que, de nacionalidade outra, prestaram relevantes serviços à Cultura Brasileira e, no dos correspondentes, os membros residentes no Estado, que seriam aproveitados nas vagas que se dessem no quadro efetivo.

Também por necessidade de ajustar-se às condições locais, manteve-se no art. XI dos Estatutos, não obstante o art. 15 do Código, a disposição anterior que, ressalvado o caso de se tratar de fundador, transfere para a categoria de correspondentes os membros efetivos que mudarem definitivamente a residência para fóra do Estado.

OS QUADROS ATUAIS

Ante a reorganização por que passou a Academia, sofreram os quadros sociais grandes modificações.

Para as 6 cadeiras criadas foram eleitos patronos os escritores matogrossenses Aquilino do Amaral, A. Tolentino de Almeida, Armindo de Oliveira, Caetano de Albuquerque, José de Mesquita, (senior) e Pedro Trouy, sendo escolhidos para as referidas poltronas: Ovídio de Paula Corrêa, Cesário Neto, Rosário Congro, Severino de Queiroz, Ana Luiza Prado Bastos e Luiz Feitosa Rodrigues, alguns dos quais já figuravam como efetivos ou como correspondentes.

Novas alterações vieram trazer ao quadro social os sentidos passamentos dos acadêmicos fundadores Franklin Cassiano da Silva e João Barbosa de Faria, sendo o primeiro substituído por Ulisses Cuiabano, e vaga ainda se achando a cadeira que era ocupada pelo último.

Seguem-se, na sua atual organização, os quadros dos acadêmicos efetivos e correspondentes:

- I) — Elevação das cadeiras de 24 para 30
- II) — Estabelecimento da exigência de nacionalidade brasileira na
- III) — Fixação em 60 do número de membros correspondentes
- IV) — Adopção de carta oficial
- V) — Modificação do quadro dos patronos passando a prevale-
- VI) — Estabelecimento de ordem cronológica em vez de alfabética, antes seguida.

QUADRO DOS ACADÊMICOS E PATRONOS, DE 1921 A 1941

N. da cadeira	PATRONOS	Datas da vida do Patrono	OCUPANTES	Data nata-ocupa-nte	Data da eleição	OBSERVAÇÕES
1	José Barbosa de Sá	17. .—1776	1) Manoel Pais de Oliveira 2) Leonidas Antero de Mattos 3) Benjamin Duarte Monteiro Miguel Carmo de Oliveira Mello D. Francisco de Aquino Corrêa 1) Manoel Xavier Paes Barreto 2) Alcindo de Camargo 3) E. Maria de Arruda Müller Antônio Fernandes de Souza	1885 1894 1909 1885 1892 1898 1879	1921 1931 1936 1921 1921 1923 1930 1921	Corresp. desde 1931 † a 8-4-1936 Presidente de honra Corresp. desde 1923 Corresp. desde 1930 Vice-Presidente
2	Ricardo Franco de Almeida Serra	1748—1809	Palmiro Pimenta	1891	1921	
3	José Manuel de Siqueira (Padre)	1750—1825	Estevão de Mendonça	1870	1921	
4	José da Silva Guimarães (Cônego)	1780—1844	1) Leovigildo Martins de Mello 2) Ovidio de Paula Corrêa 3) Nilo Póvoas 1) Augusto Cavalcanti de Melo 2) Francisco Alexandre Ferreira Mendes	1889 1878 189 1864 1897	1921 1922 1930 1921 1930	† a 4-8-1922 Corresp. desde 1930 Corresp. desde 1930 2º. Secretário
5	Luís d'Alincourt	1787—1841				
6	Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral	1800—1862				
7	Barão de Melgaço	1802—1880				
8	Ernesto Camilo Barreto (Padre)	1828—1896				
9	Joaquim Mendes Malheiros	1830—				

10	Antonio Augusto Ramiro de Carvalho	1833—1891	1) Franklin Cassiano da Silva	1891	1921	† a 9-6-1940
11	João Severiano da Fonseca	1835—1897	2) Ulisses Cuiabano	1891	1940	
12	Francisco Antonio Pimenta Bueno	1836—1888	Carlos Gomes Borralho	1878	1921	
13	José Vieira Couto de Magalhães	1837—1898	1) José Magno da Silva Pereira	1848	1921	† a 12-5-1927
14	José Estevão Corrêa	1840—1917	2) Alirio Césario de Figueiredo	1892	1927	
15	Visconde de Taunay	1843—1899	José Barnabé de Mesquita	1892	1921	Presidente desde a fundação
16	Aquilino Leite do Amaral Coutinho	1845—1911	Filogonio de Paula Corrêa	1886	1921	1º Secretário
17	Amâncio Pulquerio de França	1846—1881	João Barbosa de Faria	1878	1921	† a 17-7-1941
18	Joaquim Duarte Murinho	1848—1911	Ovidio de Paula Corrêa	1878	1940	
19	José Barnabé de Mesquita (Senior)	1855—1892	José Raul Vilá	1899	1921	
20	Caetano Manoel de Faria e Albuquerque	1857—1925	1) Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa	1878	1921	Corresp. desde 1923
21	Antônio Corrêa da Costa	1857—1920	2) Oscarino Ramos	1891	1923	
22	Manoel Espiridão da Costa Marques	1859—1906	D. Ana Luiza Prado Bastos	1896	1940	
23	José Delfino da Silva	1860—1900	Severino Ramos de Queiroz	1887	1921	
24	Francisco Catarino Teixeira Brito	1861—1881	Virgilio Alves Corrêa Filho	1884	1921	
25	José Tomaz de Almeida Serra	1860—1889	Otávio da Cunha Cavalcanti	1895	1921	Corresp. desde 1924
			Lamartine Ferreira Mendes	1896	1924	Tesoureiro
			1) D. Ana Luiza P. Bastos	1886	1921	Corresp. desde 1925
			2) Isac Póvoas	1902	1925	Renunciou em 1930
			1) Ulisses Cuiabano	1890	1930	
			2) Antônio Césario de Figueiredo Neto			
			3) Olegario Moreira de Barros			

Quadro dos membros correspondentes

1940	1921	1921	1933	1940	1940
.....	1891	1871	1888	1902
Luiz Feitosa Rodrigues	Cesário Corrêa da Silva	Prado	1) João Cunha	2) Amarílio Novis	Antônio Cesário de Fi- gueiredo Neto
1872—1926	1873—1916	1874—1911	1876—1938	1882—1918	
Pedro Trouy	Antônio Vieira de Almeida	Frederico Augusto Prado de Oli- veira	Antônio Tolentino de Almeida	Armindo Maria de Oliveira (P.)	
26	27	28	29	30	

Dentro do Estado:

Carlos Castro Brasil	Corumbá
João Christião Carstens	«
Arlindo de Andrade	Campo Grande
Cecílio Rocha	«
Jaime de Vasconcelos	«
Nicolau Frageli	«
Peri Alves Campos	«
Raimundo Maranhão	Lageado

Fóra do Estado:

Afonso Costa	Rio
Arnaldo Serra	«
Augusto Cavalcanti	«
Carlos D. Fernandes	«
Carlos Vandoni de Barros	«
Diocleciano Martins de Oliveira	«
Domingos Barbosa	«
Fabio Lima	«
Generoso Ponce Filho	«
Haroldo Daltro	«
Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa	«
José Vitorino de Lima	«
Lobivar Matos	«
Manoel Pais de Oliveira	«
Manoel Xavier Pais Barreto	«
Soter Caio de Araujo	«
Ytrio Corrêa da Costa	«
Cleomenes Campos	S. Paulo
Generoso de Siqueira	«
Iturbides Serra	«
Laurindo de Brito	«
Monteiro Lobato	«
Glicério Póvoas	Marília (S. Paulo)
Alcindo de Camargo	Baía
Xavier Marques	«
Alvaro Maia	Amazonas
Gaspar Guimarães	«
Henrique Santa Rosa	Pará
Henrique Castriciano	R. G. do Norte
Adalberto Marroquim	Alagoas
Mario Sette	Pernambuco
Elpidio Pimentel	Vitória
Mucio da Paixão	Niteroi
Cicero Sampaio	Aracajú
Sebastião Fleuri Curado	Goiás
Ari Martins	Porto Alegre

OS PLANOS DA ACADEMIA

Não será inoportuno gisar, em linhas gerais, os planos que pretende pôr em prática a Academia, na execução do seu programa cultural. São êles:

- I) Organizar, nos núcleos mais importantes do Estado, centros literários dotados de bibliotecas e órgãos de publicidade;
- II) Favorecer a publicação de trabalhos de seus membros e iniciar desde que possível as séries — “ESTUDOS ACADÊMICOS”;
- III) Manter na sua séde uma “ESTANTE MATOGROSSENSE”, constando de obras de autores ou têmeas matogrossenses;
- IV) Prosseguir na série de conferências culturais, visando o estudo dos patronos e em geral da Historia de Mato-Grosso;
- V) Promover constante e eficiente intercâmbio com as congêneres filiadas à Federação, e com outras sociedades culturais nacionais ou estrangeiras por meio não só de permuta de publicações como, em sendo possível, de visitas recíprocas, em que se farão conferências e palestras de propaganda;
- VI) Incentivar os estudos de “folk lore” local e bem assim as manifestações de arte regional.

DIREÇÃO DA ACADEMIA

Acha-se assim organizada, no biênio de 40-42, a administração da Academia Matogrossense de Letras:

PRESIDENTE

José de Mesquita

VICE-PRESIDENTE

Palmiro Pimenta

SECRETÁRIOS

Iº) — Filogonio Corrêa

IIº) — Francisco Mendes

TESOUREIRO

Isác Póvoas

COMISSÃO DE REVISTA E BIBLIOGRAFIA

D. Maria Müller

Oscarino Ramos

Amarilio Novis

COMISSÃO DE CONTAS E ORÇAMENTOS

Olegário de Barros
José Raul Vilá
Antonio Fernandes de Souza.

A Academia tem como seu Presidente de Honra o Arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa, à cuja prestigiosa atuação muito deve, desde a sua fundação (10).



O SALÃO NOBRE DA ACADEMIA MATOGROSSENSE

NOTAS

- 1) *V. Corrêa Filho* — Questões de ensino, 31.
- 2) *Mesquita* — Um homem e uma época, in Rev. I. H. de Mato Grosso, XII.
- 3) *E. Mendonça* — Datas Matogrossenses, II, 325.
- 4) *A Tribuna*, de Cuiabá, de 31 - 12 - 85.
- 5) *Estatutos da A. L. C.*, art. 1º.
- 6) *Mesquita* — Epítome da Historia Literária de Mato Grosso, na Rev. da A. M. L., I.
- 7) Idem, *ibid.*
- 8) Além desses seriam para mencionados outros, já extintos, v. g. o Clube

- Minerva, o Amor à Arte, os Gremios *Castro Alves*, *José de Mesquita*, etc.
- 9) Alguns desses não são membros da Academia, mas força é convir que ao influxo exercido por ela se deve o surto atual das letras matogrossenses.
- 10) Para o histórico da A. M. L. se registam ainda estas datas — *Reconhecimento da utilidade pública*: lei 1079 de 1930; *Doação da casa Barão de Melgaço*: decs. 718, de 14-1-1926 e 1º, de 23-11-30. Escritur ade 15-4-31 (2º cartorio, de João Pereira Leite); *Registo da Academia*: Protocolo 1784, nº 60, de 27-9-40 (1º cartorio, de Carlos Ferreira da Silva).



Cadeira n. 15

A 14 de julho deste ano, faleceu, no Rio de Janeiro, o fundador e ocupante da cadeira n. 15, acadêmico João Barbosa de Faria. Fôram-lhe prestadas as mais expressivas homenagens, devidas ao seu alto merecimento. A Revista da Academia insere, hoje, em suas páginas, como justo preito à memória do saudoso escritor, os trabalhos dos acadêmicos Cesário Prado, V. Corrêa Filho e José de Mesquita, escritos por ocasião do seu sentido passamento.



IN MEMORIAM

JOÃO BARBOSA DE FARIA

por

Cesário Prado

Faroleiros — Escritores !

Não sei de simile mais impressionante e vivo do que esse que, em esboço de largas pinceladas e com as côres mais fulgidas da sua admiravel palheta, fez Humberto de Campos entre os escritores nacionaes, na maior parte em posição de penumbra, e esses desconhecidos faroleiros, colocados em pontos remótos e escondidos na extensa linha da nossa orla maritima, com a missão de conservarem sempre erguida e acesa sua pequenina luz por sobre as praias obscuras e os abrolhos perigosos.

Quando se apaga o olho luminoso e não se ouve mais o grito de luz que das costas nos chama, é que também cerrou os olhos para a vida o humilde heroe que no seu casinhoto escondido na aba das penedias ou na praia de uma angra fechada e oculta, penava desprovido de humano convívio, mas perseverava diligente na sua tarefa de zelar pelo oleo, subir pela torre do fanal

e não faltar ao seu dever, rival ao das estrelas, de aclarar as rôtas do mar...

É então necessário e justo render-se ao desconhecido e abnegado servidor, sepultado nas suas amadas e brancas areias, o nosso comovido preito, louvando a trajetória da sua luz com que se emparelhou com a marcha dos astros, levando-nos a salvo e seguro em porto bonançoso.

João Barbosa de Faria foi um desses de nome pouco conhecido fóra do ambito das suas atividades espirituaes e que todavia nem por isso deixava de trazer sempre ao alto o facho da sua luz...

Cuiabá, esse monumento da civilização portugueza, plantado em pleno coração do nosso continente sul-americano, é tambem como uma estreita angra, longínqua e quasi ignorada, e que entretanto tem emprestado o seu contingente de luzes em sucessões de gerações com inegaveis e valiosos serviços á patria comum.

Desde que ha uma centuria madrugou para a vida da intelligencia, passando a possuir educandarios de segundo gráo de instrução, o Seminário, a escola normal e, em sucessão o liceu cuiabaño e depois o liceu salesiano, ela tem preparado para as faculdades do ensino superior do paiz pugilos de jovens que se ilustraram e seguiram com destaque as diversas carreiras liberaes, grangeando renome na marinha, no exercito, na magistratura e no magisterio superior, na medicina, na engenharia, no politica nacional, em todos os departamentos da classe dirigente e pensante da nação, concorrendo valiosamente para o engrandecimento e defeza do Brasil, procurando como que com o braço e a intelligencia dos seus filhos, retribuir Mato-Grosso á mãe generosa as dadivas que lhe deve.

Não ha como estabelecer meças de valor e merito entre os diversos fócios que despertam e conservam alen-

to e ardor á intensa vida intelectual em Cuiabá. Dentre os nucleos que de inicio prestam estímulo ás vocações de ordem cultural, abrindo-lhes as veredas estreitas para collocal-as em passos mais seguros e em mais amplos caminhos, conta-se por certo a Academia Mato-Grossense de Letras, onde no seu convivio não ha apenas o jogo floral e frivolo das frases pulcras ou onde apenas os seus componentes é que progridem pelo comum estímulo da troca de idéas, e d'ahi o crescimento da produção de cada qual em volume e perfeição de fôrma e graça, na liberdade plena de todos os pendores esteticos, mas abrindo a nossa Academia as paginas da sua revista e o seu recinto, com carinhoso patrocínio, a todas as incipientes tendencias literarias, mal sahidas dos bancos escolares, ela opera a régua e o orvalho dessas plantas espirituaes que de futuro desabrocham em flôres e frutos, para o adorno e enriquecimento do sólo patrio.

Pois bem, João Barbosa de Faria foi o bom obreiro dessa officina, modesta porem de inconcusso alcance, só negavel pela obtusidade da ignorancia, incapaz de enxergar no porvir os resultados maravilhosos da cultura da intelligencia correndo par e passo com o surto do enriquecimento material das colectividades, em qualquer setor da sua economia, nas artes, nas industrias, em todos os confortos da civilização moderna, toda edificada em bases de ciencia...

Quando, lá se vão quasi tres decadas, no entusiasmo e esperança da juventude lóuça, apenas concluido seu curriculo academico na tradicional escola de S. Paulo, com o renome de campeão das distincções e destaque no grupo de Ribeiro de Couto, Menotti del Picchia, Rosario Fusco, Laurindo de Brito, de regresso á nossa terra, lançava, José de Mesquita, no periodismo local, a suggestão da necessidade de crear-se em Cuiabá uma sociedade de homens de letras, com feição porêm dife-

rente das congeneres do paiz, a semente do seu ideal caia em terreno preparado para vingar. D. Aquino, com as suas odes e as fulgurações do seu talento verbal, já atraia a admiração do paiz para o fenomeno do surto de uma delicada e gracil flôr espiitual num ponto tão longinquo da metropole; Mesquita, com o seu primeiro livro de versos, Augusto Cavalcanti, com o prestigio da autoria do "Tabernaculo", Otavio Cunha com a coleção de seus vibrantes sonetos, publicados por seus colegas de turma da faculdade de Recife em homenagem ao seu fulgido estro, Lamartine Mendes, Franklin Cassiano, Ulisses Cuiabano, Raul Vilá, que apenas entrava na adolescencia estampava o seu poema epico a Rondon, formavam a pleiade de poetas em torno do astro mór; esses outros poetas, como Alyrio de Figueiredo e Oscarino Ramos, mas então talvez ausentes, constituíam, sem duvida, elementos proprios para que a nebulosa tomasse corpo, mas todavia ainda nos faltavam representantes de outros ramos das plantas que devem formar um jardim academico. Onde buscar-se um novelista ou um conteur, como encontrar-se na prosa autores de obras de ficção e imaginação, no sentido restrito da literatura, na acepção exclusiva de belas letras?

Havia outra ala de dedicados ás belas cousas do espirito: era a dos nossos historiografos. Estevão de Mendonça com o volume das suas "Datas" e mantendo sempre acesa a lampada votiva do seu culto á memoria de Leverger; Antonio Fernandes de Souza o seu antigo companheiro da publicação do *Arquivo*; Virgilio Corrêa que rivalizando com a instantaneidade do telegrafo compunha magistraes estudos sobre estadistas nacionaes á vespera desaparecidos e os publicava no mesmo numero da "Gazeta Oficial" que nos trazia a noticia telegrafica, e já dava a lume as primeiras paginas da sua monografia sobre Mato Grosso por solicitação do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, que an-

gariava subsidios para o seu "Dicionario"; João Barbosa de Faria com os seus estudos sobre os tempos conturbados da nossa adesão á Independencia; todos os dessa álea nobremente aderiram á idéa de Mesquita e assim de inicio nos reunimos doze: que, em Cuiabá, com suas peculiares condições, já eram muito e todavia este muito era mui pouco...

Nascia assim a nossa Academia com a denominação de centro literario, para ser o coordenador de todas as atividades mentaes, sem fronteiras entre artes e ciencia, que estas não são forças hostis que se repelem, mas todas convergem e se unificam como a religião e a filosofia, para elevar o homem na escala do conhecimento e o conduzir na senda da perfeição, que é afinal o destino unico de toda vida humana...

Barbosa de Faria que foi uma vida inspirada, impelida e norteadada pelo ideal do estudo com fins de elevar-se nessa escala e trilhar essa senda, além de com a sua assinatura no convite para a primeira reunião, de parceria com dois poetas, Mesquita e Lamartine, dar-nos o nobre exemplo da sua impavidez em afrontar a onda de epigramas que costumam acolher as creações utopicas, prestou-nos o inestimavel concurso de delinear a planta, fazer a traça, lançar os alicerces do edificio modesto que cuidavamos levantar para a geração do futuro, pois que a ele e seus dois companheiros demos o encargo da elaboração dos nossos estatutos, tarefa de colaboração de que se desincumbiu com galhardia como na sua discussão revelava modelo de amabilidade, modestia e ponderação, virtudes de equilibrio e brilho do seu espirito.

Deve pois a nossa Academia *magna pars* do seu florecimento ao paciente beneditino que não abandonando as pesquisas nos nossos arquivos donde faria resurgir para a vida os heroes da epopéa da formação de Mato-

Grosso, não desdenhava em vir dar o valioso contingente da sua culta intelligencia aos nossos labores destituídos de praticidade immediata, acoimados de pueris divagações. Si a historia das velhas civilizações exige dos seus cultores insuperaveis qualidades de investigações em face da abundancia das suas fontes e a massa copiosissima da documentação, que de esforço admiravel, quanta paciencia e tenacidade, requer-se por parte dos ensaistas da historia de um grupo humano com dois evos apenas de existencia, um passado tão curto que parece até negar-se-lhe o possuir historia! Então o que se lhes depara a desanimar as forças é justamente um fator de molde diverso daquele, é a escassez dos documentos, a dispersão das memorias escritas, a falha ou inexistencia de arquivos autorizados, a desorganização e interrupção das publicações; a falta de indice das suas fontes memoria-listicas por parte dos primeiros que as compulsaram e que silenciam a respeito no intento de limitar a exclusivo privilegio proprio o estudo da historia local.

Outro escólho daquele passado tão breve é que as gerações aparentemente amortalhadas no silencio e no pó da tumba, ainda estão redivivas em sua recente decendencia no mesmo cenario da sua movimentação.

Barbosa possuia o tacto, a ponderação, um justo equilibrio de opiniões moderadas, com que sabia traçar perfis e bosquejar quadros do passado, sem ferir legitimas suscetibilidades e sem abdicar da imparcialidade e isenção de animo de toda a critica historica que aspire aos fóros de incontestante autoridade.

Chegados a este passo, é tempo de colher velas a nossa nau, como na sua facundia diriam os nossos velhos mestres da lingua, para agora indagarmos das linhas de origem ou formação de tão elevada personalidade mental.

De origem modesta e obscura que parecia delimitar-

lhe o âmbito das atividades no quadro de humilde ar-
tezanato, como notou Virgílio Corrêa no belo artigo do
“Jornal do Commercio” poucos dias após o seu trespas-
se, é de admirar-se como haja podido transpor os limi-
tes estreitos do seu berço.

Para explicar essa ascensão espiritual, temos que acei-
tar a original teoria de Fouillée sobre a psicofísica, a
dinamo-idéa, e sem repudiarmos a ontologia classica,
poderemos tentar uma explicação compreendendo que
Faria foi uma personalidade que se desenvolveu e cres-
ceu pela energia do seu grande ideal de saber e por
efeito de uma circumstancia favoravel com que o Crea-
dor de todas as creaturas ainda na sua meninice lhe a-
cendeu esse ideal.

Dae o alfabeto a um menino, dizia um grande educa-
dor inglez, e não podereis ver até aonde ele poderá
chegar. Eis ahi, belas e singelas palavras, adequadas a
servir de um lema de combate ao analfabetismo!

Como succedeu com Machado de Assis, as primeiras le-
tras foram postas nas mãos de Barbosa no linotipo de
uma tipografia, e foi catando-as nas caixas com que
compunha as colunas do “O Republicano”, que lhe des-
pertou a curiosidade da intelligencia, pondo-se a culti-
val-a em penoso autodidatismo, tão proficuo porêm que
poucos anos após já lhe autorisava o ingresso no cor-
po de redação do velho órgão cuiabano, onde ahi e
nessa qualidade o conheceu Fabio Lima, que lhe ia le-
var as primicias do seu estro juvenil e as inteligentes
recreações do seu gosto charadistico, nele encontrando
sempre um carinhoso estimulador de suas produções.

Nós o conhecemos noutro passo da sua vida. Recordo-
me que o vi pela primeira vez em visita ao meu teto
paterno e como tive as primeiras informações a seu res-
peito: — Como, não o conhece? E’ o Barbosa de Faria
que vae para o Rio com o fim de formar-se. Leia no

nosso almanaque o seu estudo sobre a navegação do Araguaya e os ingentes esforços de Couto Magalhães para inaugurar o seu empreendimento. O comendador Peixoto também tomou parte nesse serviço épico. Barbosa é um rapaz de talento que merece todo auxilio para o seu nobre desideratum, porque já está prestando com sua pena apreciaveis serviços á nossa terra e os prestará ainda mais valiosos quando completar seus estudos ...

Conta-se de S. Felipe Nery que, incumbido pelo papa para ir a um convento averiguar sobre rumores de estupendos milagres que vinham sendo realizados por uma jovem noviça religiosa, trazida esta á presença do prudente varão, foi este logo lhe ordenando lhes tirasse as botas e as limpasse da lama dos caminhos, no que não tendo sido obedecido pela freirinha que se mostrou altaneira, o santo tornou a cavalgar a sua mula e regressando ao vaticano, foi incontinente declarando ao Sumo Pontifice:

— Tranquelize-se, Santo-Padre, a monjasinha não possui a graça da humildade, e portanto não poderá operar milagres !

Valendo-se de um recurso que a espiritos tacanhos poderia afigurar-se humilhante, e que o fosse, era legitimo e aprovavel, Barbosa, com a sua subscrição, despiase de um orgulho também a justificar-se no tipografo que já se colocara em modesta carreira de funcionario publico postal e algumas vezes tomára assento entre o magisterio do liceu, para não frustrar se no desenvolvimento da sua personalidade inteletual.

E foi com emoção que mezes depois, correndo em casa de mão em mão uma fotografia de um grupo de conterraneos alunos da escola de medicina, meu dedo de menino apontou uma figura destacante e simpatica: — Vejam, este aqui é aquele João Barbosa ...

Era como um exemplo vivo que das lições dos primeiros livros escolares de educação moral, minha imaginação infantil descobria ufana, vendo, entre os moços de fortuna da minha terra, aquele que ha pouco partira com tão baldos recursos e começava a realizar os seus ideaes de estudo e progresso...

Mas, aquella alma idealistica e sonhadora, não ficaria adstrita á mera conquista de um diploma, a isso que é a méta das ambições geraes, como o *abre-te cesamo* para as carreiras prosperas e comodas no paiz. Barbosa renunciando as vantagens de uma das profissões mais lucrativas que seus titulos e pergaminhos lhe facultavam seguir, ingressa nos serviços da comissão Rondon para estudos da etnografia amerindia.

E' que, como mui judiciosamente, para honra da sua memoria, tambem sugeriu o seu ilustrado panegirista, no "Jornal do Commercio", Barbosa, obedecendo só a uma das suas correntes atavicas, deixara-se tomar de amor pelo nosso indio, e neste sentimento ainda eu vejo um traço da modestia, que é uma das modalidades mais apreciaveis da humildade, com que ele sempre se conservou meio solitario, procurando recatar-se em meia penumbra, e que lhe apontou para as expansões da sua afetividade, aquele meio de dedicar-se a um dos ramos da sua raça, em estudos sobre as suas origens, suas crenças, sua lingua geral e seus dialetos.

Um dos numeros da Revista da Federação das Academias Estadoaes, traz um desses estudos a que ele deu o vago titulo "Nos ermos da prehistoria" e como a pedir desculpas, caso suas observações carecessem de prova, encaixou o subtítulo — Divagações em torno da civilização e cultura da tribo Pareci.

E é um fino trabalho de pesquisa e erudição, no qual com apoio em principios de Comte, Boccardo e Bresson,

fundador e mestres da sociologia, e com a noticia colhida numa pobre memoria do sertanista Antonio Pires de Campos, admira-se como Barbosa poude resumir em brilhantes conclusões as causas da dispersão e de grande parte do exterminio do vasto povo ou nação indigena dos parecis.

Com a nostalgia da longa ausencia, ás vezes me resur-ge á memoria, na moldura agreste dos arredores de Cuiabá, o quadro em que se desenha uma figura querida na minha infancia: é da minha *vó* preta, isto é, a mãe-preta da minha mãe, lá no arrabalde do Bahú, nas imediações daquele ponto em que achanão Sutil as ar-robas de ouro, começou o tropel dos aventureiros com que a nossa terra começou de surgir para a civilização.

Lá está ela, a velha preta alquebrada de rudes fadigas e de anosos dias, agachada aos socalcos esbarrondados pelas primeiras lavras e agora lavados pelas chuvas que adoçam e refrigeram os nossos calidos ares, enchendo-os com o perfume da flôr dos cajueiros; está na cata de granetes e pó de ouro com que em tubos de homeopatia, ha de aparecer em casa, nas festas de aniversario, o seu presente ás netas da sinhá-moça; o coração generoso esquecera-se de todas as agruras do cativo e ainda criava joias para adereço da descendencia dos seus senhores...

A raça dos Patrocínios, dos Gamas, dos Rebouças, depois de ter enriquecido o nosso solo fecundando-o com seus suores sem paga e suas lagrimas sem consolo, brinda-nos ainda com o tesouro da intelligencia desses seus filhos que, em todos os pontos do nosso vasto paiz, apparecem como João Barbosa entre nós, enriquecendo o nosso patrimonio comum com as valiosas dadivas dos seus aureos filões inexgotaveis...

Com a sua morte não foi somente a gloriosa falange de Rondon que se cobriu de luto; nem foi só o nosso

Instituto Historico a lamentar a perda do seu preclaro consocio; tambem a nossa Academia sente-se entristecida, vendo de crêpe a cadeira que nela se alça sob a e-gide de Taunay e que de direito e justiça era occupada por João Barbosa, tão amante dos fatos e coisas da nos-sa terra, como o seu imortal patrono.

E pensando em todos os caminhos dessa vida que se extinguiu sem deixar apagar a luz do seu farol, pois que ainda na nossa ultima visita, de José de Mesquita e nós, ele nol-a agitava ainda, fazendo-nos ler paginas do seu copioso espolio espirital, que o Instituto ha de recolher com apreço, tambem penso que essa vida está resumida no trecho do livro sagrado donde foi extrai-do o nosso lema de *Pulchritudinis studium habentes*, no qual se nos diz: são varões modelares e dedicados ao estudo do belo; cantam, oram e meditam; trabalham e sabem suportar e sofrer os revezes da vida virilmente... Tal desse numero foi Barbosa de Faria: honra pois seja prestada á sua memoria!

Rio, 5 - 8 - 941.



J. BARBOSA DE FARIA

Virgilio Corrêa Filho

Emudeceu uma voz.

Voz quasi anônima para a multidão. Voz que teria adquirido notoriedade se não a abafasse demasiadamente a modestia.

Natural de Cuiabá, onde nasceu a 20 de Fevereiro de 1878, J. Barbosa de Faria não esqueceu jamais o seu berço natal, nem o dos pais, oriundos da lendária Vila Bela, à margem do Guaporé.

Filho de Carlos Barbosa de Faria e D. Antonia Tereza de Faria, denunciava na sua fisionomia o entrelaçamento de duas raças, que lhe herdaram aspirações e sentimentos de clara elevação moral.

O berço humilde nada mais lhe ofereceria que o futuro de simples artezão, quando pudesse alcançar a perícia dos mestres, com quem trabalhasse. Mas, era-lhe inata a vocação para objetivos mais altos, e assim, logo que lhe foi possível, entrou de aprendiz na tipografia do "Republicano", que o situacionismo estadual organizara, para a propaganda do seu credo partidário.

Nos vagares, continuava a estudar, até que, ultimados os preparatórios, na arraiada promissora do século, decidiu matricular-se na Faculdade de Medicina, onde o maravilharia a palavra do professor Gabizo, que então lecionava História Natural, repassada de filosofia.

À luz dos novos ensinamentos, que lhe alargaram a compreensão das coisas, refundiu os ensaios históricos, que já trazia em mão, apesar da deficiência da sua cultura anterior.

Ambicionava, então, viver para os seus livros, e para as investigações do passado, sobranceiro às injunções da vida prática.

A realidade, porém, reclamou-lhe a atenção, de maneira premente, como, aliás, lhe sucederia no decurso da existência.

Apesar de ter obtido, mediante concurso, ainda em Cuiabá, o ingresso ao funcionalismo postal, não lhe correriam propícios os primeiros tempos no Rio, quando o acolheu o lar hospitaleiro de generosa família, a quem se mostraria agradecido pela vida inteira.

Rebuscador de documentos inéditos nos arquivos, conseguiu reunir opulenta contribuição de primeira mão, que iria aplicar aos planeados escritos acerca da História matogrossense, de que deixou lisongeira prova na memória acerca dos "Limites orientais de Mato-Grosso" divulgada pela Revista do Instituto Histórico de sua terra.

Por algum prazo, todavia, desviou-o para outros domínios a escolha de um chefe, então Major Rondon, cuja argúcia o distinguiu desde logo, para lhe confiar missões progressivamente mais trabalhosas, à medida que lhe experimentava a competência e abnegação inegalável.

Seria, por ventura, a quadra mais ditosa da existência de Barbosa de Faria, que por longos anos se conser-

varia entre os selvícolas de várias tribus, satisfeito no convívio destituído de convenções e preconceitos sociais.

Como êles, não se deixava molestar pelas apreensões do dia seguinte, nem exigia compensações financeiras às suas atividades.

Bastava-lhe o que estipulasse o chefe admiravel, a quem servia com dedicação inexcedível. Achava-se, por essa época, no apogeu o Serviço de Proteção aos Indios, que lhe confiou a administração dos Bororos de Tereza Cristina, no Alto S. Lourenço.

Não se contentou Barbosa de Faria em ser cuidadoso diretor de Posto Indígena, como lhe prescrevia o regulamento. Consideraria a função administrativa, desempenhada, aliás, com a máxima probidade, apenas auxiliar da outra, mais relevante, pelos seus aspectos científicos, a que se entregou espontaneamente.

Os bororos constituem grupo indígena merecedor de acuradas investigações.

Observou-os na lua de mel pacificadora, quando fortemente manifestavam os seus costumes e características da vida bravia sábio etnógrafo, von den Steinen, que não estanciou por longo praso na recémfundada colônia.

Mais longamente permaneceu entre os seus jurisdicionados o Pe. Colbachini, a quem se deve o estudo mais desenvolvido acerca dos grupos, que transpuseram o divisor das águas e foram alojar-se nos tributários araguaianos.

Em excursão científica, ultimamente, Baldus observou-lhes as características da cultura própria, embora já alterada pela influência dos missionários salesianos e da vizinhança dos garimpeiros.

Em melhores condições, atuou Barbosa de Faria, do miradouro proporcionado pelo cargo, que lhe competia.

Si tivesse logrado a formação universitária do primeiro etnógrafo referido, ou do último, poderia elaborar obra que se emparceirasse com as clássicas do gênero.

Autodidata, porém, e sempre atansado por exigências orçamentárias, não lhe sobrara ensejo de disciplinar o espírito em firme doutrina e método, que lhe sistematisasse as investigações incessantes.

Ainda assim, deve ser consideravel o resultado dos estudos, a que submeteu os moradores entregues ao seu governo.

Diligenciou primeiramente compreender-lhes o idioma, que chegou de falar correntemente. E na linguagem própria, ser-lhe-ia mais facil entender-lhes as lendas e tradições, as crendices, as idéias e sentimentos.

Não obstante conhecido o vocabulário que lhe é familiar, através das obras do P. Colbachini e do Professor Basílio de Magalhães, que teve ao seu dispor alguns representantes genuinos daquela tribu, Barbosa de Faria tambem elaborou o que ouvia diàriamente dos seus amigos da Colônia.

Como tais os tratava, e quando necessário, lhes curava as moléstias, valendo-se do que aprendera na Faculdade de Medicina.

Destarte, não lhe fôra difficil grangear a confiança e estima daqueles índios, que sabem mostrar-se amigos dos seus bemfeitores.

Não lhe permitiram porém, as conveniências da "Comissão" que permanecesse por maior temporada às margens do S. Lourenço. Outras tabas tambem mereciam o estudo de quem se mostrava capaz de enveredar pela linguística indígena, em busca de desvendar-lhe os mistérios.

Assim foi que se aproximou dos Parecis com quem fa-

laria no próprio linguajar, para lhes indagar a história transmitida oralmente, dos Nhambiquaras, logo após a sua pacificação, dos Guaicurus mais influenciados pela civilização, e de tantas tribus, com as quais conviveu mais ou menos longamente.

Era, afinal, Barbosa de Faria o etnógrafo andante, que ia, de contínuo, avolumando os vocabulários, e alguma vez a gramática da linguagem indígena.

Nos arquivos da Comissão, para cuja nomeada trabalhava abnegadamente, conservam-se inéditos 17 vocabulários, colhidos em diversas tribus, além de duas monografias de maiores proporções.

“Esboço gramatical da lingua Bororó” (Boenadaro) e “Estudos Parecis” (Esboço gramatical — Vocabulário — Lendas — Cantigas e poemas), de que dá notícia o General Rondon, pela “Revista Brasileira de Geografia”, e da memória sobre os habitantes do vale do Trombetas, levada ao IX Congresso de Geografia, reunido em Florianópolis, em Setembro último.

Volumosa, pois, a obra inédita de Barbosa de Faria, no tocante à etnografia, que estudou na própria fonte, ninguém poderá depreciar-lhe a qualidade, antes que venha a lume.

Ao revés, os louvores, que mereceu, em cartas particulares e escritos oficiais ao seu eminente chefe, a quem a entregou, justificam lisonjeiramente acerca da sua valia científica.

Ansiava por vê-la em letra de fôrma, para análise dos sabedores especializados.

Ainda esperava a publicação respectiva, quando a Revolução de 1930 golpeou de morte a Comissão, para melhormente hostilizar quem a personificava.

Começou para Barbosa de Faria a quadra penosa de suas desilusões, agravadas por dificuldades financeiras.

Extinto o cargo, em que dera provas eloquentes do seu amor à ciência, viu-se reconduzido ao posto inicial, no quadro dos Correios, subalterno aos colegas, com os quais encetara a sua carreira de funcionário federal. A diminuição amargurou-lhe a alma sensível, mas foi-lhe mister aceitar, pois jamais cogitara de amealhar reservas, com que afrontasse os revezes possíveis.

Entretanto, aparentava o mesmo equilíbrio moral, como se não o envolvesse a tempestade das obrigações prementes que lhe enfraqueceram a resistência orgânica. E ostentou-se em tal lance, a nobreza da sua formação, que sobranceava todas as contingências humanas.

Por despicar-se dos agravos da adversidade, valeu-se do idealismo, que o fizera, em outra quadra, promover, com outros companheiros de igual naipe, a fundação, em Cuiabá, do Instituto Histórico de Mato-Grosso, do Centro de Letras, hoje transformado em Academia Matogrossense de Letras, de que era delegado perante a Federação das Academias de Letras do Brasil.

Quem o visse entre os seus pares, sempre afável no trato, e modesto nas atitudes, mas empenhado em contribuir para o engrandecimento da instituição cultural, mal suspeitaria as aflições, que lhe ensombravam o declínio.

Ainda assim, estadeou a grandeza dos sentimentos, que lhe norteavam o proceder, caracterizado pela dignidade. Do pouco, mal suficiente para a sua própria subsistência, nas condições a que se acostumara, mercê das remunerações perdidas, ainda achava meios de repartir com quem se lhe creditara à gratidão, em tempos idos. Para atender aos imperativos morais, que lhe exigiam a solução de problemas financeiros, gerados pela amizade, reduziu ao mínimo os gastos pessoais, por maneira que sobejasse alguma parcela, destinada a minorar as privações alheias.

E para se evadir da realidade angustiante, retocava os ensaios etnográficos e históricos, esperançoso de vê-los publicados.

Era o sonho com que se deleitava, quando se lhe aproximou o fim.

Ao deixar de frequentar as sessões da Federação, por afónico, já denunciava a gravidade do mal, que em breve o prostraria.

O robusto organismo, que resistira ao paludismo, em regiões desprovidas de assistência médica, baqueou, afinal, em pleno fastígio das faculdades intelectuais, privando pelo menos três associações culturais de um dos seus mais dedicados fundadores, a etnografia brasileira, como igualmente à história, de probidoso pesquisador, e os seus admiradores de um amigo leal e prestadio.

UMA GRANDE PERDA

José de Mesquita

Um telefonema de Joaquim Rondon me transmitiu, hoje, depois do almoço, a notícia da morte de João Barbosa. Conquanto o soubesse doente há tempos, aquêlê aviso me produziu um abalo emotivo.

João Barbosa eu o tinha na conta de um desses amigos cuja solidariedade afetiva nos acompanha nos bons, como nos maus dias. Chegando ao Rio, era sempre dos primeiros a procurar-me. Extranhei-lhe desta vez a demora da visita, explicada, ao depois, em carta: estava enfermo, impossibilitado de sair.

Dei-me pressa em ir vê-lo e de lá voltei com um aperto no coração. Achei-o afônico e muito debilitado. Voltei de novo à sua casa, com Cesário Prado, amigo e confrade comum. Declinava a olhos vistos. Era uma lâmpada, que se consumia, à falta de óleo. E acabou de extinguir-se nesta fria madrugada de Julho. Que luz, entretanto, aquela do seu espírito, pôsto velada pela modéstia, que ainda mais lhe realçava os atributos!

* * *

Lá fui vê-lo, à tarde, na *Cruz Vermelha*, donde o levamos ao *Cajú*.

Pouca gente, mas toda amiga. Do Instituto Histórico de Mato-Grosso, os tres Rondons, o general e os dois maiores, Frederico e Joaquim, e mais Virgilio Corrêa, Cesario Prado e eu. Niobe desditosa, acompanhou-o até à beira da cova, a boníssima senhora, que ele estimava como mãe. E alguns mêmbrs da extinta e benemérita Comissão Rondon, o general Rabêlo, Amilcar de Magalhães, Estigarríbia, testemunhando o apreço que Barbosa merecia da Comissão, a que prestou serviços relevantes, proclamados ao pé do túmulo pelo grande sertanista do século XX.

E enquanto naquele sômbrio vale dos mortos, eu via descerem as sombras da noite e um vento frio de inverno soluçava nas frondes tristonhas, minha memória ia reconstituindo o passado.

Via João Barbosa moço e entusiasta, cheio de confiança na vida que o traiu — e de amor à nossa terra — que esse, sim, nunca arrefeceu.

E vivi aquele dia memoravel, em que, juntos, êle, Larmartine Mendes e eu, em nossa casa da rua 13, lançamos as bases do "Centro Matogrossense de Letras", germe da atual e vitoriosa Academia homónima. Quanta vibração de fé e esperança nos eletrizava nesse momento! E o nosso cometimento, que a muitos parecia empreza arrojada e utópica, é hoje, graças a Deus, estupenda realidade.

Ao partir para o além, Barbosa terá levado este conforto, de haver concorrido, em bôa parte, para a objetivação dessas duas sociedades de cultura, que honram a Mato-Grosso — o Instituto e a Academia Matogrossense.

*
* *

João Barbosa era um bom. Sofreu como poucos, porém não se deixou abater, nem contaminar. Sua alma de eleição pairou sempre bem alto, longe do lodaçal da perversidade e da estupidez humanas que, afinal, são uma e a mesma coisa.

Deixa-nos um valioso espólio — os seus trabalhos, na mór parte inéditos, de história, etnografia e linguística indígena.

Mas o seu melhor legado é o exemplo de uma vida impóluta, superior, desprendida e bela — consagrada ao serviço da terra que lhe foi berço, aureolada pelo martírio resignado, sempre confiante e nunca pusilânime, na penumbra de eremita em que vivia, superior a quantas gloriolas e grandezas compradas a preços duvidosos!



JOÃO DE CAMPOS WIDAL

Oscarino Ramos

No dia 22 de Junho, do ano em curso, finava, em Cáceres, quiçá a cidade mais garrida e acolhedora do Estado, João de Campos Widal.

Quem foi essa curiosa figura de artista, poucos sabem.

Fixando, ha muito, sua residencia na antiga Vila Maria, aí já em idade propecta, foi a morte colhe-lo.

Mesmo assim, era marcante a sua personalidade no acanhado meio intelectual conterraneo. Foi um desambientado, ou melhor, um lídimo lutador no rude campo da Arte, pois, tudo que diz respeito á esta nobre função espiritual, é maninho, dispersivo, entre nós.

Comerciante, advogado e politico, em qualquer destas atividades que tomaram o curso da sua vida, o seu sainete pessoal, logo, sobressaía: probo, em seu balcão; culto e diligente, em sua banca; avesso ás competições indecorosas, no campo partidario. Embora absorvido por essas occupações quotidianas, o seu inato pendor literario, todavia, a todo momento, se manifestava, ora, nas suas razões, escorreitas e convicentes, ora, em seus discursos que sempre levavam o colorido de uma cultura humanistica e, por isso mesmo, literaria. Prova do seu amor ás coisas do espirito, temo-la na secção de livros seletos que sempre manteve em sua casa de comercio.

Com Pedro Trouy, outro confrade extinto, emprestou o maior esplendor á vida efemera d' "O Atalaia", órgão local. A coleção deste hebdomadario alinha a serie copiosa de seus artigos, ensaios e versos. A nossa Revista, por outro lado, enfeixa a sua variada colaboração. Pagou, por isso, bem caro a sua predestinação: morreu pobre.

A cidade que, bem de perto, sentiu os seus carinhos e o vio morrer, deve-lhe assinalados serviços.

Perdem as nossas letras, com o desaparecimento de Campos Widal, um grande, sincero e incançavel colaborador e a nossa Academia um destacado membro do seu corpo de correspondentes.

ANTONIO SALES

José de Mesquita

A 14 de novembro de 1940, em Fortaleza, cerrava os olhos à luz da vida o grande poeta Antonio Sales. Nascido a 13 de junho de 1868, no lugar Parazinho, comarca de Paracurú, foi, desde menino, um lutador. A cegueira cruel privou do amparo paterno a sua família e êle teve, aos 14 anos, de iniciar a vida de comércio, em Fortaleza, o que não impediu, cêdo, se lhe manifestassem os pendores pelas letras. Com pouco o vêmos, depois de colaborar em vários jornais e revistas da época, fundando a *Padaria Espiritual* cujo órgão, *O Pão*, marca uma época na historia da cultura não só do Ceará, mas do Brasil.

Retirando-se para o Rio, Antonio Sales, que se encarreirou na Fazenda Nacional, não tardou que a *Padaria* fechasse as portas, fruto que era, quasi exclusivo, do seu poder de iniciativa e coordenação.

No Rio, entrou a colaborar na imprensa, trabalhando no *Correio da Manhã*, onde criou a conhecida coluna

humorística *Pingos e respingos* e fez parte do grupo que fundou a *Revista Brasileira*, de que se originaria a Academia homónima.

Alem de poeta, foi romancista, deixando uma novela regional *Aves de arribação*, que é um modelo no genero. Mas foi, sobretudo, como poeta que ele se notabilizou. Os seus versos, líricos ou satíricos, logo o consagraram como um dos grandes cultores das Musas.

Era de rara e alta sensibilidade e cultivava o vernáculo a primor. Num dos seus ultimos números, a *Revista das Academias de Letras* publica um interessante ensaio acerca de Antonio Sales, da lavra do tambem grande poeta, filho, como êle, da terra de Iracema, Mario Linhares, que, por assim dizer, condensa, nesta frase impressiva, o mais belo elogio do escritor e da sua obra: «Na claridade de seu pensamento estava todo o encanto de seu espírito como prosador e como poeta.» Era um crente e já no leito da morte ditou a Filgueiras Lima esta quadra, que vale pelo seu testamento espiritual:

Da Fé — alguém já me disse —
nós temos necessidade.
E' uma arma na mocidade
e um bastão para a velhice.

Foi casado, não tendo deixado prole. O seu lar foi um lar feliz, pois encontrou na esposa, no dizer de Mario Linhares, «o anjo da guarda da sua vida».

A Academia Matogrossense perdeu em Antonio Sales um grande, constante, dedicado amigo. Eleito correspondente em Fortaleza, a 5 de dezembro de 1926, nunca deixou de manter assíduo contacto com a nossa instituição, que sempre lhe mereceu o mais vivo carinho. Ainda de referência à penultima tiragem desta *Revista* nos

enviava de Fortaleza, em recorte do jornal *O Povo*, esta nota da sua lavra :

« Publicações

É sempre com prazer que noticiamos o aparecimento de um novo numero da "Revista" da Academia Matogrossense de Letras. Este, que temos diante dos olhos, traz um opulento sumario em que figuram os maiores nomes das letras de grande Estado central e ainda transcreve produções de escritores de outros Estados.

De D. Aquino Corrêa, o bispo ilustre e poeta magnifico, tras uma fina palestra sobre o aniversario da morte de Gonçalves Dias e uma formosissima poesia — "Á beira do Lemano". De José Mesquita, presidente da Academia, poeta magnifico e prosador eximio, traz a Revista varios trabalhos em prosa e em verso.

Dos nomes mais conhecidos cá fora, figuram D. Martins de Oliveira, Maria A. Müller, Lamartine Mendes, V. Corrêa Filho e Cristovão de Camargo.

Encontram-se ainda neste numero discursos academicos e palestras sobre varios temas de Eduardo Machado, Isac Póvoas, Rubens de Mendonça, Cecilio Rocha. Ao Centenario de Machado de Assis são consagrados três belos ensaios de José de Mesquita, V. Corrêa Filho e Gervasio Leite.

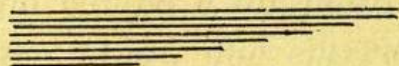
Consola ver como o longinquo Estado, ainda tão despovoado e entregue ao seu destino, cultiva esforçadamente as letras e tem na sua Academia um nucleo de tão alto valor intelectual.»

E' justo pois, que a Academia, neste primeiro número de seu órgão que se publica após o seu sentido passamento, deixe consignado o pesar imenso que lhe causou a perda desse vulto de tão grande projeção nas letras brasileiras, que foi Antonio Sales — cuja morte vem enlutar o nosso sodalício, privando-o do concurso amigo de um dos seus mais dedicados e operosos membros correspondentes.

PALADIO DA MINHA TERRA

N. 1000 1870

POESIAS





PALÁDIO DA MINHA TERRA

D. Aquino Corrêa

*Quando folheio os velhos documentos
Da história destas minas, que por lentos,
Mas já gloriosos séculos se estende,
Vejo um farol, que desde então splende,
E vem iluminando a nossa terra,
Da mata ao campo e da planura à serra,
Como o divo fanal, que em rumo certo,
Já norteara os hebreus pelo deserto.
Do vale em flor do Cuiabá se espraia
Até às margens brutas do Araguaia,
E deste ao rude Guaporé sombrio,
Ao Paraguai e ao Paraná bravio.
Esse iris de doçura e de alegria,
É o sorriso de amor, Virgem Maria,
Que dos teus lábios irradiou, Senhora,
Lá na capela da Forquilha outrora,
A primeira capela, que se erguera,
Destes bosques na eterna primavera,
E ainda as vetustas crônicas redoura,
Num rosicler de aurora imorredoura.
Decantem Portugueses e Romanos,
Na lira dos seus poetas soberanos,
A proteção da sua falsa Venus;*

*Nós confiamos em ti, que és nada menos
Que a Mãe de Deus e mãe do nosso povo,
Povo, que aqui surgiu, como um renovo
Da cristandade, aqui se agita e expande,
Na mão de Deus, para um destino grande.
Tu que de norte a sul, de leste a oeste,
Teu nome em nossos templos inscreveste,
Tu és do nosso berço a protetora,
Ó Virgem, dos cristãos auxiliadora;
Virgem da Penha, Virgem do Rosário,
Primícias desse amor extraordinário;
Virgem do Bom Despacho, excelsa e pura,
Que nos sorrís da tua verde altura;
Virgem da Conceição Imaculada;
Virgem do Carmo bemaventurada;
Virgem do Livramento tão querida,
Que nos livra dos males desta vida;
Virgem Santa de Brotas e da Guia,
Cujos olhos nossos passos alumia;
Virgem formosa das candeias alvas;
Ó Virgem dos Remédios, que nos salvas;
Virgem da Boa Morte e da Piedade,
Mãe de misericórdia e de bondade!
Bendita sejas tu, que a nossa gente
Guias e amparas tão maternalmente;
E assim, ao longo de duzentos anos,
Muito melhor que Palos aos troianos,
Proteges nossa história, em cujos fastos
Cheios da luz dos teus sorrisos castos,
Resplandeces, na paz, como na guerra,
Qual paládio imortal da minha terra!*

SONETO PARA MINHA MÃE

Muito sofreste no correr da vida.
Foi-te o existir longo padecimento,
queimando num cadinho, a fogo lento,
tua alma pura, para o céu nascida.

Teu filho também sofre. Violento,
o mal me abre no seio esta ferida.
A alma sangra, exulcera-se, doída.
Parte-se o coração, num duro acento.

A diferença é que eras santa e bôa,
e, sofrendo, das mãos do teu Amado
de espinhos recebias a corôa.

E eu, ai de mim! — na frágua áspera e dura,
sofro a certeza que me traz maguado
de merecer a dôr que me tortura.



SONETO PARA MINHA MULHER

(NO DIA DAS NOSSAS BODAS DE PRATA)

Juntos viemos pela vida afóra.
Juntos, gosamos. Juntos, padecemos.
Vimos raiar muita radiosa aurora
e muito pôr-de-sol triste tivemos.

A mesma angústia que em teus olhos mora,
dos meus fez aflorar prantos extremos,
e o mesmo eflúvio de prazer, outrora,
nos fez chegar aos êxtases supremos.

Vinte e cinco anos... Lembras-te? Parece
que foi ontem! Assim, bem logo, azinha,
vem a noite. A paisagem escurece.

E ao ver que envelhecemos juntamente,
a dôr me faz mais teu, te faz mais minha,
pois ela é o ímã que mais une a gente.

SONETO PARA O DIA DE FINADOS

(No cemitério de Catumbí, ouvindo bater as 10 horas)

Neste doce recanto, onde o silêncio impera
e a solidão tem o seu reino soberano,
ouço, lentas, soar, como um lúgubre arcano,
as horas, a ecoar na tristonha atmosfera.

Aquele mesto som tem um quê de profano.
Por que um relógio, onde ninguém deseja ou espera?
onde o tempo acabou? onde só é o que era?
onde do Eterno se ergue o infinito altiplano?

Para esses que aqui estão o tempo já não corre...
Não há ontem, nem amanhã, a quem o fundo
valo transpôs, a separar quem vive e morre...

Vida? Morte? O viver é um morrer, dia a dia,
e o morrer é viver, pois, por certo, além-mundo
é onde, precisamente, a vida principia...

(MCMXLI)

CACIMBA

No meio do areão, em sáfaro terreno,
coberto de sarçais, ao pé da murraria,
brota, copiosa, exposta à soalheira e ao serêno,
uma cacimba de água azul, límpida e fria.

O exausto viajor, de sêde e tédio pleno,
já quasi a se esvair, ao sol do meio-dia,
encontra, com prazer, no manancial ameno,
água para matar o ardor que o consumia.

Assim, diante de nós, da vida na jornada,
entre áspero espinhal, sob a candência dura,
prestes a esmorecer a alma desalentada,

uma cacimba nasce entre agrestes abrolhos,
feita de amor, de paz, de piedade e ternura,
brota no coração e burbulha nos olhos...



NA IGREJINHA DA LUZ

Sózinho, entregue a negros pensamentos,
— luta como jamais a vi tamanha —
chego ao templo, vencendo, a passos lentos,
a escadinha cavada na montanha.

Protege-o um bambual dos rijos ventos.
Uma luz, luz do céu, o envolve e banha...
E àqueles doces, místicos acentos,
elísea paz pela alma se me entranha.

Nesta igreja silente se cultua
a Senhora da Luz. E da dorida
treva que o sêr me enoita, fria e crua,

saio, sentindo, calmo e luminoso,
esse clarão da fé, que abre na vida,
uma luz, luz do céu, de eterno goso!

Tijuca, XXVII—IV—MCMXLI

O CURIANGO

Pleno sertão. Dentro da noite. O auto deslisa
pela estrada que vai marginando o cerrado.—
Ao clarão dos faróis, em frente ao parabrisa,
pardo e mole, esvoêja um vulto estonteado.

Diante da luz, êle é uma sombra que, indecisa,
põe o seu revoar triste e mal assombrado.
Nessa estulta ilusão que, infeliz, simboliza,
supõe deter do carro o curso acelerado.

No seu vôo irrisório, o notívago louco
cuida esbarrar a grande máquina que avança,
mas a luz o perturba e ofusca, a pouco e pouco.

E o curiango—que é o mal, na pobre ignávia sua,
diante do Bem e da Verdade—afrouxa e cansa.
Ei-lo, exânime, tomba. E a marcha continúa...

O JULGAMENTO DE EVA

(Julio Dantas)

Paráfrase em versos de **LAMARTINE MENDES**

Certo dia, Jeová, com gesto patriarcal,
passou as largas mãos na barba côm de cal,
chamou um louro arcanjo, e disse-lhe:

— Hei ouvido
dizer mal da mulher... Hoje, estou convencido
da sua imperfeição...

E o arcanjo, em reverência:

— As mulheres, Jeová, são belas.

— Na aparência.

A moldar-lhes o corpo entrefive-me tanto,
que tempo não sobrou para dar-lhes encanto
á alma. Por isso, agora elas dão-me cuidados.

Tais notícias recebo, e tão tristes recados,
que cuido suprimir na criação...

— A mulher?

Como queres, Jeová, que hão-de os homens nascer?

— Nascem da onda do mar, dos troncos das florestas,
do seio de uma flor, dos robles, ou das giestas,
ou do ventre fecundo e frio de um rochedo,
tal como desejou maravilhoso aêdo
da Grecia, ha dois mil e quinhentos anos.

— Mas...

— Nem porque possa ser imperfeita, aliás,
só por isso, a mulher no mundo extinguirei,
precipitadamente, assim como a criei.

Quero os homens ouvir, ainda que á vez primeira.

Se houvesse ouvido Adão, a loura companheira,
formosa, que lhe dei, talvez nunca nascesse.

O meu espírito é, sensivelmente, nesse
caso, ás idéias democráticas propenso.

Nesse caso, e não só, como em outros, eu penso oportuno apoiar-me á voz da maioria.

Por isso, te chamei. Já, correndo, ao Inferno vai, e dize a Plutão, que o velho Padre Eterno quer amanhã, no céu, quando for meio-dia, todas as almas de filósofos e poetas, e sábios, que, na vida, ás claras e ás secretas disseram cousas más da mulher. A final, depois de lhes ouvir e pesar a opinião julgarei.

— Vou, Jeová. Mas, tu achas, então, que ouvidos devam ser os que disseram mal, somente?

— Só. Os que não disseram mal dela no mundo, é porque não a conheciam bem.

— Assim talvez será. Nesse caso, porém, permite-me, Jeová, perguntar: como queres os conselhos do sábio e do poeta, e a loquela dos filósofos, se ninguem tanto as mulheres conheceu como tu, que as criaste?

— Pois não.

Mas, se fui eu quem as criou, quem as atura são os homens. E tu, amigo, por ventura não saberás adivinhar qual a razão por que ainda no céu tenho anjos?

— Não sei.

— Pois, escuta: é porque, prudente, não lhes dei mulheres. Se lhas dêsse, hoje, no paraíso, não havia senão demônios.

Um sorriso

flore ao lábio do Deus. Com gesto patriarcal, passando as largas mãos na barba côr de cal, quêda-se Ele a sonhar com a criação de um mundo mais ameno e feliz, mais perfeito e jocundo, enquanto as vestes sofraldando, o anjo, ao clamor e aos hosanas do vento, abre as asas de arminho, fende as nuvens do espaço, e se põe a caminho, para dar cumprimento ás ordens do Senhor.

Meio-dia. O céu, como um palácio de fada,
é um delírio de luz. Nesse incêndio vermelho
do seu trono esculpido em maciço ouro velho,
Jeová, a mão direita alvíssima, espalmada,
repousando no mundo, imperialmente nobre,
apruma o busto, e alonga a vista mansa sôbre
um tumulto de sombra.

Havia ali de tudo:
em dobras cascadeando os pálios de veludo,
como as roupagens das estátuas, os poetas,
aos grupos, a sonhar; filósofos e ascetas
gregos, em bâculos enormes amparados;
e os estôicos de Roma, altos, calvos, togados;
e os sábios, arrastando as sandálias; e os bispos,
e os doutores da igreja, e os padres e arcebispos,
do Oriente e do Ocidente; e os papas e os cardiais,
rutilantes de tiara e de pontificais,
e de cruzes ardendo em diamante; e os letrados
da Renascença, em suas murças afogados;
monges extáticos, glaciais e intolerantes;
os *condottieri* e os reis de púrpura brilhantes,
recobertos de ferro e de orgulho, olhos vivos
de febre e de loucura, hirtos e cismáticos,
a julgarem-se iguais á divindade; e ainda
a teoria sem fim, toda a coorte infinda
dos pensadores e dos sábios da moderna
idade, tristes e irrequietos, na ânsia eterna
do intangível; e toda a multidão confusa
que se agitou, outrora, e floresceu difusa
pelo monte Parnaso, e nos jardins de Atenas,
e no Forum de Roma, em discussões amenas
nos ginásios, senão em fogosos debates
na cátedra, no claustro, e na cela dos vates,
onde os grandes heróis da eloquência e do verso
buscavam traduzir o homem, Deus, o universo.
Tinham-se alguns daqueles homens de tal sorte
odindo, que no mundo espalharam a morte,

só porque, cada qual, de alma em cismas imersa, explicava Jeová de maneira diversa.

Mas, se dêles nenhum conhecera bastante Deus, para imaginá-lo em sua deslumbrante grandeza, conhecido haviam a mulher, de fôrma suficiente, afim de responder a palavra de luz, no sumário processo, para condenação ou salvação do sexo.

Chamados pela voz dos anjos, que se eleva no além, vinham chegando os inimigos de Eva.

Arfando, a romaria ondulava, num mar de tiaras, mitras e coroas a faiscar.

Na atmosfera, por sôbre a edênica paisagem, voam pombas, flutuando aos remoinhos da aragem.

Ergue os dedos Jeová, como nos bizantinos mosâicos, num sorriso abre os lábios divinos, e a palavra assim flue dos seus divinos lábios:

— Poetas, filósofos e teólogos e sábios, quero ouvir-vos primeiro, antes de uma sentença pronunciar, que interessa á multidão imensa dos homens. Um por um de vós, meus filhos, cujo espírito floriu, claro, do barro sujo, ao meu sôpro criador, dir-me-á, por mim passando, o que em vida pensou das mulheres.

O bando de sombras, em tormenta, ululando, estremece. Dansam braços no azul, em postura de prece e exortação. Papas e bispos e patriarcas, descarnadas as mãos, ao lado dos monarcas, no espaço traçam o sinal-da-cruz. Doutores veneráveis da Igreja escondem os rubores das faces no capelo. Entreolham-se, sorrindo, velhos filósofos de Atenas, qual se em lindo sonho, vissem passar na Pnyx, louras e belas,

como tontas de luz um punhado de estrêlas,
mulheres, que a nudez grega immortalizaram.
Quais figuras do Greco, em silêncio, rezaram
os ascetas. Bastara a palavra "mulher"
pronunciada por Deus, para fazer tremer
em arrepio, toda aquela massa informe
vinda do Elísios e do Tártaro. As trombetas
dos anjos crivam o ar de aurisonantes setas.
Ouve-se de pavões, em alarido enorme,
fundido num só grito, um turbilhão de gritos.
Avança aos olhos de Jeová claros, bonitos,
a mole imensa de fantasmas. E em lamento,
sobe a primeira voz no calmo firmamento.
— Escuto-vos, falai.

Irônicos, grandiosos,
em seus pálios de lã, os braços harmoniosos
tisonados pelo sol da Héllade, primeiro
vieram os gregos de figuras encantadas.
— «Jupiter poderoso!» — Exausto das dentadas
das bacantes, passando insinuante e faceiro,
rosto rubro a sangrar, de volta de um festim,
Eurípides falou, transfigurado, assim —
«porque quiseste tu que um dia aparecesse
á luz do sol um mal insidioso como êsse?»
Logo, Sócrates, feio e austero, assoma, ri-se, e,
pondo acentos de dôr na voz, clama: — «No dia
que me julguei igual a um deus, oh! ironia!
minha pobre mulher Xanthippa, como insulto,
entornou-me á cabeça um vaso de imundície.»
Coroadado de violeta e jasmim, nesse instante,
rompendo a procissão, aproxima-se o vulto
de Platão, como bom ateniense, elegante,
e acrescenta: — «Por isso, eu ainda não pude
saber se deveria, em quê pese a virtude

de ser bela, a mulher no rol dos animais racionais incluir, ou dos irracionais.» Demóstenes é mudo, altiloquentemente mudo, pois não tivera o tempo suficiente de estudar seu discurso. A cabeleira solta ampla fronte a coroar, como juba revôlta, viu-se Aristóphanes. E disse êle: — «As mulheres que eu andei a espreitar nas festanças de Ceres, simulavam trazer filho ao colo. No entanto, o que levavam espumando sob o manto eram odres de vinho, em que se embebedavam.» — «Sabeis — Demócrito falou aos que o rodeavam — por que trouxe ao meu leito uma mulher pequena? Porque dos males o menor.» E, em voz serena, Protágoras: — «Sabeis por que com um inimigo minha filha casei? Porque maior castigo não tinha para dar-lhe.» — «Estudei — sobraçando o manto, em passos majestosos avançando, Aristóteles fala — a inteira criação, e cheguei, finalmente, a uma só conclusão: a mulher não é mais — a mulher mais perfeita — que a vaga imitação do homem — vaga e imperfeita.» A seguir, no cortejo infindo dos espectros, entre mantos, buréis, e coroas, e cetros, vêm os romanos — corpos brônzeos, gestos francos, olhos duros. — Catão, oitenta anos vaidosos, uma dobra da toga e escorrer-lhe dos brancos cabelos a florir de paina os veludosos tons da nuca: — «Não fôra a mulher, Pãdre Eterno, viveríamos bem, como deuses.» E após haver-se diluído em queixumes a voz dos sábios, Juvenal, bêbedo de falerno, afogado de rosa em olente braçada: — Que ha mais leve que o fumo? A chama. E do que a chama?

O vento. (Em tórno ao vate a onda espectral se inflama).
Do que o vento? A mulher. E do que a mulher? Nada.»
— Eu ouço-vos, falai! — diz Jeová se inclinando,
interessado, para aquela multidão,
que lhe ofegava ao pé.

Já do mundo cristão,
eram agora os sacerdotes, que passando
vinham, curvados, rostos pálidos de enfêrmo,
solenes, arrastando os pesados pluviais,
roçagantes nos seus lindos pontificais
do brocado melhor de Chipre e de Palermo.
Nem um laivo de dó para as fraquezas de Eva.
Todos — ascetas, santos, mártires — só viam
na efígie da mulher, que êles bem conheciam,
o objeto do terror, o fruto mau da treva.
São João Crisóstomo, arcebispo de Bizâncio,
e pai da igreja grega, as vestes pintalgadas
do próprio sangue nos suplícios, de relance o
olhar passa na turba, e em sílabas pausadas,
levanta a voz: — «Senhor, Senhor, por que motivo
a mulher, maior mal do homem criaste?» Altivo,
levantando nas mãos o livro da *Cidade*
de Deus, surge, a bradar, cheio de austeridade,
gigantesco, detrás dêle, Santo Agostinho:
— «Mulheres, nascer de uma, escapulir de todas!»
Passaram, cruces a empunhar, devagarinho,
reunindo-se, ao depois, em beatíficas rodas,
os arcebispos que, no concílio, em Mâcon,
negaram que o mulher tivesse uma alma. Com
desvario no olhar, deslizou S. Cirilo.
Tertuliano passou, brutal, porém tranquilo,
exclamando, de braço erguido no ar: — «Senhor!
ver a mulher é mau; ouvi-la ainda é peor;
tocá-la é horrível!» Santo Ephraim, frio e rude,

em que fosse a maior, a mais bela virtude da igreja síria, que se fingiu doudo para não ser bispo, a coxear, mas de energia rara: — «Rindo, á flux de um clarão de rosa e malmequeres, um dia, uma mulher espreitou-me á janela, perguntando-me: padre, alguma cousa queres? Respondi: pedra e cal, para tapar aquela janela.». Mais além, vinha S. Cipriano, caminhando, a emergir, sisudo e soberano, de uma dalmática, a cabeça alva ao relento, nú o pescoço, onde se via ainda o violento sinal da espada que o cortara: — «Antes sentir o silvo ruim de uma serpente, do que ouvir cantar uma mulher.» Num grupo de três papas, cujas tiaras á luz tremiam sôbre as capas de ouro, S. Damásc, pequeno, a fronte larga, suspirava: — «Mulher, por que nasceste amarga como a morte?» De olhar chispando sob os cílios, marchavam os cardiais e os homens dos concílios, para quem a mulher era uma tentação, era a "tocha do diabo", era a "porta do Inferno", era a tristeza, o pesadelo, a expiação, o "veneno do mundo". Á luz de um riso terno, entre lôbos cervais, vem São Boaventura, de mãos postas, rezando, olhos fitos na altura: — «O teu hálito só bastaria, oh! mulher, para o cedral do Líbano êrmo corromper!» Como risse Jeová, pensando que, apesar de haver tanta mulher no mundo, ainda as florestas do Líbano, em perfume e cânticos de festa se desfaziam, suavemente, pelo ar, S. Gregório, que vinha, anelante, cercado de músicos passando, exorcu o num brado profético: — «Senhor, quando a trompa dos anjos repercutir no val de Josaphat, oh! não deixes se ergam da campa as mulheres, que são capazes de fazer apostatar a anjos!»

— Falai, falai, falai, meus filhos.

No tropel
das sombras, vinham achegando-se, a granel,
os figurões da Renascença e da Refórma,
sábios, monarcas, e filósofos, e poetas,
teólogos, mártires, e santos, e profetas.
Em aluvião de côr, em tumultos de fôrma,
de pensamento quatro séculos marchavam.
Confundiam-se ao vento, e a flutuar farfalhavam,
pálios soberbos, e auriflamas esquisitas;
capas velhas de monge, e púrpuras bonitas
de cardiais e de reis. Passou, sombrio, Erasmo,
com voz feita de mel, aos que o ouviam com pasmo
lendo o *Elogio da Loucura*: — «A mulher é
um animal que nunca teve todo o juízo.»
O lábio a se entreabrir, crispado num sorriso
canino, eis aparece e avança Rabelais,
impiedoso, genial: — «A distinção que faço
entre os cavalos e a mulher, é que com o açoite
costumo fustigar os cavalos, ao passo
que castigo a mulher com a mão». Dentro da noite
funda do seu olhar maguado e fumarento
como um lago em torpor, tateando o firmamento,
Milton geme: — «A mulher é o mais belo defeito
da natureza.» E Luiz de França, o que no leito
recusou receber uma mulher, no dia
em que, cheio de susto, o médico anuncia
que era a maneira só de se salvar da morte,
passou; e D. Henrique, o patriarca forte
de Portugal, que morreu virgem, tão somente
para não suportar o contacto candente
das filhas de Eva; e Henrique VIII de Inglaterra;
e Francisco I — um lindo coração
de mulher a sangrar sôbre a palma da mão...
Este é Molière, que vem, com tristeza que aterra
ao lado de Watteau. Curvo, a se conduzir
por Bacon, pelo braço, aquele é Shakespeare:

— «Se o pranto da mulher fecundasse — dizia —, de cada lágrima uma cobra nasceria!»

Uma espada tilinta: é Agrippa d'Aubigné, que ao pé de Henrique IV, o de França, se vê: — «Eu comparo a mulher de rosto mais bonito, a um templo misterioso, encantado, do Egito, esplêndido por fóra, e que não tem lá dentro senão um gato, um bode, uma cegonha.» Ao centro da multidão, troveja uma voz: é Lutherero que se adianta, a indagar, violento, mas sincero, como quando atirou á fogueira, na praça de Wittemberg, as decretais, solene, e passa: — «Quem ha capaz de sustentar, homem ou Deus, que pertença a mulher á humanidade?» Aos seus brados, acode Talleyrand: — «Eis a razão por que á mulher neguei o direito á instrução.» Como uma múmia octogenária, Fontenelle, balouçando o esqueleto a aflorar-lhe da pele: — «Três cousas só no mundo eu nunca compreendi: a Bíblia, a música e as mulheres.» E sorri. Passam depois os pensadores e os artistas contemporâneos, de olhos fundos de ametistas. Schopenhauer se queixa a Deus, amargamente: — «As mulheres — eu disse uma vez — são um ente de cabelos compridos e de curtas idéias. Os cabelos, Senhor, já elas o cortaram; as idéias, porém, mais curtas se tornaram.» E Nietszche, meio louco, abafa as melopéias da viração com a voz: — «Senhor, o homem descende dos deuses; a mulher descende do macaco.» Vem Oscar Wilde, efeminado e airoso, prende um cravo verde na lapela do casaco: — «Não são para a mulher os encantos do mundo...» Agora, Heine aparece, irônico, profundo: — «Eu nunca soube bem onde a mulher acaba, e onde começa o diabo.» Além, já na extrêma aba do cortejo, Michelet se arrasta, lentamente,

murmurando: — «A mulher é uma eterna doente»; e, enquanto Kirkegaard exclama que «a mulher é um erro de Deus», ao pé de Beudelaire, ébrio de ódio, Strindberg, o misógino, os pulsos levanta, desvairado, e contorce, convulsos, praguejando: — «A mulher é um animal feroz!»

Propaga-se no azul o som da última voz. Deslizam, vagamente, as sombras derradeiras. Ao longe, a multidão se perde entre as fogueiras frias das nuvens ambarinas. Contrastando com aquele tremendo e iracundo libelo da humanidade contra o trabalho mais belo de Deus, tranquilo, o céu permanece brilhando. Entretanto, Jeová, sucumbido em imenso meditar, naufragado em oceanos de incenso, que lhe crepita em tórno, em turíbulos, tem a expressão concentrada e sombria de quem propende a condenar. Se Eva era assim julgada pelos seus próprios companheiros de jornada na existência, que mais lhe restava fazer, senão sacrificar, desde logo, a mulher á paz do mundo? Quando o arcanjo de alvaiade lhe perguntou que resolvia, eis o Senhor, com grande lentidão, que tornava maior e ainda mais sugestiva a sua majestade, alça os dedos, e diz: — Vai chamar o meu filho.

O ar brilhante do céu se encheu de maior brilho. Abriam os pavões ao sol as pedrarias das plumas. Roserais ocultos, ao morinaço, desfolharam, dourando e perfumando o espaço — borboletas de luz esvoaçando erradias —, as pétalas ao vento, em poeira cor-de-rosa. E momentos depois, uma voz harmoniosa e ao mesmo tempo grave, ergueu-se para Deus:

— Pai celeste, aqui estou.

Era um varão dos seus trinta anos, rosto calmo e bem feito, de infinda palidez, dessa palidez dourada e linda dos nazarenos. Tinha a flor de uma ferida abrindo em cada pé; na tez esmaecida, os violáceos sinais sangrentos da coroa-de-espinhos, que cingira a sua fronte boa. Trazia com meiguice extrema, pela mão, e menos pela mão do que no coração, uma mulher de olheiras roxas e cansadas de lágrima verter, as faces maceradas de madona a se ungir, mansamente, daquela tristeza espiritual e vagamente bela, que os pintores no mundo — o próprio Rafael — procuravam em vão retratar com o pincel. Jeová moveu o olhar penetrante e formoso para a figura daquele homem, e, bondoso, perguntou-lhe:

— Meu filho, ouviste-os?

— Sim.

— Não pensas que êles tenham razão?

Como em cismas imensas absorto, o homem aponta a dolorosa e suave mulher, cuja expressão lembra um suspiro de ave:

— Perdoa-lhes, Senhor. Por certo, se esqueceram todos êles de que, lá no mundo, tiveram Mãe.

Na concha lustral da balança divina, pesou mais uma só palavra leve e fina, que o libelo do mundo. E Jeová apiedou-se. Iluminou-lhe o rosto um rir de rosicler. E das obras de Deus no universo a mais doce, a que maior beleza e inspiração encerra — a mulher — porque é mãe — continuou a explender, e a sorrir, e a imperar sôbre a face da terra.

O CRUZEIRO DO SUL

Para José Torquato Junior

Reverbera no céu em noites tropicais,
Serenos, em placidez, linda constelação;
Grupo astral fulgurante, que os demais
Supera em brilhos, em fascinação.

E' o Cruzeiro do Sul,
Cintilante, celestial
Conjunto de miríficos luzeiros:
Noturno adorno deste céu azul,
Joia de mil fulgores; ideal
Congérie de astros belos, altaneiros.

Para perpetuar no coração da gente
Que habita a grande terra brasileira
A lembrança fagueira
Da imagem do Cruzeiro resplendente,
Simbolicamente
Figura em nossa típica bandeira
A linda Constelação
Que refulge no céu desta brava nação.

Sob os auspícios dessas siderais
Estrelas, nossa Pátria ha de seguir
Sempre avante, alcançando os ideais
Que acalenta, nas marchas triunfais
Para um faustoso, esplêndido porvir.

(G upicras)

ULISSES CUIABANO

MIRAGEM

O Sáara da minha vida
atravesso, assim, sedento...

E vou vencendo a aridez das distancias
sem alento,
sem guarida,
em incontidas ânsias,
na esperança de arribar a um oasis verdejante
e confortador.

Mas o deserto não tem fim...

— Avante!

grito para mim.

— Quero ser vencedor,

— Desejo triunfar!

Porém o mar
de areias movediças, escaldantes,
estende-se ao infinito.

Aflito,
pés crestados, cruciantes
angustias sofrendo, vou marchando
sedento, sedento...

Experimento
então uma alegria singular:

O meu olhar

divulga ao longe um fascinante lago
de cristalinas águas,
um reservatório mago
de mil aventuras,
onde deixarei as máguas
e as torturas
que afligem o meu pobre coração.

Avanço, pouco a pouco,
sôfrego, sequioso, ardente, louco
para beber a linfa deliciosa...

Mas, o! visão enganosa.
Aquele doce imagem
de águas serenas
era apenas
uma miragem,
uma ilusão!

E tombo exausto sobre o areal movediço
numa tormentosa agonia sem par,
e espero
o fantasma da Morte, espantadiço,
tremebundo, cruel, medonho, fero,
prestes a me levar...

Essa miragem deleitosa
que sempre vejo ancioso em minha vida,
essa imagem tão formosa
mas de feitio enganador,
que desaparece, mendaz visão,
quando vou deitar-lhe a mão,

— E' o Amôr...

ULISSES CUIABANO

UNITAS MAGNA

Otávio Cunha

*Deus creou tudo irmão, Creia ou não creia
Quem ande contra os céus a blasfemar...
Em todo o corpo uma alma relampêa,
Na própria treva a luz vive a brilhar.*

*Somos eguaes, meu santo grão de areia,
Viemos do mesmo Dia milenar...*

*Tu deste seiva para o pão da Ceia,
Eu dei meus pés para Jesús lavar.*

*Se eu antes de Nascer, já existia,
E sou irmão do pó, e irmão dos astros,
É porque vim de Deus, que me acolhia.*

*É o meu consolo, dentro da razão,
Rolar pelo infinito, e até de rastros,
Como parte que sou da Creação.*

Cuiabá, Julho de 1941.

O VELHINHO

Ótávio Cunha

*Perto de vêr o fim!... Ninguém tão forte,
Nem mais audaz do que êle foi... ninguém!
Tem que andar para a frente—é a humana sorte...
Vacila o passo, e lento... lento!... aí vem.*

*Treme e tropeça no chão limpo... O Norte,
Que ruma, é um sul, porque o deixou aquem.
É um condenado que não quer a morte,
Mas vai morrer! Ha que rolar no Além...*

*Tropeça ainda e cáe! e beija o chão...
O chão que o abarcará no seio horrendo,
E ha de tragar-lhe o corpo... e o coração!*

*Passa o velhinho! E eu fico a meditar:
— Se a Morte a seu encontro vem correndo...
— Ou se êle vai com a Morte se encontrar!*

O SACERDOTE

Castro Brasil

A D. Aquino Corrêa, por ocasião do seu jubileu sacerdotal

... Tu que as glórias do mundo renunciaste
Por amor de Jesus e a Humanidade
E a salvação eterna anunciaste
Pela Fé, Esperança e Caridade :

Tu que uma vida inteira dedicaste
À pregação divina da verdade
E que ás trevas solurnas arrancaste
As almas para a luz da Eternidade ;

Só semeaste o bem por teu caminho,
Si entre rosas colheste algum espinho,
Bendiz aos céus a dor desse flagício :

Tua seára, luminosa e pura,
Há-de florir, um dia, lá na Altura,
Porque a gloria é maior,— com o sacrificio !

CADEIRA N. 10



Para substituir ao saudoso acadêmico Franklin Cassiano, na cadeira de que é patrono Ramiro de Carvalho, foi eleito o acadêmico Ulisses Cuiabano, que já vinha prestando relevantes serviços à Academia, como membro correspondente. Publicamos, a seguir, os discursos proferidos na sessão de recepção, a 5 de novembro de 1940, pelo acadêmico Francisco Mendes, em nome da corporação, e pelo recipiendário.





DISCURSO DE RECEPÇÃO

pelo acadêmico **FRANCISCO MENDES**

Delicada incumbencia a que me foi conferida pelos ilustres confrades da Academia Matogrossense de Letras, para em seu nome, saudar, nesta festa de cultura, o novo companheiro, que vem, definitivamente, preencher uma das cátedras dêste sodalicio, há pouco, atingida pela lei fatal, que não escolhe, nem vacila na dureza dos seus designios.

E, por que razão, haveríamos de contrapôr ao paradoxal contraste, que se observa na caduca humanidade, seguir-se á tristeza da saudade, as doces harmonias dos louros, com que se engrinaldam inteligencias e se corôam virtudes?

Glorifica-se em vida, de acordo com a lei do mundo, e, rendem-se homenagens postumas, como as entende o respeito da posteridade.

É o que se observa neste momento e nesta solenidade, e, se me permitis uma sintese, eu vos direi, que esta festa de arte, em que se embalsamam os sentimentos da saudade, com as homenagens do merecimento,

é bem a festa da alma, porque, este dia, evóca as rutilâncias da glória, a que alcandorou o renome da cultura brasileira, e, para esta casa, revive a lembrança de uma alma, que paira qual sombra vaporosa, neste ambiente perfumado ainda pelo aroma subtil de sua espiritualidade.

Esta dupla finalidade, que é bem o espírito das intenções que nos congregam nesta tertúlia, definem sem dúvida a delicadeza da missão que me foi confiada pelos meus ilustres confrades, á cuja generosidade me agazalho.

Sr. Academico Ulisses Cuiabano.

Dissestes de início, no vosso auriluzente discurso, cuja suavidade ainda aromatiza este ar, que a escolha do vosso nome, para ocupante da cadeira que Franklin Cassiano tão altamente dignificou, foi atribuída sómente aos estreitos laços de amizade que vos prendiam áquele saudoso confrade.

Se é certo, que a amizade, essa fina flôr do sentimento humano, constitúe o élo verdadeiro que estreita as almas que integram as sociedades, não é menos certo, que ela é a própria substância que forma a argamassa com que se alicerçam as inteligências, que cimenta a união dos espíritos que intelectualmente se estimam.

Por isso, se a amizade que vos prendia ao saudoso companheiro, singulariza uma das características da afinidade, que havia entre a vossa personalidade e a do confrade extinto, a semelhança de cultura e a própria relação profissional, que vos irmanavam para o mesmo ideal, constituíram, certamente, os títulos maiores, com que a Academia Matogrossense de Letras, consagrou o vosso nome para continuar neste silogeu, a obra de engrandecimento cultural de nossa terra, que Franklin Cassiano cultuava com esmerado carinho.

Não vindes pois, como dissestes, alinhar-vos canhestamente entre os vossos pares nesta Academia.

As vossas credenciais de cultura e de talento, tais as do vosso antecessor, justificam o premio que conquistastes.

Poéta, têtatologo, jornalista e professor, tais os traços de analogia que vos identificam com Franklin Casiano, e, acrescentarei mais, até nos motivos das vossas produções literárias, existe essa feição, que é o vinculo mais lídimo da simpatia que vos irmanava.

Deixai-me, porêm, manifestar uma opinião — as vossas produções, teem um colorido vivo, que realça, que entusiasmo, que sugestiona pela singeleza, que são o encanto que traduz os painéis simbólicos do regionalismo matogrossense.

É que tivestes contacto direto com o sertão de nossa terra, e essa influênciã, agiu naturalmente no vosso espírito.

Dormistes muita vez em pousos ao relento, á sombra gazalhosa dos timbosais, nas cabeceiras dos veios sem par de nossa terra: respirastes a pureza oxigênica do ar, humedecido com o sereno, fecundado pelas essências balsamicas, que se volatilizam das mimósas passifloras sertanejas; ouvistes a cantiga singela e melodiosa da simples gente do sertão, e a vossa alma de poeta se enlevou no sublime simbolismo dessas cenas tão rubras de lirismo pátrio, que as toadas sertanejas, sòmente elas, na sua plangência sonora, sabem comunicar aos corações.

E afigura-se-me, na fantasia, passar por vossa mente, aqueles quadros tão originaes dos sertões matogrossenses, quando a *hevea-brasiliensis*, então no esplendor da sua pujança, acenava para o mundo a sua munificência — o entrecruzar nas campinas viridentes, nas varzeas matizadas, nos cerrados entrelaçados de lianas, ou nos capoeirões gigantescos, dos lotes de tropas, tangi-

dos pelos meandros sinuosos, conduzindo o rico produto que a imprevidência do tempo e a displicência inconfessável dos homens, deixaram tombar na mais desoladora das crises, que haveriam de ferir a economia nacional.

Evoca-me á memoria, 'esse cenário rustico, tão peculiar á nossa selva, a clarinada dos passaros, o esfusio de insetos num rossar intermitente de élitros, o bimbalar festivo dos cincerros, num continuo, ensurdecador ruído, enchendo a natureza de harmonias, em que imperava com uma nota mística de saudade, a cantiga dolente dos tropeiros, perpetuando a vida nessa policromia encantadora de sublime poesia.

Essa, a razão porque, o vosso estro, nos proporciona uma melodia tão subtil, que faz bem ao coração.

Poetas, devem ser interpretados por poetas «por que não suceda, que sómente do original, se transfigure imperfeitamente o corpo, perdendo-se de todo o reflexo, com que o ilumina a alma do seu autor».

Apesar deste acerto, oiçamos o poeta, numa das suas produções, conhecidas pela sua original imagem, que foi motivo de intensa polêmica, quando, com Alcindo de Camargo, Cesário Neto e José Dias de Barros, sustentavamos pelas colunas do periódico "A Cidade", em 1924, a defesa das instituições jornalísticas em nossa capital, fugindo ás lides da politica que então, quase que sómente proporcionavam motivos para as pugnas da imprensa indigena:

OS BACURAUS

Bacuraus que adejais pela tardinha,

Aos zigue-zagues pelo espaço a fora,

O vosso vôo incerto me apavora,

Pois me traz á lembrança a sorte minha.

Com a voluvel, tortuosa linha
Que traçais pelo espaço, nessa hora,
Assim, minha alma tristorósa, chora,
Para ao depois sorrir, a pobresinha.

E como vós, que andais cruzando os ares,
Em rápidos volteios singulares,
Á palidês marmorea do sól posto,

Minha alma vaga assim, triste, erradia,
Ora presa nas fimbrias da alegria,
Ora envolta nos véus de atrás desgosto.

Sr. Academico Ulisses Cuiabano.

Dissestes, que a vossa presença nesta casa, não constitue uma novidade, pois, não obstante o vosso afastamento, imposto pela contingência da vida, da cadeira para que fostes eleito no Centro Matogrossense de Letras, hoje enflorado da dignidade academica, viestes contribuindo com o vosso trabalho para o engrandecimento das letras, colaborando na Revista da Academia.

E foi por isso, ilustre companheiro, que a Academia vos foi buscar, para integrar-vos no seu seio, efetivamente, pois, não se justificava mais, em absoluto, a situação em que vos encontraveis, quando a vossa atividade cultural, já vos havia consagrado no coração da propria Academia.

Não entraís, portanto, vacilante por entre os pórticos desta Arcádia.

Vindes, pois, com ufania, receber os lauréis academicos que de justiça vos assistem, comungando conosco, no mesmo banquete espiritual, em que celebraremos, com os hinos de amor ao trabalho, a beleza das letras e o engrandecimento da Pátria.

A nossa terra é grande, e grande é a sua história.
Desvendêmo-la á luz da inteligência e da cultura.

Dignifiquêmo-la, como merece, principalmente hoje, quando tudo nos acena com sorrisos de esperanças.

Rumo ao oeste, é o lema que empolga os espiritos brasileiros, nesta fase de renovação pátria, e em todos os pontos do torrão nacional, uma só idéia, uníssona, fala na linguagem dos bem intencionados, — cultivar a riqueza do sertão, para realçar a grandeza do Brasil.

Vivemos muito tempo esquecidos, é dura a verdade, mas êsse olvido, em nada desmereceu o valor da gente matogrossense, que, sempre impávida, nos momentos mais difíceis da sua vida politica, se manteve digna, na altura dos seus designios e da sua tradição.

O ilustre varão que patrocina a cátedra que vindes perlustrar, o grande e saudoso cuiabano que foi Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, cuja vida perfilastes com brilho, é um exemplo dos mais nobilitantes do estoicismo, da cultura, da coragem cívica, e sobretudo, do trabalho que enaltece, pelo devotamento prestado pelo engrandecimento de nossa terra.

Entrai para este areópago, com a coragem dos fortes e a confiança dos justos, para mais fortalecer com a vossa fé nos destinos de Mato-Grosso, os ideais mais ardentes de prosperidade, que alimentam os espiritos que acolmeiam nesta casa.

Entrai jubiloso, e comungai das alegrias que enfloram a nobreza dos sentimentos e que elevam as aspirações da Academia Matogrossense de Letras.

Sêde bemvindo.

DISCURSO DO RECIPIENDARIO

acadêmico **ULISSES CUIABANO**

Senhores:

ERA NO DOCE TEMPO...

Era no doce tempo da químera,
Era o tempo risonho dos amores
Em que no campo o repontar de flores
Anuncia o sorrir da primavera.

Com êstes graciosos e cantantes versos inicia o aedo um dos seus admiráveis poemetos:—"DESILUSÃO".

O doce tempo de quimeras refere-se, sem contestação, á quadra feliz da adolescência, em que tudo são tenras florinhas da campina airosa; os amores desse tempo risonho são anêios indefinidos de um coração que ainda aspira o olor embriagante das douradas ilusões da mocidade; e a primavera anunciada pelo desabrochar das boninas campestres é a sorridente juventude que ressurge, ufana, d'essa irrequieta crisálida,— a infância.

Foi n'essa fase de surpreendente metamorfose sentimental que conheci o bardo, então apenas esboçado, das CRISÁLIDAS; e, ainda mais, tive a ventura de conviver durante quasi um lustro com Fráncilin Cassiano da Silva, naquela época um aplicado, inteligente, e por que não direi? talentoso aluno do Liceu Cuiabano.

Quiz a Fatalidade, num dos seus irônicos desígnios, que fosse eu o sucessor do notavel homem de letras, neste sodalício; desejaram os componentes da Academia Matogrossense de Letras, «em expressiva unanimidade», como frisou um órgão da imprensa cuiabana, que êste obscuro e humilde amator da arte poética, que ora vos dirige o seu pálido balbucio, viesse ocupar a cadeira número 10, d'êsta casa de cultura intelectual.

Sei perfeitamente que a escolha do meu nome para preencher a vaga deixada pelo poeta Fráncilin Cassiano, foi attribuida tão somente aos estreitos laços de amizade que me prendiam ao malogrado e saudoso acadêmico, como homenagem à nossa indissolúvel e cordeal união durante dilatados anos.

Os meus apoucados conhecimentos literários, sem o mérito de uma obra de vulto, não fazem jús a tamanha distinção, e somente vacilante e um tanto confuso é que penetro os humbrais dêste templo do saber, para me alinhar canhestramente, com os meus pares, talentos de relevo da moderna geração matogrossense, aqui acolmeiados em torno de um soberbo ideal, sintetizado cabalmente no lêna acadêmico: — PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES.

É verdade que a minha presença nesta Casa não constitue uma novidade, pois já havia eu sido eleito para uma das cátedras do então Centro Matogrossense de Letras, que depois se transformou nesta Acadêmia; não tomei posse, porém, do lugar que me fôra imerecidamente ofertado, e passei, por força dispositiva dos nossos estatutos, para a categoria de sócio correspondente. Nesta qualidade tenho contribuído, apesar de parcamente, com os meus pobres trabalhos para a elaboração da esplêndida Revista, editada por este instituto da cultura matogrossense.

FRÁNCLIN CASSIANO — POETA

Alcindo de Camargo, brilhante escritor conterrâneo, criterioso e bem fundamentado crítico literário, escreveu os seguintes conceitos sobre o poeta das "CRISÁLIDAS": — «Somos irresistivelmente compelidos a afirmar que Fránclin Cassiano, pelo lirismo que lhe é espontâneo, ritmado em linguagem em que a frondescência da fôrma não esgalha, co-irmã da de Casimiro, deve ser o mais aceite pela média do nosso público. As suas poesias, mesmo as que cristalizam as mais fortes vibrações do sentimento, o fervor arrebatado de uma crença ou do ardor chamejante de uma paixão, são moduladas nessa linguagem sem os tons carregados de picturação, mas suficiente para espiritualizar os motivos sugeridos».

Abro, num frémito de saudosa evocação, o livro de versos, inédito, de Fránclin, estrofes quasi todas élas minhas velhas conhecidas, mas agora, passados tantos anos, trazendo o sabor de uma incógnita, e releio as páginas que foram elaboradas à minha vista, quando eu também rabiscava pretenciosas endeixas a alguém, que talvez nunca realmente tivesse existido.

Folheio, palpitante de emoção, as amareladas folhas do original das "CRISÁLIDAS", e vou lendo, um por um, os sonetos e os poemas, as baladas e as canções, os vilancetes e as estrofes cívicas, produções inspiradas e sadias de um cérebro que jamais teve um pensamento de amargura ou uma idéa de pessimismo.

E acho que a afinidade espiritual de Fránclin com Casimiro de Abreu é palpavel, é incontestavel como bem afirmára Alcindo de Camargo em seu ensaio crítico: — SINFONIA DA ALMA. Ouçamos Fránclin em:

TEUS OLHOS

Teus olhos divinos
São verdes, mimosos,
Despertam mil hinos
Teus olhos formosos.

São duas estrelas
Pequenas, brilhantes,
Que em noites mui belas
Fulguram constantes.

São dois atrevidos,
Altivos, tratantes,
Teimosos Cupidos...
São laços de Amantes!

São duas casinhas
Dos anjos de amôr!...
Se fossem só minhas,
Quem déra, m'ea flôr!...

São gotas de auroras;
São luz de arrebol;
São musas sonoras;
São filhos do sol!...

São meigos, divinos,
Teus olhos mimosos.
Despertam mil hinos
Teus olhos formosos!...

Eu me referí há pouco a que as minhas relações de fraterno amizade com Fránclin eram indissolúveis; pois bem, o próprio poeta o prova, quando nada menos que tres dos seus formosos poemetos: "IMPOSSIVEL", "DESCRENÇA" e "BEIJOS... BEIJOS...", são oferecidos por êle á minha insignificante pessoa.

Depois de confeccionado o volume das "CRISÁLIDAS", que por um imperdoavel desinteresse do bardo não chegou a ser publicado, a mentalidade poética de Fránclin sofreu apreciavel evolução. Leituras ponderadas de bons autores, estudos constantes de matérias que viriam cimentar os seus conhecimentos de devotado e emérito professor, o desenvolvimento de suas atividades como excelente auxiliar da Administração pública e a apreensão perfeita de várias linguas, que manejava com facilidade, exerceram indiscutivelmente grande influência em sua marcha através o domínio de versejar, no sentido de patente aperfeiçoamento artístico.

Vieram de sua fulgurante penna éssas estrofes delicadas e emotivas, que vivamente impressionaram os seus leitores, quando saídas a lume, em nossos jornais e revistas.

"NO ALBUM DE VERINHA", "VELHO TAMARINDEIRO", "A CACHOEIRA", os poemas dos "RITMOS NOVOS" constituem robusta afirmação de que o estro de Fránclin, de um lirismo cheio de vida e afeto, sofreu profunda modificação em sua estrutura de forma, não perdendo, porém, o sabor sentimental que soube imprimir aos seus harmoniosos e burilados versos.

O poemeto "CHANA" nos encanta pela evocação saudosa do vate, ao se recordar, em momento de recolhimento espiritual, da velha mucama que o «acalentara outr'ora, corpo em arco, dobrado, pés descalços, cabecinha branca de algodão batido».

Eu também conheci Chana, a mãe preta, macróbia, com o seu chale de baeta vermelha, curvada, resmungando e sempre a ralhar com os meninos, recomendando-lhes muito cuidado, quando íamos praticar o nosso esporte predileto, que era transpôr a cachoeira do "Manoel Pinto" em frágil ubá,

vagando sobre as ondas,
sob o ulular frenético, estonteante,
das águas em revolta,
de queda em queda,
do poético e formoso Cuiabá.

Bendita velhinha, feliz Feliciano Xavier, cuja memória ficou imperecedoura nas estrofes evocativas e rutilantes d'essa delicada joia da nossa literatura regional.

Frâncilin Cassiano, colaborando eficazmente no órgão A LIÇA, sob a direção esclarecida de Alcebíades Calhau, produziu vasta coleção de poesias humorísticas, todas élas de fina crítica, metendo á bulha os políticos de então, adversários do *perren-guismo*. N'essa tarefa um tanto árdua, adqueriu o Herodes de Souza alguns desafetos, movidos, como se achavam, pela paixão partidária, talvez a mais tremenda de todas as paixões humanas.

D. Maria Dimpina, consagrada escritora patrícia, espírito perspicaz de cronista abalisada, escreveu na A VIOLETA, a simpática revista feminil de Cuiabá, êste veemente apêlo:

«Frâncilin não pode morrer, pois ele viverá sempre em seus
«versos cheios de vida e de amor. Dever de patriotismo
«seria o nosso Estado não deixar perder-se nas obscuras
«sombras do Incógnito as primícias d'esse talento de escol.
«CRISÁLIDAS deve ser publicada! É uma obra que reve-
«la o autor, e o autor não foi apenas um sentimental, foi
«um professor a quem muito deve a instrução matogros-
«sense, e a sua memória faz jús a uma imortalidade».

A obra imortal do rapsodo deve ser dada à publicidade, consoante a sugestão de D. Maria Dimpina, completada, porém, com os trabalhos poéticos posteriormente compostos e esparsos pelos órgãos do nosso periodismo.

Assim o nome do poeta ficará eternamente gravado no frontespício do mais sólido e expressivo monumento do saber humano, que é o livro.

FRÁNCLIN CASSIANO — TEATRÓLOGO

O teatro cuiabano, hoje todo entregue aos peregrinos artistas ambulantes que, de vez em quando, aqui aportam, em excursões circuncas, ou á iniciativa de colegiais, de duração precária e passageira, já teve os seus dias de efervescência e de entusiasmo.

Épocas houve em que a nossa culta sociedade assistiu espetáculos brilhantes, em cenário movimentado por amadores patrióticos, cujos pendores para a arte teatral eram apreciáveis.

Nêsses períodos de animação e de interesse pela custosa cerimônia de gosto altamente espiritual sob a tutela mitológica de Talia e de Melpômene, alguns ensaístas da cêna temos possuído, cujos trabalhos teatrais foram devidamente apreciados e aplaudidos. Pena é que um Filogônio Corrêa, um Indalécio Proença, de saudosa memória, um Manoel Cuiabano, um Francisco Corrêa Filho, um Amarílio Novis, não tivessem prosseguido pela senda atraente do ramo literário que nos pinta, ao vivo, as mais variadas passagens da existência humana. Produziram, todos êles, as suas primícias, avidamente sorvidas pela nossa culta platéia, e se quedaram silenciosos, num condenável mutismo.

Fránclin Cassiano também compoz, desde as primeiras peças, com passos seguros e com surpreendente técnica do palco, algumas obras que marcaram ruidoso sucesso na ocasião da sua pública exibição, todas elas apresentadas em cêna em repetidos espetáculos.

Quando foi da temporada teatral dirigida por Chaves Florence, em 1918, escreveu o novél teatrólogo, de parceria com Filogônio Corrêa, o seu trabalho de estréia intitulado: "PROGRESSO NA ZONA". Era uma revista de costumes locais, em dois atos, e muito bem recebida pela platéia. Isto estimulou o debutista que, em colaboração com o titubante acadêmico que agora vos dirige a palavra, escreveu a revista: "CÁ ENTRE NÓS", toda musicada pela exímia artista Zulmira Canavarros. Continha também essa peça dois atos, e foi apresentada ao público em 1920 por um grupo de jovens amadores cuiabanos. Em 1924 elaborou Franclin a revista em dois atos: "QUERO I LÁ P'RO MATO", de sabor caipira e com a colaboração musical de Zulmira Canavarros. Em 1926, com Maneco Cuiabano, engendrou Fránclin a burlleta:—"NHÔ CHICO FOI BARRADO".

Escreveu ainda o nosso autor teatral: a revista CUIABÁ POR DENTRO, notável pelo esforço artístico dispendido por êle, pois compilou, parodiou, arranjou a parte musical, compondo

mesmo uma canção com música própria; (não poudé contar nêssa ocasião com a ajuda da sua infatigável colabora musicista, que se encontrava seriamente enferma); a comédia BAILE NA GOIABEIRA, em 1931; e interessantes palestras e trovas caipiras, pequenas cenas com que preenchia os seus atos variados.

A sua última revista, cujo nome ignoro, não chegou a ser levada à cêna, pois *bolia* com os politicões da época, e nêsse tempo era Interventor em Mato-Grosso o Cel. Mena Gonçalves. Fránclin guardou avaramente os originaes da peça, talvez murmurando, entre dentes: «cadeia não foi feito p'ra cachorro...»

A obra teatral de Fránclin Cassiano permanece, toda éla, inédita, e algumas das suas cançonetas tornaram-se populares e ainda são cantadas, ocasionalmente, por alguém que talvez desconheça a sua autoria.

FRÁNCLIN CASSIANO — JORNALISTA

Colaborou o meu antecessor nêsta cadeira em muitos jornais e revistas de Mato-Grosso, e os seus escritos, alguns assinados sob os pseudónimos de Amilcar Santos, Herodes de Souza e Aluizio Dinarte, e outros constituindo artigos de fundo, jazem dispersos e esquecidos. Sei que a sua eficiente atuação como jornalista foi muito apreciada, e largos contingentes de oportunos comentários saídos de sua brilhante pena encheram as colunas dos periódicos "A IMPRENSA", "O MATO-GROSSO", "A LIÇA", "A VIOLETA", "O REVÉRBERO", "O JORNAL", "O CORREIO DO ESTADO", "O DEMOCRATA" e outras folhas locais. Constante e profícua era a sua coparticipação na feitura da Revista da Academia de Letras.

Com o dr. Perí Alves de Campos, esclarecido espírito de publicista, e Alberto de Castro, dirigiu a revista "CIVILIZAÇÃO", de grande sucesso mas de breve duração.

Deixou também Fránclin, na imprensa regional, diversos trabalhos, de crítica literária, dos quais me ocorrem os estudos feitos sobre os livros: TERRA DO BERÇO, de José de Mesquita; FREI ANDRÉ, de Jercí Jacó; DISCURSOS, de Generoso Ponce Filho; POEMAS E POEIRAS, de Alírio de Figueiredo; e ESBOÇO DE HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Nilo Póvoas.

Ainda o jornalista traçou alguns contos, dos quais me vêm à memória DOMINÓ NEGRO e A TIA DE ALICE.

FRÁNCILIN CASSIANO — PROFESSOR

José de Mesquita, o orientador máximo da mentalidade literária de Mato-Grosso, ao dizer o adeus de despedida do Instituto Histórico e da Academia de Letras, ao inditoso companheiro que partira para o grande Enigma do Além-túmulo, assim falou:

«... professor, que você soube ser acima de tudo, nessa vocação inata para o magistério que o fez um privilegiado na mais bela das ciências humanas: a de ensinar a ensinar. Artista por excelência é o pedagogo, o didacta, pois enfom a própria alma, déla fazendo a matéria prima das suas admiráveis criações».

Fránclin foi verdadeiramente, acima de tudo, professor. Dêle disse um seu ex-aluno, o quintanista do Liceu Cuiabano José Torquato Junior:

«Era o seu modo agradável que deleitava os seus discípulos. Era a sua palestra atraente e instrutiva que os entusiasmava. Com êsses predicados o Prof. Fránclin Cassiano foi um educador exemplar».

A professoranda Oréade de Carvalho, falando deante do túmulo de Fránclin, assim se expressou:

«Mestre e amigo, era com o sorriso da bondade que sempre emanava do seu belo coração, que nos ministrava os seus ensinamentos, cultivando o nosso espírito com o orvalho da ciência, e, com seus exemplos de virtude e de energia, nos ensinando a fortalecer o carácter e a cultuar a amizade, êsse sublime sentimento que é o vínculo sagrado que caracteriza e solidifica as sociedades».

Fránclin ingressou no magistério em 1912, como professor primário, servindo de Adjunto da Escola Modelo anexa à Normal. Foi designado depois para Auxiliar da Diretoria do mesmo Estabelecimento. Desempenhou as funções de Diretor dos Grupos Escolares de Miranda e "Senador Azeredo", desta Capital, de onde saiu para dirigir o Departamento de Instrução Pública do Estado. Era professor de Pedagogia e Psicologia, da Escola Normal, e de Psicologia e Lógica, do Curso Complementar anexo ao Liceu Cuiabano, tendo funcionado neste Curso até as vésperas do seu brusco desaparecimento.

Como professor e Diretor Geral da Instrução escreveu substanciosos relatórios e publicou vários artigos sobre assunto educacional, e elaborou um interessante trabalho de filologia, intitulado "SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DE DIALECTOLOGIA EM MATO-GROSSO", que foi publicado em opúsculo.

Frâncin ainda desempenhou, em breves períodos, os encargos de professor de português, da Escola Normal, lente de inglês, do Liceu Cuiabano, e Membro do Conselho Superior do Ensino.

Dedicou grande parte de sua afanosa existência ao ensino dos seus jovens concidadãos, e nêsse intenso labutar nunca se percebeu nêle o mais leve sinal de desânimo. Repito aqui o que já eu disse a seu respeito: «Carreira verdadeiramente árdua e espinhosa, somente um predestinado poderia, sem desfalecimentos, trilhar até o fim. É mistér possuir uma têmpera especial para enfrentar os mil obstáculos que se antepõem ao mestre-escola, êsse humilde e obscuro operário do bem, que muitas vezes se sacrifica para a felicidade de outrem, sem nada auferir para si, a não ser a convicção de que bem cumpriu com o seu dever. Frâncin Cassiano, com a sua tendência pedagógica e o seu acendrado amor pelo ensino, foi, de ano em ano, um verdadeiro vencedor de ríspidas refregas. Pelejou nêssa lida ingente por dilatados períodos letivos -- 28 anos de contínuo labor. E quando êle quasi assomava às portas de um descanso compensador aos seus esforços a prol da educação da nossa juventude, eis que a fatalidade vem pôr um remate a tão bêla e exemplar existência.»

CORUMBÁ — BERÇO DO POETA

Frâncin Cassiano nasceu em Corumbá, a belíssima cidade branca, a heril Princeza que se debruça, garrida e gentil, sobre as ribanceiras risonhas e poéticas do magestoso rio Paraguai.

E nem poderia o poeta corumbaense deixar de celebrar, em versos harmoniosos e inspirados, o vivo amor que nutria pelo seu berço natal.

Apezar de ter vindo, ainda creança, para esta Capital, e somente mui ligeiramente ter contemplado, por algumas vezes, a soberba "mesa de xadrez" que constitue um dos máximos orgulhos de Mato-Grosso, Frâncin traçou as linhas admiráveis dêste soneto, que reflete a afeição filial que a alma do cantor patrício dedicava à heroica terra, onde repousam os restos mortais do destemercso Antonio Maria Coelho, o libertador da Cidade Branca:

CORUMBÁ

Lá, reclinada às águas murmurantes
Do glauco Paraguai, rio colosso,
Broslada de verduras palpitantes,
Sob a luz de um progresso ardente e moço,

Existe Corumbá. Gênios errantes
Da poesia e beleza, o encanto nosso,
Lhe vestem de riquezas delirantes,
De Princeza ideal de Mato-Grosso.

Mimosa terra minha, tu, que airoza,
A senda do progresso vigorosa,
Vais trilhando a sorrir, nã luta insana,

O! Sob a além... para um futuro ingente,
E viverás em glória eternamente,
Tu que és Princeza e — és republicana.

(Março 1919)

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

O Prof. Frâncilin Cassiano da Silva veiu à luz da existência a 1º de Maio de 1891, sendo seus pais Luiz Cassiano da Silva e d. Ana Luiza Bastos da Silva.

Ficou orfão muito jovem e foi morar em casa dos seus tios Major André Avelino de Oliveira Bastos e sua esposa d. Ana Luiza Bastos, que devotadamente cuidaram do sobrinho e de seus irmãos Otário e Odilia, esta já falecida. Quando da ausência de seu tio, que era militar, ficaram Frâncilin e Otário residindo em casa do meu irmão Luiz Pereira Cuiabano, época em que vivemos e estudamos juntos por alguns anos.

Foi casado em primeiras núpcias com d. Amália Monteiro da Silva, de quem houve os filhos Elzira, Luiz, Lísia, Ênio e Hilton, todos vivos, e Ênio, falecido. Do seu segundo consórcio deixou viuva d. Tabita da Costa e Silva, de quem teve um casal de filhos: Ana Luiza e João.

Devotado pai de família, para éla vivia e dedicava toda a sua afeição. Jamais se me apagará da retentiva aquela figura simpática e sempre afavel, que soía receber em casa os seus amigos, rodeado de sua esposa e filhos, como um patriarca de velha têmpera, para quem o lar, o doce lar, constituia um sagra-do templo.

Tinha Frâncilin o curso do Liceu Cuiabano e foi estudante de Direito. Fazia parte do Instituto Histórico de Mato-Grosso,

sendo membro efetivo, e colaborou na Revista d'essa útil associação cultural, sendo notavel o seu trabalho em que estuda a personalidade de Antonio Luiz Patrício da Silva Manso, um dos vultos proeminentes do movimento nativista de 1834, conhecido sob o nome de RUSGA.

O PATRONO DA CADEIRA N° 10

Escolheu Fránclin para patrono de sua cátedra nesta Academia a Antônio Augusto Ramiro de Carvalho, polimata de fáculas diferentes, todas élas presididas e orientadas por um fino espírito de artista singular e político arguto.

Nascido em Cuiabá aos 28 de Dezembro de 1833, era Ramiro de Carvalho filho legítimo de José Jacinto de Carvalho e d. Maria Seabra das Dores. Fez os seus estudos na Capital mato-grossense e seguiu após a carreira das armas. Egresso em breve das fileiras do Exército, ingressou então na Tesouraria Provincial, seguindo o ramo burocrático.

Foi casado com d. Ana Louzada Ramiro e não deixou descendência. Militou no jornalismo de nossa terra, colaborando assiduamente na A SITUAÇÃO e no "15 DE NOVEMBRO". Desde os seus primeiros passos na vida política demonstrou vivo pendor para o periodismo, fundando as folhas humorísticas "DUNDA" e "PEGA ONÇA". Adorava a polémica e se sentia muito bem quando se esboçava uma nova campanha jornalística.

Ramiro tinha uma vocação decidida para o versejar, e as suas obras poéticas, ainda esparsas, são de apurado gosto lírico. Satírico famoso no seu tempo, temível mesmo, era de uma ironia a toda a prova, e as suas mordazes quadras permaneceram por muito tempo na memória dos seus coêvos. Entrando, porém, para a política, descuidou dos seus dons literários, arreliando-se com as Musas. Foi presidente da Câmara Municipal desta Capital, deputado à Assembléa Provincial por duas legislaturas e por duas vezes presidente da Província de Mato-Grosso. Faleceu a 2 de Novembro de 1891, em pleno vigor de sua inteligência privilegiada.

Fránclin, ao arrematar o seu belo estudo sobre a personalidade de Ramiro de Carvalho, assim sentenciou:

«Os seus trabalhos, porém, como os do artista de Schreiner,
 « aí estão. Na sua simplicidade e delicadeza encantam-me,
 « fascinadoramente, e eu murmuro: — Gosto de Ramiro.
 « Por que? Não sei. Sabe-se lá por que se gosta?»

HOMENAGEM SIGNIFICATIVA

Concluindo éstas singelas considerações sobre a vida e a obra do meu ilustrado antecessor neste sodalício, tenho a grata satisfação de me congratular com a Presidência desta Casa pela feliz iniciativa de fazer figurar na galeria dos nossos confrades extintos a expressiva e fiel fotografia do querido companheiro, como uma homenagem de eterna saudade.

Alí, naquele quadro de espiritual simbolismo, o inesquecível consócio continuará, de certo, a acompanhar, com o profundo carinho que sempre o nobilitou na vida terrena, a marcha evolutiva da nossa associação, cujo escopo máximo é contribuir para a perfeição e o saneamento da mentalidade literária de Mato-Grosso, e, em última análise, para a glorificação da literatura brasileira.

Tenho concluído.



A Sistematização Ortográfica e os Velhos

SEVERINO DE QUEIROZ

Nada é mais lamentável, nada é mais irritante e impatriótico do que essa injustificável reação contra a gráfica simplificada, hoje oficial no país, por parte de alguns velhos retrógrados, que, no século do rádio e das fortalezas voadoras, fazem questão de que permaneçam seus nomes e sobrenomes com os — *th*, *ph*, *w*, *y*, *ch* (duro). Segundo a sua maneira de ver, devem ser os nomes próprios respeitados pelos redatores de órgãos de publicidade, pelos professores e também pelo governo forte do Estado Novo...

Tais pessoas não acompanham o natural e justo evoluer da ciência. Há 40 ou 50 anos, aprenderam a escrever — *Thomas*, *Thomé*, *Theophilo*, *Jacy*, *Sylvio*, *Hippolyto* (uns, a grafar — *Hipolyto*, outros *Hyppolyto*, outros *Hippolito*), e não há força humana (nem sobre-humana), não há legislação, não há erudito em filologia que lhes façam compreender que, hoje, esses digramas de origem grega, esses grupos consonânticos arcaicos, esse *W*, o *K* e esse feio *Y* de cauda quilométrica e

pendente a tomar duas linhas, já não teem razão de figurar na escrita dos povos que falam o português. E não se conformam com essa natural tendência simplificadora do século, nem com o decreto-lei que oficializou o novo sistema de escrita.

Por mais que se gastem palavras, tinta e papel, por mais que gemam os prelos a imprimir a lição dos mestres, sentam-se eles, os *velhos*, em seu ponto vista, numa teimosia que não os recomenda.

Outro dia, deparou-se-me um desses homens de *espírito velho*, a deblaterar contra os simplificadores, contra os professores do vernáculo idioma, contra a época de inovação, contra o decreto-lei de oficialização ortográfica. Eis em resumo, o diálogo que entre mim e ele se travou:

— A tal reforma da ortografia é o maior dos absurdos! Vocês do jornal não podem alterar meu nome. Isso é desaforo. Segundo me ensinaram na escola, desde criança, escrevo o meu nome com dois pês e *y*: — HIPPOLYTO, e agora vêm os senhores professores e jornalistas modificá-lo para — HIPÓLITO, sem os dois pês, sem o *y* e ainda com a *bobagem* de um acento gráfico! Isso é burla. Não admito que me alterem a grafia do nome, e mais isto, e mais aquilo...

— Meu amigo, retruquei, o nome *Hipólito* (sem os dois pês e sem *y*) não é de sua propriedade exclusiva: pertence à língua portuguesa e tem sido, é e será dado, na pia batismal e no registo civil, a muitos meninos de Portugal e do Brasil. Não observa o amigo que há tantos Hipólitos?

Depois, você deve saber (se o ignora, não me corra a culpa) que existe um decreto-lei, que impõe à imprensa a adoção da simplificada. Esse decreto veio, decerto, para acabar com o abuso de um *Hipólito* escrever — Hippolyto, outro pintar *Hypolyto*, outro, estu-
dioso da língua, amigo da Gramática e de quantos,

procuram escrever bem — *Hipólito* (sem as letras inúteis e com acento agudo na tônica por ser nome proparoxítono).

Há-de concordar que essa liberdade na escrita muito deprime a mentalidade do povo brasileiro, muito faz desmerecer a nossa cultura.

Ora, há-de convir o meu prezado amigo que diversas grafias adotadas em um só nome põem a ridículo a mentalidade do povo brasileiro. O decreto-lei veio a tempo, era necessárrissimo e deve ser cumprido, como todas as boas leis.

— Mas os nomes próprios, no meu entender, não deveriam sofrer alteração.

— No seu entender. No sentir dos mestres da língua e no parecer do governo, « os nomes próprios portugueses ou aportuguesados, quer pessoais, quer locais », sofrem alteração, não de partículas, não de pronúncia, mas na grafia. E seria o maior absurdo, se a lei os isentasse: teríamos duas grafias, ou três, ou quatro. . .

— Adoto a nova grafia, mas escrevo — *Hippolyto*.

— Pois continue a escrever assim, continue a ser incoerente; mas não vá ao ponto de pretender impor a outrem o desrespeito à lei, a desobediência às instruções das autoridades competentes.

Se não quer ver seu nome (que não é só seu) sem os dois pêes e sem o raio do *y*, não escreva para a imprensa de responsabilidade, que essa deve cortar um pêe e substituir o *y* dos gregos pelo *i* latino e português e ainda carregar o *o* da sílaba — *po*.

A razão é simples. A imprensa é obrigada a usar a nova grafia, e, de acordo com os cânones ortográficos, foram expungidos do alfabeto o *y*, o *w*, o *ph*, o *th*, o *ch* (duro) e o *k*, salvo nos símbolos de química, abreviatura de um dos pontos cardiais e na de *quirlo* e *quilômetro*. Ora, se não existem mais essas letras, por que

lógica havemos de admitir em nomes portuguezes? É questão de reflexão e um pouquinho de coerência, não acha?

— Bem. Você tem razão, tem razão. Até outra vista, e desculpe a caceteação.

Se todos os *velhos* fossem razoáveis como esse meu amigo Hipólito, não haveria maior dificuldade na integral adoção da grafia simplificada.

Infelizmente, há outros *Hipólitos*, há Tomazes, Jacís, Artures, Melos e Portelas, que não se dobram com duas razões aos argumentos, nem à prática dos buriladores da linguagem; nem sequer obedecem à lei referente à escrita simplificada de seus nomes. Há muitos desses. Há muitos brasileiros, assim incultos como cultos, que são capazes de matar gente por causa de velharias gráficas. Uns, mais pobres de espírito, teem tido a coragem de afirmar, pela imprensa e com ares catedráticos, que o *z* em lugar do *y*, que usam em os respectivos nomes, é “despersonalizante”!... Onde já viu isto: dar personalidade ao homem um símbolo feio e inútil como o *y*? Tal pensamento só tem guarida no cérebro pouco cinzentado dos retrógrados.

Se dermos razão a todos, nada se fará no mundo, seja na administração pública, seja nos estudos científicos, seja no prisma da linguagem escrita.

Não procedem os argumentos dos que não querem perder o *y*, ou o *w*, ou *ph*, ou o *th*. A lei não faz a mais leve exceção de nomes próprios. A simples leitura das Bases do Acordo ortográfico entre as Academias das Ciências de Lisboa e Brasileira de Letras basta para comprová-lo.

Não teem razão, portanto, os diretores ou redatores que ainda conservam, nos jornais ou revistas, a grafia antiga dos nomes próprios, como se fossem tabús.

Não cumpre a lei quem assim faz.

Campo-Grande, novembro, 1941.

IMPRESSÕES DE LEITURA

Ulisses Cuiabano

I

THE LOST PARADISE

« A Língua Portuguesa sabe vencer todas as dificuldades, quando se busca com arte, e paciência e desvelo exprimir nela os mais sublimes conceitos de todas as línguas mortas, ou vivas, prestando-se, amoldando-se aos afetos, costumes, e conveniências, assim das composições as mais heróicas, terríveis e rudes, como das mais amenas, suaves e singelas produções do espírito humano, descrevendo ou narrando; e pintando os assuntos de umas e outras com as frases e cores mais vivas e adequadas.»

Visconde de S. Lourenço.

Francisco Bento Maria Targini, descendente de pai italiano e nascido em Lisbôa em 1736, acompanhou a Família Real Portuguesa ao Brasil e aqui exerceu o cargo de Conselheiro de Estado, sendo agraciado por D. João VI com o título de Barão, e depois Visconde de S. Lourenço. Regressando à Europa, não conseguiu permissão para desembarcar em Portugal, por ser considerado como absolutista. Seguiu então para Paris, onde veio a falecer em 1827. Escreveu diversas poesias e traduziu Milton e Pope. A sua versão do "Paraiso Perdido" foi impressa em Paris, em 1823, na Tipografia de Firmino Didot, "impressor do Rei".

São palavras do Visconde de S. Lourenço:

«O poema do Paraíso Perdido, composto por João Milton, hé a produção litterária que mais honra a Inglaterra, e realça o espírito humano.»

Conhecíamos o poema épico inglês através de trechos que figuram nas diversas seletas que possuímos. Mais de uma vez tentamos a tradução desses trechos, mas abandonávamos a empreza por dificuldades advindas principalmente da deficiência dos nossos conhecimentos do inglês clássico.

Há pouco tempo, palestrando com o Prof. Américo Brasil, espírito curioso e culto, veio à baila o poema de Milton, e então aquele proveto educador, hoje afastado das atividades escolares por efeito de aposentadoria, nos disséra que possuía um volume do *Paraíso Perdido*, tradução portuguesa do Visconde de S. Lourenço. Esse exemplar pertencêra ao Conego Cerqueira Caldas e constituía precisamente um volume da primeira e única edição de 1823. E alguns dias depois o Prof. Brasil nos enviava o precioso livro, aliás com imerecida dedicatória.

Assim nos foi possível cotejar o original dos trechos em inglês, que possuímos, com a tradução em apreço, podendo então aquilatar e apreciar a sublimidade do estilo do celebrado poeta Milton.

John Dryden, poeta britânico, nascido em 1631 e autor das “Estancias sobre a morte de Cromwell” e de outras obras poéticas, emitiu sobre Milton o conceito que se segue:

«Three poets, in three distant ages born,
«Greece, Italy, and England did adorn.
«The first in loftiness of thought surpast;
«The next in majesty; in both the last.
«The force of nature could no further go;
«To make a third, she join'd the former two.»

Para Dryden, Milton valia Homero e Dante, em um conjunto sabiamente ajustado pela natureza, já exaurida para formar um terceiro gênio poético.

Milton nasceu em Londres, em 1608, e foi educado em Cambridge. Excursionou, em viagem de estudos, pela França e Itália, e pretendia visitar a Grécia quando foi forçado a regressar à Inglaterra, em virtude da irupção da revolução contra Carlos I. Casou-se com Mary Powell, mulher simples e de educação falha, que não pode compreender o espírito super-elevado do grande vate. Dentro de um mês a esposa regressava à casa dos seus pais. Como resultado dessa separação Milton escreveu a obra jurídica: "DOCTRINA E DISCIPLINA DO DIVÓRCIO", que foi objeto de acirradas discussões. Foi escolhido para secretário do Ditador Cromwell, quando êste general do Parlamento apossou-se das rédeas do governo britânico. Casara-se em segundas núpcias com Catarine Woodcock, que faleceu dois anos depois. Contraíu Milton então o seu terceiro casamento com Isabel Minshul. Tendo ficado cego em 1652, dedicou-se à composição do grande poema épico "O PARAISO PERDIDO", cujas estrofes eram ditadas às suas filhas. Por ocasião da Restauração o celebrado cantor fôra poupado pelos realistas, que levaram em consideração o renome do poeta, já de projeção mundial.

John Milton era puritano.

A primeira impressão do poema "O PARAISO PERDIDO" foi feita em Londres, em 1667, e continha somente dez cantos. A edição de 1671 trouxe mais dois cantos. O tema da obra épica de Milton foi colhido nas Sagradas Escrituras. O primeiro canto trata do fruto proibido.

« Satanaz, debaixo da fôrma de serpente, seduz
« nossos primeiros pais ao pecado da desobediência,
« para se vingar de Deus, cuja trémenda justiça o ti-
« nha precipitado do Céu no Abismo, com os seus
« sequazes.»

E enumera as lutas entre os espíritos bons e maus, quando os anjos rebeldes tentavam escalar o Céu, para dêle se apoderar.

O que se observa de ineditismo nas fragorosas batalhas travadas no espaço infinito entre as falanges aguerridas dos querubins e nas legiões inumeráveis e destemerosas dos demônios, é que não se registram baixas, pois que os combatentes, de ambas as partes, são imortais. E' por isso, talvez, que éssa luta ainda continua, *per secula seculorum...*

Nas estrofes de Milton há tantos rasgos de poesia original e tão grande sublimidade de pensamentos, que se torna impossível notá-los em simples leitura cotejada.

Consignamos aqui os nossos cordiais agradecimentos ao Prof. Américo Brasil, que nos proporcionou o agradável ensejo de lermos uma obra, que atrai, pela harmonia dos acordes, que excita, em suas passagens eloquentes, afetos e paixões, segundo a maravilhosa combinação «da doçura, amenidade, aspereza, rudez ou terribilidade com que o plectro fere as cordas ou a trombeta rompe os ares.»

II

VOCI DEL CUORE

« Versi, diranno molti, versi! E chi sarà lo stolto
« che in questi tempi osa publicar dei versi? »

E o coração, apesar de tudo, continua a falar, a emitir vozes harmônicas e melodiosas. A cantar. A poetar...

Li, há poucos dias, uma delicada crônica de Rosário Congro, estampada na "Gazeta do Comércio", de Tres Lagoas. Falava o conhecido beletista do artístico volume de poesias intitulado "Voci del Cuore", e de autoria de Tolentino Miraglia, «espírito florentino de grande inspiração e sobretudo, maravilhoso cinzelador do verso». E depois de fazer ligeira, mas concisa apreciação das poesias do aedo italiano, transcrevia uma

das magníficas traduções dos nossos melhores poetas, precisamente "Udir le Stelle", de Bilac.

Pela leitura dêsse soneto, na linguagem suave e musical de Carducci e de Leopardi, confesso que fiquei com agua na boca, desejoso de apreciar as demais versões dos nossos vates, assim como as produções originais do trovador peregrino.

Quiz a minha curiosidade que eu perguntasse ao Alfredo Miraglia se o Tolentino era seu parente e se o meu interlocutor conhecia já a obra em referência. Em resposta mandou-me imediatamente o Alfredo o mimoso volume de versos italianos, que traz, autografado pelo autor, sincera dedicatória ao seu primo de Cuiabá.

E nessa mesma noite lí todas as composições poéticas do livro, tendo outrossim prestado toda a minha atenção ao "In Limine" onde o poeta narra a sua predileção inata pela arte, assim como as peripécias aventurosas de sua vida de simples emigrado, desde a partida dêssa risonha San Nicola Arcella

« Il mio paese é sul dorso del piede d'Italia,
Ma lo tengo vicino ogni giorno, nel fondo del cuore ! »

até a obtenção de sua láurea na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, depois de haver cursado o Ginásio Mineiro e a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. O poeta veio da Itália com 9 anos de idade; aos 17 voltou à terra natal. A descrição dêsse regresso empolga. A volta do emigrado não se descreve, sente-se. As lágrimas correm sem a gente saber. « Si può dire quello che si vuole, la Patria é cosa superiore a tutto quello che si può immaginare. Non si sa che cosa sia. Non si raffigura. Ma è un misto di divinità, e di sogno; esiste, perchè la sentiamo, come sentiamo la vita, anche se non si sa che cosa é. »

Voltando logo depois ao Brasil, aqui radicou-se o poeta-médico, estabelecido atualmente em Baurú. Publi-

cando "Voci del Cuore" aos cinquenta anos, escreveu Tolentino Miraglia, pensando precisamente nessa circunstância:

«I riccioli son bianchi, ma nel cuore
Sbocciano ancora i sogni e le chimere.»

e acrescentou: «O espírito não envelhece. E a vida pôde começar também aos cinquenta anos.»

O livro de Tolentino Miraglia divide-se em 5 partes: — "SONETTI", dedicados à memória dos seus genitores (são 10 sonetos); "BRASILITAS", contendo 22 traduções de poemas brasileiros, também com expressivo ofertório: «Al Brasile, mia seconda Patria», abrindo o bardo esta coleção de versões com dois belíssimos sonetos em português, sob o sugestivo título de "Brasil"; "INTERMEZZO", 3 poemas consagrados a «tutti quelli che hanno perduto le illusioni», "SAUDADE", «all'Italia, mia cara Patria», coleção de 12 cantos, que celebram os logares e fatos mais amados pelo rapsodo; e "SENTIMENTO", 5 inspiradas produções oferecidas aos seus 58 sobrinhos e sobrinhos-netos, alguns destes nascidos e residentes em Cuiabá.

A poesia de Miraglia tem um sabor todo especial. Os versos brotam, fluentes, dessa lira delicada e doce, em harpejos sentimentais e emotivos. O poeta não encontrou, em italiano, um vocábulo correspondente à nossa palavra "saudade", e conservou essa deliciosa expressão como título de uma das partes do livro, com a nota:

«Nostalgia, in calabrese. L'unica vera traduzione di "saudade.»

Nas traduções Miraglia foi de uma felicidade sem par. Soube sempre interpretar a essência, o sentimento da obra original. Já Alberto de Oliveira dissera a esse respeito:

«Dou-lhe, com autorização que pede, meus sinceros parabens, por sua tradução, a melhor que ainda conheço de versos meus para outro idioma.»

E também Bilac, Hermes Fontes, Belmiro Braga e o exigente Agripino Grieco se expressaram, com elogiosas palavras, sobre as traduções do cantor italiano.

Não poderei encerrar estas anotações sem transcrever o célebre soneto A CEGONHA, de Anibal Teófilo, na versão perfeita e emocionante de Tolentino Miraglia:

LA CICOGNA

La solitaria, placida cicogna,
Immersa in un pensiero ignoto e vago,
Mentre tramonta, sopra azzurro lago,
Guardare con tristezza vi abbisogna.

Vedendola, Signora, forse sogna
Che il duro conte d'un palagio, mago,
Bionda fata, perverso, per suo svago,
Mutò nell'erodiona che trasogna.

Ma io che, per la luce, il velo denso
Dell'essere o non esser, diradando,
Tento, tenacemente, il duro accesso;

Al vederla mirarse in acqua, penso
Vedere il dubbio umano meditando
Sull'angustia infinita di sè etesso.

Que continue Tolentino a interpretar, em escorreitos versos italianos, as joias da nossa poesia, para maior conhecimento de tantas pérolas ocultas no escrínio circunscrito do idioma luso-brasileiro e que se não pejam de figurar ao lado das produções poéticas esculpidas e buriladas nas demais linguas cultas.



VIAGENS HISTORICAS

V. Corrêa Filho

Ainda a propósito da Viagem do Presidente Vargas a Mato Grosso, enseja-se a publicação nesta *Revista* deste magnífico artigo do acadêmico V. Corrêa Filho, transcrito do *Jornal do Commercio*, do Rio.

Não é comum, entre governantes brasileiros, o habito de excursões frequentes, que os desloquem, do posto central de comando ás regiões distantes, no país, ou alem das fronteiras.

A D. João VI, com o seu atilamento comodista, depois da forçada travessia que o salvou das garras napoleonicas, bastariam os passeios pelos arredores da Côrte, que não lhe amofinassem em demasia o corpo avesado ao repouso.

O impetuoso D. Pedro I, ao reves não se pouparia a nenhuma aventura, desde que lhe fosse necessaria a presença em S. Paulo ou Minas, na Bahia ou Rio Grande do Sul, para onde partiria, apressado sempre, como quem não disporia de tempo algum a perder.

As injunções políticas as mais das vezes traçavam-lhe o itinerario das marchas, que realisava às pressas, com espanto da comitiva.

Mais equilibrado, D. Pedro II teve o ensejo de comprazer-se em visitas aos seus súditos de varias provincias, nem sempre

impelido por impulsos análogos aos que o levaram a Uruguai-ana, onde travou relações com os dominadores das republicas platinas.

Era-lhe mais de gosto o passeio desinteressado, alheio às premencias políticas, e por isso, assim que lhe fosse possível, cruzaria o Atlantico em deleitavel evasão dos deveres majestáticos.

Em Portugal, fóra do protocolo, diligenciaria conhecer Alexandre Herculano e Camilo, cujas obras saboreava em sua biblioteca.

Relembrava Walter Scott na Escossia, antes de conversar com Wagner na Alemanha e Manzoni em Milão.

Seduzia-lhe porem, o espirito curioso o Egito, onde se transfigura em arqueólogo, para decifrar os segredos herdados pelas gerações desaparecidas.

E do lendário centro de cultura, cujas inscrições já podiam ser interpretadas, mercê das descobertas de Champollion, tornava à atualidade, ao frequentar os centros intellectuais de Paris, onde Gobineau lhe serviria de companheiro erudito.

De outra feita, começaria por Washington a sua peregrinação, alongada por Bayreuth onde assistiu a inauguração do teatro wagneriano, pela Dinamarca, Suecia, Russia, através da qual alcança a Palestina, a caminho do Egito, depois de assistir à sessão inaugural do III Congresso de Orientalistas, convocado pela Universidade de São Petersburgo.

Estimulado pelo que ouvira nos dominios dos Czares, retoma o estudo da egitologia, feito discipulo atento de Mariette.

E como se fosse escoando o prazo, que lhe déra o parlamento brasileiro, para ausentar-se do país, veleja para a Italia, e prossegue até Paris, onde permanece por dois meses, esquadrihando museus e bibliotecas.

Membro da Academia de Ciencias, frequenta-lhe as reuniões, para ouvir e conhecer os maiores representantes da cultura francesa.

Gabado por Victor Hugo e Berthelot, Alphonse Karr e Flammarion, Alexandre Dumas Filho e Pasteur, Mistral e Charcot, e tantos outros, da estatura de Darwin e Gladstone, de Wagner e Ruskin, de Manzoni e Gaston Boissier, extasiava-se na companhia dos sabios e letrados, feito estudante ansioso de tudo aprender.

Pelo aspecto humano, será, sem duvida, a expressão de primorosas aspirações, que as circunstancias não permitiram frutificassem em toda amplitude.

Versado em varios ramos scientificos, a nenhum poderia dedicar-se com afinco à mingua de tempo, que não lhe sobejaria do horário de governante.

Curioso de tudo ver, não empreendeu, todavia, nenhuma entrada a fundo pelo interior do Brasil, para lhe auscultar pessoalmente os anseios da população distante e sugerir medidas, que a beneficiassem.

E os presidentes republicanos, seguindo-lhe o exemplo, não se afastariam grandemente do Rio de Janeiro.

Quando muito, costeariam os Estados litoraneos, como Afonso Pena, ainda simples candidato, e Nilo Peçanha, depois de passar pela presidencia, e antes do fracasso de sua pretensão, que tanto agitou os arraiais politicos.

Estaria reservada ao Presidente Getulio Vargas a amplitude do itinerario, que abrangesse todos os estados brasileiros, percorridos um a um, em varias arrancadas, que permitissem concentrar a atenção nos problemas peculiares a cada região.

E ao chegar a Manáus, em vez do discurso de simples propaganda politica, mediante o qual aguçou Nilo Peçanha a sua eloquencia apaixonada, definiu o visitante presidencial a situação privilegiada do rio Amazonas, sobre cujas margens se distinguíam as soberanias de povos irmanados pelos mesmos ideais de congraçamento. Naquele cenario magestoso, rasgando novos horizontes, convocou os para promissora conferencia a que possam comparecer, com os sabedores dos seus problemas e soluções mais aconselháveis a cada caso.

De outra feita, nas terras palmilhadas por Bartolomeu Bueno, acertou medidas que lhe evidenciam a decisão de valorizar os sertões, mediante desvelada assistencia governativa.

Coube a vez, agora, a Mato Grosso, em cujos anais não há referencias a visitas de tamanha hierarquia, embora na arraiada de sua vida social, merecesse as honras de receber a inspeção do Capitão General de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, que, aliás, não deixou lisonjeira recordação de sua estadia em Cuiabá.

Acolheu, em seguida, como primeiro governador D. Rolim de Moura, que só mais tarde seria vice-rei do Brasil, quando já não pudesse refazer a trabalhosa caminhada que o levou de São Paulo às margens do Guaporé, por via fluvial, Tieté abaixo.

Modernamente, mais de um secretario de Estado terá conhecido parte do territorio matogrossense, inclusive o derradeiro da lista, Dr. Fernando Costa, que, ainda Ministro da Agricultura, chegou, meses atrás, a Cuiabá, de cujos aspectos se lem-

brará hoje, nos Campos Eliseos, quando o Governo de São Paulo lhe deparar ocasião de rememorar a excursão durante a qual observou particularidades características dos rincões cuiabanos.

É, porem, o Presidente Getulio Vargas o primeiro governante do Brasil, para quem as distancias, por maiores que sejam, não constituem obstaculo impeditivo de seus planos, quando pretenda examinar pessoalmente as particularidades regionais de algum estado.

E para não levar a Mato Grosso apenas a curiosidade itinerante, que alarga de contínuo a visão dos problemas brasileiros, organizou previamente significativo programa de atuação politica panamericana, a que o Estado extremenho proporcionaria cenario incomparavel.

Flanqueado a Oeste pela Bolivia amiga, em cujo titulo ressoa o nome do Libertador, que foi dos primeiros a idear a confraternização das colonias emancipadas, e ao Sul pelo Paraguay, ao qual o une alem dos laços sentimentais, a propria conformação geográfica e geológica do territorio, que se dilata pela mesopotamia portentosa, que o Paraná e o seu maior afluente ocidental fecundam, aquem e alem da fronteira imperceptível, Mato Grosso vive em contacto amistoso com os povos visinhos, dos quais só pretende manter a cordialidade garantidora do progresso comum.

Não admira, pois, que pela faixa fronteiriça, apesar de escassamente povoada, se exerça apreciavel osmose, que lhe imprime feições pinturescas.

O entrelaçamento de familias, auxiliado pela concurrencia de fatores economicos harmonicos, explicará cabalmente a compreensão mutua e afetuosa, que distingue as populações comarcões, facilitando as iniciativas da diplomacia.

Nem maravilha que fosse o Presidente Getulio Vargas recebido entre flores, tanto em territorio boliviano, aonde penetrou, ao inaugurar a primeira secção da E. F. Brasil-Bolivia, cuja construção concretizará o sonho que vem de Mauá, o empreendedor antecipado à sua epoca, a Schnoor, o habil engenheiro, que impirmiu à E. F. Noroeste o traçado atual, prevendo o seu futuro prolongamento, a Felix Pacheco, o atilado chanceler, que sobremaneira se esforçou para lhe ativar a realização, como ao visitar o Paraguay, em cuja capital recebeu as mais espontaneas homenagens de simpatia acolhedora.

Não se compreenderia, em verdade, nenhuma visita presidencial a Mato Grosso de que não participassem também os

dois povos vizinhos, que vivem igualmente insulados do resto do mundo, em torno do coração da America do Sul.

São-lhes comuns os mesmos problemas angustiantes da carencia de meios de comunicação, proporcionadas as suas necessidades.

E, por felicidade, a solução para beneficiar um deles irá seguramente beneficiar ao outro, como ocorrerá com a via ferrea, que de Corumbá se encaminha para Santa Cruz de la Sierra, para articular a rede ferroviaria irradiante de São Paulo à boliviana, que transpõe os Andes, em busca de porto no Pacifico, -- bem assim com o ramal de Campo Grande a Ponta Porã, que, prolongado pelo territorio paraguayo, ligará a E. F. Noroeste com as estradas, que já alcançam Assunção.

Por maiores, porem, que fossem as demonstrações de estima, em que se patenteou a gentilisa vizinha, ainda as excederia o entusiasmo afetuoso, de fronteiras a dentro, com que foi festejada a presença do Presidente da República em Corumbá, Ponta Porã, Campo Grande e, por fim, Cuiabá.

Duas cidades do seculo XVIII, entre as quais a mais antiga do Estado, plasmadora da mentalidade, que lhe caracterizaria a escassa população, e duas modernas, que a via ferrea fecundou, intensificando-lhe as actividades, até então mantidas em moroso ritmo, à mingua de vias faceis de transportes.

Nelas sentiria a vibração de brasilidade, que transborda das paginas de sua história, capítulo emancipado do ciclo bandeirante, e os anseios do progresso que a distancia mal abafa, ao dificultar-lhes a expansão industrial.

Palpita-lhes o mesmo patriotismo sadio, que inspirou a Antonio João o gesto épico, e a Batista das Neves o sacrificio, nobilitador da sua farda.

Eram ambos matogrossenses, como tambem o foram, em outros dominios, Joaquim Murinho, estadista republicano, que imprimiu o cunho de sua individualidade na valorização das finanças brasileiras, Cursino Amarante, monarquista de idéas arraigadas, que pontificou magistralmente na Escola Militar, ao tempo de Benjamin Constant, seu amigo, Souza Lima, que pôs a sua ciencia medica ao serviço do Imperador, embora não lhe apoiasse o trono, e tantos outros.

A terra que se orgulha de tais filhos, indicativos das possibilidades intellectuais e morais da gente, que a povoa, bem merece a assistencia desvelada e ativa do governo Federal, a quem sabe mostrar-se agradecida, quando haja motivo, como terá tido o Presidente Getulio Vargas oportunidade de verificar pessoal-

mente, ao realizar a sua viagem memoravel, que permanecerá nos fastos matogrossenses, a documentar o seu fervoroso empenho de concretisar em obras a divisa, que apontou ao Brasil, de rumo ao Oeste, repassada de sentido bandeirante.

Mato Grosso, conquista e criação das bandeiras avassaladoras, soube cercar de aplausos e carinhos o seu chefe itinerante, que lhe percebeu no passado as causas explicativas da evolução singular, processada à distancia dos fatores que atuaram ao longo da faixa litoranea.

Por isso, entenderam-se às maravilhas o Estado, que relembra a arrancada sobrehumana dos mamelucos para o Oeste, e o eminente estadista, que lobrigou nesse rumo a verdadeira estrada promissora, que o Brasil deverá palmilhar, para atingir seus luminosos destinos.

Rio, 10 de Agosto de 1941.





INTELIGÊNCIA E CARIDADE

Como na outra tiragem, com relação à iniciativa a favor dos filhos dos hansenianos, queremos perpetuar nas páginas desta Revista, através do discurso de Poxorêo, o belo empreendimento da acadêmica D. Maria Müller, que no *Abrigo do Bom Jesus* visa minorar a sorte dos pobres velhos desamparados de nossa terra.

Não posso silenciar as palavras de gratidão e carinho que me estuam no peito, diante as manifestações que, pela terceira vêz, recebo desta sociedade amiga, da maneira a mais cativante e desvanecedora, com a fidalguia e o cavalherismo inatos de que são prodigos distribuidores. Desde o momento de minha chegada, até esta hora, as vibrações de vossa alma bondosa tem-me acompanhado e assistido, culminando nesta esplendida confirmação de vossa confiança na realização, e de vosso apoio à obra eminentemente social que vimos realizando em Cuiabá.

O abrigo do "Bom Jesus" nasceu sob um signo feliz: desde o despóntar da idéia de sua fundação até o presente, não encontramos óbices que se antepusessem à realização daquele ideal cristão de dar um lar aos que, no ocaso da vida, débeis de força, minguados de saúde e energia, andam por aí esmolando às portas, o parco sustento de suas tristes vidas.

Na minha bela "cidade verde", em todos os municípios do norte e de leste, vem se afirmando vitoriosamente a campanha que dirijo, encontrando colaboração decidida e incondicional.

A' bondosa iniciativa da minha querida amiga D. Leonor de Campos, que encontrou em seu esposo o vosso grande prefeito Cel. Luiz Coêlho de Campos um cooperador devotado; à família poxoreana que sem dis-

tinção de classes acorreu com o seu generoso óbulo ao primeiro apelo de D. Leonor, à vossa entusiástica colaboração, devemos o surpreendente resultado deste festival. Jamais há de se apagar do meu coração a lembrança destes momentos aqui vividos, fruindo a aura vivificadora emanada e fluída de tão nobres corações.

As vossas interpretes inteligentes, os brilhantes oradores que ontem nos recepcionaram, a oração formosíssima do orador oficial no banquete com que nos cumulou a fidalguia da vossa comuna, todos unissonamente entoaram louvores à minha humilde pessoa, não só se referindo à minha condição de membro de um cenáculo de cultura, como à obra humanitária cujos destinos presido neste momento.

Senhores, eu vos devo uma explicação, pois não quero que arguam o meu silêncio, como um assentimento de vaidade ou convencimento.

Recebo todos esses imerecidos tributos, com o sangue a refluir-me ao coração, as extremidades geladas, o espírito torturado, a alma em atitude de protesto.

O silêncio nem sempre é tácita concordância, pois eu vos afirmo, que si há alguém convencido das suas próprias deficiências, sou eu, esse alguém.

Esclareço-me: faço parte da Academia Matogrossense de Letras, pela bondosa e decidida atuação de dois sempre queridos professores, nos saudosos dias que já se vão distantes do meu curso normal, e, neste ensejo permitam-me declinar-lhes os nomes: Professores Dr. José de Mesquita e Filogonio Corrêa. Foi para mim uma grande e desvanecedora surpresa a minha eleição para a cadeira nº 4, cujo patrono é o Padre Guimarães e cujo primeiro ocupante fôra o prof. Ovidio Corrêa que se ausentava de Cuiabá por mudança. A vaidade que nos enche o espírito na grata e fagueira quadra da mocidade, foi a maior responsável pela minha aquiescência a tão honrosa quão difícil investidura.

Não sou literata, meus amigos, pois falham-me os recursos culturais necessários, para merecer esse título honorífico.

O outro motivo de protesto é o seguinte: não posso receber os louros pela fundação do Abrigo do "Bom Jesus".

E' exato que a idéia amanheceu com a minha personalidade, ela marulhou em meu coração nos primeiros albos da adolescência e amadureceu comigo até o momento que Deus propiciou para o seu desabrochar.

Mas que poderia eu sósinha fazer sem o concurso de almas sincronizadas com a minha, sem o elan dum povo bom, amigo e compreensivo, que dos pantanais desdobrados em planuras intermináveis até as eminências estranhas que pontilham o planalto levantino, vieram, numa clarinada só, ao meu apelo, sem um momento de vacilação. Posso ter sido a vóz da citara, mas os sons não seriam desferidos, sem o mágico dedilhar do artista que arranca do instrumento, melodias sublimes e desconhecidas...

A' última e graciosa oradora que com graça e finura focalizou a decantada polêmica dos sexos, dando-nos a sedução do *humour* saxônico e da *plaisanterie* gaulesa de par com a irresistível brejeirice desta raça morena, não posso responder no mesmo estilo, pois a graça não quiz bafejar-me o berço, quando nasci.

A todos, nossa profunda gratidão e a afirmação de que jamais esmoreceremos na obra que iniciamos, contando, como contamos, com o apoio unânime do povo, que nestas plagas do Oéste Brasileiro vive e moureja,—matogrossenses pelo nascimento ou pelo coração, que aqui erigiram as suas tendas de trabalho e, cujo suor fecunda a terra maravilhosamente bela que nós todos sabemos amar e respeitar.

Eis, querida gente de Poxoreu, o que ansiava por vos dizer o meu coração agradecido.

Homenageando a nova geração

Publicamos, a seguir, dois dos discursos proferidos na sessão que a Academia promoveu, a 7 de dezembro de 1940, para receber ao seu correspondente em Lageado, acadêmico Raimundo Maranhão, e o snr. Miguel Costa Filho, organizador do *Anuario do Oeste*

Discurso do acadêmico Ulisses Cuiabano

Um das finalidades básicas da Academia Matogrossense de Letras, inscrita em seus Estatutos formulados em 28 de Agosto do ano expirante, é o promover «a aproximação, cada vez maior, entre os representantes da cultura brasileira residentes em todas as porções territoriais do Brasil».

Dando exato cumprimento à essa obrigação regulamentar, aliás calcada num princípio racional e eminentemente sociável, traduzindo assim um dever precípua de solidariedade de classe, o nosso caríssimo presidente, Sr. Desemb. José de Mesquita, designou a hora presente para uma tertúlia acadêmica em homenagem a duas lídimas e marcantes individualidades do movimento cultural que ora se processa em nosso berço natal.

Trata-se de recebermos, aliás com especial carinho e muita amizade, a visita dos ilustres e infatigáveis cultores das belas letras, os srs. Raimundo Maranhão Aires e Miguel Costa Junior.

Quiz outrossim o preclaro Presidente dêste sodalício que eu, o mais obscuro dos membros desta Casa, pronunciasse algumas palavras alusivas a êste expressivo ato de cordialidade literária.

Nada mais teria eu a dizer, desde que um dos maiores vultos da atual geração beletrista matogrossense fizesse uso da palavra. Este fato seria, na verdade, uma razão poderosa para o mutismo que eu imporia a mim próprio.

Falou Isác Póvoas. Cumprir-se-ia a minha atitude.

Vem, porém, á baila uma circunstância de maior força: o princípio de disciplina que mistér se faz transparecer intensamente em todas as agremiações, seja de qual natureza fôr, para que se cumpram com exatidão os postulados dos respectivos programas da ação social.

Justifica-se assim, a minha presença nesta tribuna.

* * *

O nome de Raimundo Maranhão de há muito me é conhecido.

Quando, por imposição do momento, fui Redator Secretário do órgão "O MATTO-GROSSO", em sua última fase de atividades, tive a ventura de me corresponder com o jovem escritor, residente na importante cidade de Lageado e então o principal empório do diamante em Mato-Grosso. Nessa ocasião aquêle jornal estampou vários artigos de Raimundo Maranhão.

A sua atividade, porém, como articulista, é extraordinária. Colabora com notavel assiduidade em vários órgãos da imprensa brasileira, notadamente em jornais de Uberlândia e Araguari, Cuiabá, Tres Lagôas e Lageado, Carolina e Balsas.

A sua obra literária é vasta: — conferências, ensaios, crônicas e comentários. Ainda agora acabei de lêr "FIGURAS CONTEMPORANEAS", interessantes estudos sobre personalidades destacadas do movimento literário

hodierno, obra de fina e meticulosa observação, onde vários vultos da nossa literatura, assim como da estrangeira, são estudados à luz de meditada e sincera crítica.

Raimundo Maranhão é maranhense. Sabe-se que do grande Estado nortista tem se dirigido para Mato-Grosso uma numerosa corrente migratória. É a famosa marcha para Oéste que se concretiza. Os operosos filhos do Maranhão estão se integrando em nossos meios garimpeiros com uma faculdade de ambientação admirável.

Pois bem; o jovem conterrâneo de Humberto de Campos, ao mesmo tempo em que os seus coestadoanos se dedicam às pesquisas nas grupiaras e monchões, nos golfos e nos desmontes das catas também se integra à garimpagem. Não maneja, porém, a bateia nem conduz o carumbé, repleto de cascalho para a lavagem. Garimpa nas obras literárias, nos escritos científicos, nos estudos, sobretudo, de assuntos regionalistas.

“FIGURAS CONTEMPORANEAS” constituem uma preciosa coleção de diamantes de altíssimo valor espiritual. São interessantes e notáveis as suas ajustadas observações sobre os trabalhos de Raimundo de Moraes, «o mágico evocador da grandeza e opulência amazônicas»; de Jorge de Lima, «poeta marcante e monumental»; de Castilhos Goycochêa, «um dos valores potentes dos pampas, do melhor quilate»; de Lamartine Mendes, «possuidor de alta cultura e muito festejado em rodas aristocráticas e ambientes finos de todo êsse Mato-Grosso enorme e gigantesco»; de Oliveira Viana, «espírito ínclito e possuidor de uma cultura vasta e profunda», e de tantos outros vultos literários, entre os quais Maria Eugênio Celso, Tristão de Ataíde, Hélio Sodrê, João Alfonsus, Olegário Mariano, Pedro Calmon, Thomas Mann, Freud.

Sobreleva os seus comentários o da obra “A NOVA POLÍTICA NO BRASIL”, de Getúlio Vargas, pela sinceridade das suas criteriosas observações sobre o

magno trabalho político-social do eminente chefe do Governo do Estado Novo.

Estuda também o sr. Raimundo Maranhão "A CULTURA MOÇA DE MATO-GROSSO", em admirável síntese.

Publicou o nosso ilustrado visitante o livro "RONALD DE CARVALHO — SUA VIDA E SUA OBRA", e tem vários livros prontos ou em preparação para entrar no prélo, como "A TERRA DOS DIAMANTES", "CENTELHAS D'ALVORADA", "TRES FIGURAS DO PRESENTE", "CULTURA MATOGROSSENSE", "AMAZONIA E OUTROS ENSAIOS" e "ALMAS GLORIOSAS".

Raimundo Maranhão Aires pertence à Casa HUMBERTO DE CAMPOS, de Carolina, é sócio correspondente desta Academia, possui o diploma de bacharel em Ciências Comerciais e é membro da Associação Brasileira de Imprensa.

* * *

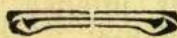
Miguel Costa Junior, conheci-o há tres anos em Corumbá, a bellissima Cidade Branca.

Professor do Colégio Maria Leite, ativo e operoso agente comercial, demonstrava acentuado pendor para as lides literárias. Costa Junior é paulista. É de família tradicional da Terra Bandeirante. A sua vinda para Mato Grosso resultou de uma sua dramática decisão. Por motivos íntimos, resolveu abandonar os pagos, escolhendo ao azar, numa carta geográfica do Brasil, um lugar onde pudesse viver afastado da civilização, convivendo com bugres truculentos e feras vorazes. E a sua escolha recaiu sobre Mato-Grosso. Veiu, e ao aportar em Corumbá sofreu pasmosa decepção. Encontrou uma bela cidade moderna, cosmopolita, hospitaleira e sobretudo civilizada. Nada de índios, nada de onças. Costa Junior conheceu o erro de sua idéia sobre o grande Estado

do Oéste, e dêsse pecado tratou logo de se penitenciar. Votou-se ao ensino de seus jovens patrícios e logo após concebeu o luminoso projéto de fundar um anuário que se constituísse em verdadeiro arauto do progresso e do estado social da terra que o acolhêra de braços abertos. Costa Junior elaborou o “Anuário de Corumbá”, revista de propaganda de Mato-Grosso, e cujo segundo número acaba de sair a lume, com grande sucesso. Veio a Cuiabá o eminente publicista, afim de coligir elementos locais para o terceiro volume, a ser editado em 1941 e que se transformará em “Anuário do Oéste Brasileiro”, ampliando, assim, o seu raio de ação em todos os quadrantes da imensa faixa oestina da nossa Pátria.

* * *

São êsses dois eminentes representantes da geração nova brasileira que a Academia Matogrossense de Letras recebe jubilosamente, como visitantes prediletos. Em nome dêste grêmio literário saúdo cordialmente a ambos, dizendo-lhes simplesmente: — Sêde bemvidos!



DISCURSO proferido na tarde 7 de Dezembro de 1940, na Academia Matogrossense de Letras, pelo membro correspondente em Lageado, Raimundo Maranhão

Exmo. Sr. Representante de S. Excia. Interventor Federal

Exmo. Sr. Representante do Sr. Secretario Geral do Estado

Exmo. Sr. Presidente da Academia Matogrossense

Meus senhores

Digníssimas senhoras

Gentis senhorinhas

Presados e ilustres confrades

Escreveu mui acertadamente o sr. Gastão Pereira da Silva, afirmando, que «admirar é amar pelo espirito.»

Creio muito bem e admito integralmente esse conceito, pois antes de conhecer Cuiabá — antes de defrontar os seus filhos, sentir o contacto dessa gente hospitaleira, olhar de perto os seus varões notáveis, intelectuais, poetas, artistas, enfim a alta aristocracia social; já sentia espiritualmente esse calor, esse reflexo vivo, forte e intenso. Isto vos posso afirmar prevendo quer através as minhas crônicas distribuidas à imprensa, e ainda pela correspondencia assídua que mantinha com José de Mesquita, D. Aquino Correia e Ulisses Cuiabano, personalidades estas, complexas, luminosas, vibrantes e sinceras, que, melhor do que eu, conheceis e sabeis avaliá las.

Quer de Lageado, onde primeiramente aproximei-me de vós, quer do Rio de Janeiro ou do Maranhão, a minha attitude, a minha admiração, se mostrou sempre crescente, firme, nada se modificando. Aliás, cada vez mais intensa. Cada dia mais vigorosa e dedicada, mais elevada e sincera.

E a demonstração insofismavel e incontéste, dessa aproximação, tive quando fui cientificado da minha eleição como Membro Correspondente deste sodalício, em 8 de outubro de 1938.

É muito natural explicar-vos, não ter sido motivo resultante dessa escolha, o meu humilde valor intelectual. Foi sim, estou certo, a excelsa e maravilhosa fidalguia de Palmiro Pimenta, Alirio de Figueiredo e Isac Póvoas, que me propuseram para ocupar tão alta missão, com o apoio unanime dos "imortais" deste cenáculo, gesto esse, que muito me confortou e comoveu.

Confortou-me, repito, porque nada mais vi, nessa resolução, que a benevolencia dos vossos corações, a manifestação, das vossas atitudes, serenas e patéticas, elegendo e concitando ao academismo, um espirito embora moço, mas... desprovido do alicerce literário, falho de conhecimentos complexos, sem projeção e valor, que no âmago da provincia rabiscava e ainda rabisca, nas horas de lazer, crônicas singelas para a imprensa indígena.

E comoveu-me, porque senti atingir à minha sensibilidade, a honra e a elevação intelectual que me presenteastes, tirando-me da quietitude e monotonia, em que vivo lá nos garimpos do leste, para, num momento como este, serdes forçados a ouvir uma voz sem veemência, sem entusiasmo e sem vibrações magestosas.

As minhas palavras nada traduzindo, perdem ainda num confronto e numa análise acurada, porque lhes falta tudo. Não tem o ritmo que encanta, a graça que deleita, a pureza de linguagem que ofusca, o estilo, que é Arte imperecível, o aticismo e bom gosto, elementos primordiais dos legitimos homens de letras.

Sinto-me assim, sem forças volumosas para falar num recinto augusto e numa tarde amena, agradável e bela como esta, quando vejo desfilar à minha frente, a cultura matogrossense, solida, consistente, palpitante, representada nestes vultos eminentes, que em orações sabiamente coordenadas, buriladas e inteligentemente proferidas, acabaram de analisar e enaltecer figuras indeleveis nas letras, como sejam João Cunha, Leovigildo de Melo e José Magno da Silva Pereira, verdadeiros apóstolos do saber, como também a alma moça da intelectualidade cuiabana representada por tres espiritos vibrantes, promissores e brilhantes que algo disseram num testemunho de gratidão, pela homenagem que àqueles tres saudosos companheiros prestastes neste momento, inaugurando nesta Casa da Cultura, as suas fotografias.

Meus illustres confrades — a vossa complacencia foi grandiosa. Alem de terdes aberto as portas desta Academia, concedeste-me ingresso na Associação de Imprensa. Tudo numa demonstração franca e dedicada de generosidade. Dizer que não sou um intelectual à altura de ombrear-se e nivelar-se convosco, pelos sentimentos e anceios artisticos, com toda a pujança da cultura nova que aqui se levanta e espalha aos quatro cantos o sussurro sonoro das suas vozes melodiosas, revivendo poetas satanicos e menestreis românticos, focalizando biologicamente vidas luminosas de homens illustres ou traçando nas crônicas sutis os episodios passadistas e presentes, com vivacidade e fulgor, não carece frisar. Sabeis dessa verdade, e sei eu, do que represento e do que sou... Jornalista provinciano e humilde *diletanti* das letras. Isto somente e nada mais...

Não aparece nestas linhas intuito de vaidade estulta. Não. O que sobressái e não me excuso de confessar, é a minha admiração, pela vossa cultura profusa e variada, em múltiplos sentidos artísticos, literários e estéticos. Os oradores, deste silogeu — Profs. Isac Póvoas, ilustre e digno Prefeito da Capital e Ulisses Cuiabano, alma rutilante de cronista, historiador e poeta, como os representantes do Gremio "Alvares de Azevedo" — poeta Rubens de Mendonça, e Dr. Gervasio Leite Pereira — jornalista inconfundível e temperamento sadio de literato apolíneo, orador pela Associação de Imprensa, fôram excessivamente bondosos. Exaltaram uma vida sem significação e sem valia. Enaltecem singelas produções elaboradas a prestações, sem o legítimo valor que elas possuem. Emfim quizeram prestar-me essa homenagem, em suma muito elevada, muito sugestiva para o meu Eu, imerecido de tantas gentilezas, tantos adjetivos dispensaveis e quasi injustificaveis.

A cultura matogrossense foi sempre um grande manancial, uma série maravilhosa e interminavel de motivos pitorescos, dada a abundancia de inteligencias que ela enfeixa e apresenta, que ela congrega e polariza. A minha admiração pelos seus valores, teve continuamente um sentido progressivo. E ainda não vos conhecia "de visu". Mas... "amava-vos pelo espirito" — sorvendo em gotas preciosas, a inspiração e todo o calor literário e artístico, fundido nas vossas produções sadias, substanciosas e salpicadas de poesias.

Adianto-vos assim, que, Mato Grosso, vertiginosamente vem se impondo e formando no meu sentir, uma veneração mais intensa e mais expressiva.

E Cuiabá — essa **Cidade Verde**, essa decantada gleba lendária das bandeiras e do ouro, que ora tenho a grata satisfação de visitar, deu-me a mais dedicada, firme e bela prova de hospitalidade e distinção, fraternidade e bizarria no trato e polidez dos gestos. Comprovo assim uma eterna consolidação das amizades formadas através do espirito, agora testemunhados com a minha presença, nesta terra amiga, onde predomina a poesia suave e esplendorosa das suas paisagens, o bucolismo da sua vida cotidiana, o ritmo ciclópico das suas modernas construções, a graça, o riso, o perfume que se evola dos seus jardins simétricos e magistraes.

O meu contentamento é extraordinário!... Aqui tudo encanta e tudo sorri!... Tudo exala magia e magnificência... E sinto-me confortadoramente preso aos élos que nos unem e nos prendem, tendo o ensejo deslumbrador de ser ouvido por

um povo culto e amavel, brilhante e gentil, que saberá perdoar as minhas faltas.

Meus senhores, já me vou alongando, e necessário é frisar em poucas palavras a evolução, ou melhor, a projeção da cultura cuiabana e do Estado, perante o cenário literário brasileiro. Nem síntese ser-me-á possível neste momento, quando já estais enfadados de ouvir minhas palavras ôcas na forma e incolores no conjunto. Todavia, cabe-me exaltar superficialmente, ligeiros aspectos da literatura matogrossense, dizendo-vos que desde épocas remotas, repontam e aparecem consecutivamente nas Letras, nomes imarcessiveis, valorosos e cheios de glorias, que a posteridade vem conservando e guardará com carinho.

Desde que neste instante, realizais neste âmbito sacro-santo uma festa acadêmica, relembremos em poucas palavras as fases porque tem passado esse centro fulgurante de cultura.

Externou-se bem o sr. José de Mesquita, num ensaio sobre a literatura estadual, afirmando que « a Academia é a culminancia de uma série conjugada de esforços e trabalhos de mais de uma geração e não há como a isolar desse movimento de idéias, que vem se processando de longa data, podendo-se afirmar que a floração radiosa do presente embebe o seu encanto e haure o seu aroma no humus fecundo e escuro de um passado remoto, onde se lhe aprofundam as raizes. »

O gosto literário nesta Capital, segundo versam as crônicas dos primeiros publicistas, foi sempre intenso e espontaneo. Traz essa gente a índole, a convicção segura de viver sempre entregue ao sonho das Musas, ou ao encantamento heráldico dos prosadores helenos e clássicos das várias literaturas, ornadas de erudição e sabedoria, no evocar conceitos belíssimos, onde se apoiaram quasi todas as formações culturais do velho e novo mundo.

Este silogeu, que primitivamente foi a Associação Literária Cuiabana, transformada mais tarde no Centro Matogrossense, ficou finalmente denominada Academia Matogrossense de Letras. Houve, é bem certo, transformações de rótulos, de legendas, nomes, mas... persistiu o mesmo ideal, o mesmo objetivo, a mesma finalidade e vibração artística, entre todos os componentes, que jamais na sua luta e peregrinação, trabalhando pela sua perseverança e elevação, sentiram desânimo e previram o fracasso ou a derrota. Iniciaram cheios de vontade e aspirações sublimes, e partiram atravessando obstáculos, vencendo e antepondo antolhos, devastando o campo e preparando no íntimo de cada combatente o espírito de altivez para chegar até nos mais fortes e mais repletos de glorias.

Iniciada no período de 1880 a 1890, teve a grande felicidade de ser conduzida por um púgilo de moços fortes e inteligentes, sempre renovados pelo caldeamento das idéias e pelos influxos da civilização que vinha do oriente, em dosagens mais acentuadas e agudas.

A Associação Literária Cuiabana, surgiu assim na fase das Arcádias, na época do renascimento literário matogrossense. Foi considerada por Virgílio Correia Filho — como a *década fecunda*. Possivelmente germinada na fase do "post-romantismo", era com efeito um período áureo que surgia, ao em vez de embebida em Comte ou Spengler, Kant ou Marx, vinha talvez cheia de Nietzsche. O espirito doutrinário filosófico, trazia novas tendências, novos rumos.

Assim forjada a cultura matogrossense, de séculos passados, nesses alicerces, isto é, entre o desmoronamento de escolas que esmaeciam e o surgir de disciplinas que se levantavam decididas a orientar a massa pensante universal, edificou a sua base e logo passou a irradiar, através à lucidez da intelligencia dos seus maiores, todo o fulgor da sua força criadora.

Iniciada a literatura "borora" numa expressão de José de Mesquita, pela fase dos cronistas, que no conceito de Virgílio Correia Filho—nasceu e desenvolveu-se plasmada à mesma forma da nacional, foi influenciada logo pelo gongorismo portuguez do século XVII.

De José Barbosa de Sá, o primeiro cronista cuiabano, falecido em 1776, ao sr. José de Mesquita, da fase contemporânea, vem uma sequencia admiravel de sadios temperamentos apolíneos, que exerceram grande influencia no desenvolvimento da história literária do Estado; brilhantes e primorosos pelas produções vigorosas e magistraes que deixaram.

Aliás—José de Mesquita numa análise feita sobre a evolução da literatura matogrossense, disse acertadamente que «o período intermediário, (entre o classicismo romantico e a fase contemporânea) conquanto desfavoravel à eclosão de vocações literárias, deixara nomes bastantes acataveis no puro domínio das letras, como Vieira de Almeida, contista delicado e de fino estilo, Frederico Prado, humorista e poeta, Francisco Mariani Vandarlei, o folhetinista exímio e a plêiade de jornalistas, que se reuniram no "O Republicano", em 1898, um dos mais bem feitos jornais que Cuiabá já possuira, e n"O Farol", órgão de moços, mas de muita criteriosa orientação».

Dos primórdios aos nossos dias, a marcha foi sempre palpitante. Dos valores ancestrais, às intelligencias precoces do momento, a história literária matogrossense traz uma vasta série de

nomes celebres e pomposos. Assim é, que tanto na crônica, no romance, na poesia, na novela, no ensaio, na crítica, na história, na filologia, na sátira, no teatro como em todas as modulações da Arte, aparecem frequentemente em inúmeras gerações, os seus pioneiros, os vanguardeiros vitoriosos, os expoentes polimôrfos, as notabilidades inconfundíveis.

A Poesia teve sempre no desenvolvimento da literatura estadual, uma ação muito mais dilatada e renovada de escolas, que a prosa, mormente no romance ou novela.

Assim dentre as várias escolas poéticas, partindo do classicismo com José Zeferino Monteiro de Mendonça, espírito culto e grande conhecedor do latim, exercendo o magisterio no século XVIII; alcançamos o romantismo, com os Pedro Trouy, Luiz Teodoro Monteiro, José Tomaz de Almeida Serra, Amancio Pulquerio de França, espiritos impregnados de Musset e Hugo, líricos como Casemiro de Abreu e Alvares de Azevedo. Si José Tomaz ficou classificado por Cesario Neto, que identificou o seu temperamento literário sendo «mais de um puro elegíaco, do que o de um lírico», Amancio Pulquerio, o outro varão mais notável dessa escola, deixou produção pequena mas, «revelando imaginação e qualidades de formas bem apreciáveis» na observação de José de Mesquita. Antonio Tolentino de Almeida, João Nunes da Cunha e José Delfino da Silva, embora integrados nessa corrente posteriormente, exerceram soberba influencia. Si "Romeiros do Ideal" do primeiro revela e mostra a espontaneidade da sua poética admirável, as páginas sublimes dos seguintes exprimem a beleza de imagens e o canto sutil dos sonhos e das dores.

No Simbolismo — a arte de Cruz e Souza e Alfonsus de Guimarães, "baudelaireanos" pelos sentimentos e inspirações, tivemos outros espiritos portentosos, "sui generis", admiráveis como Leonidas de Matos, um dos mais notáveis, Oscarino Ramos, que possui uma produção esparsa e abundante e Otavio Cunha que continua a assinar versos gostosos e magistras.

D. Aquino Corrêa—acadêmico dos mais ilustres deste silogeu e "imortal" da Academia Brasileira, autor de *Terra Natal*, tem mostrado através os seus versos, um condoreirismo suave, encantador e melodioso.

Enquanto isto o Parnasianismo — escola germinada pelo culto da perfeição a arte, e vinda de França, inspirada nos Leconte, e Mallarmé, encontrou mais adeptos, mais discípulos. José de Mesquita é um dos mais ilustres, com a sua série deslumbradora de "Poesias". Lamartine Mendes com "Serras e Pantânis" e "Aguas Passadas". Alirio de Figueiredo que publicou

"Poemas e Poeira" e "Poesias". José Vilá — autor brilhante de "Rondonia", Luiz Feitosa — com "Inspiração", Rubens de Mendonça com alguns poemas e sonetos do seu livro GARIMPO DO MEU SONHO, seguidos de muitos outros autênticos poetas e poetisas dessa disciplina, que têm os seus versos soltos, dispersos, divulgados pela imprensa, salientando-se dentre outros Ulisses Cuiabano, Rosario Congro, Maria de Arruda Müller, assíduos colaboradores da Revista da Academia, ao lado de João Vilasboas, Isac Povoas, e muitos novos que mais frequentemente aparecem na escola modernista, espargindo pelo Brasil afora o ritmo magnificante das suas belíssimas estrofes.

A nova escola do ritmo livre criada, após o tumulto da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, em S. Paulo, tendo como orientadores, Graça Aranha, pelas novas concepções estéticas, Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida e outros, pelo anseio de liberdade à poesia, apresenta na história literária do Estado, uma profusa lista de cantores, folcloristas, aedos notáveis.

Sem ordem cronológica de talentos e idades, vejamos todavia em primeiro lugar, um dos mais conhecidos e festejados. Lobivar Matos, que ora vive no Rio, é talvez autenticamente um dos mais originais poetas legitimamente modernistas-folcloristas do momento, na literatura matogrossense. Seus livros "Sarobá" e "Areotorare" traduzem e exibem esse traço de união, esse contacto, essa congregação de idéias e sentimentos. José de Mesquita — tem concluídos os seus "Ritmos Novos" livro de valor atual, do qual tem divulgado várias páginas curiosas e interessantes. Rubens de Mendonça, além de vários versos e poematos esparços, enfeixou alguns, no opúsculo "Garimpo do Meu Sonho", avançando já para a linha futurista, ideada por Marinetti na Itália e que na América não tem logrado grande repercussão. Ulisses Cuiabano, com as suas "Grupiaras" — está vitorioso.

Outros cantores e artistas da nova corrente dominante na atualidade, onde chefiam Jorge de Lima, Adalgisa Nery, Mario de Andrade, Mario Donato e tantos outros, têm aqui como adeptos e discípulos muitos talentos, muitas inteligências promissoras, ou melhor digamos quasi toda a geração moderna. Arnaldo Serra, Henrique Vale, Manoel de Barros, Benilde Moura, Iturbides Serra, Gervasio Leite, Peri Alves Campos, Pedro Medeiros, Maria Santos Costa, Clarindo Brandão, Euricles Mota, fóra tantíssimos outros que assinam constante nas páginas dos magazines e dos jornais epigramas e versos soltos.

Mas... a prosa tem também os seus finos cultores, os seus braços e as suas sumidades.

A crônica de José Barbosa de Sá, passou a Felipe Nogueira Coelho, Cabral Camelo, P. José Manoel de Siqueira, e outros na fase passadista do século XVII ao XIX.

No campo histórico, o *marchelato* continua nas mãos de Estevão de Mendonça, grande pesquisador, meticoloso professor no genero e perquiridor infatigavel dos arquivos, que prossegue amando Varnhagem e admirando Capistrano. A sua obra é vasta, mas, "Datas Matogrossenses" é o "index", a síntese perfeita da sua cultura e do seu valor.

Alia-se a ele um outro historiador não menos vigoroso e não menos illustre. Virgilio Correia Filho — o polígrafo eminente das "Monografias Historicas" à fôrma de Setubal, influenciado de Pedro Taques, como projeta-se no panorama literário com obras outras valiosas e substanciosas, destacando-se dentre umas duas dezenas— "Mato Grosso"—expressivo estudo do seu Estado. José de Mesquita — apreciando fatos e episódios históricos desta terra, quer em narrações, quer à fôrma romanceada, como o encontramos n' "A Cavallhada" ou em "Da Epopéia Matogrossense", ou em produções outras lançadas há pouco, mostra-se também um curioso e interessado dos motivos passados, sempre gloriosos em cada retoque e em cada análise surgida.

E outros historiadores, membros desta Academia, formam nessa mesma ala, sejam eles Antonio Fernandes de Souza ou Filogonio Correia, Firmo Rodrigues ou Barbosa de Faria, Feliciano Galdino ou Nilo Póvoas, da actual geração, autor de um interessante "Esboço de Historia da Literatura Brasileira".

O romance, como já disse anteriormente, tem sido fraco nas suas exhibições livrescas. José de Mesquita nos deu "Piedade", podendo-se todavia considerar aqui "Espelho d'Almas" livro de contos, aliás de fino gosto, de alta sensibilidade no estilo Maupassant ou Prévost, sentimentais e humanos como as crônicas de Humberto de Campos, enfeixadas num dos seus livros "Sombras que sofrem", talhados e desenvolvidos mais como pequeninas novelas, e apreciados como romances em miniatura.

Romancistas com livros a publicar temos, dentre muitos— Cecilio Rocha que vai lançar "Gentinha", Lobivar Matos com "Borrosque", Rubens de Mendonça com "Ouro Negro", Gervasio Leite com "Abaixo da linha horizontal", e Bianco Filho, Carlos Vandoni de Barros, novelistas e romancistas, autores de livros em preparo.

Na filologia, Cesario Netto, Benedito de Figueiredo, Nilo Póvoas e Fernando de Campos, tomam os postos mais elevados, naturalmente chefiados por uma das cintilações maiores do Es-

tado, que é Severino de Queiroz, autor de "No Caminho do saber" e "O que se deve saber".

O estudo folclórico desenvolvido por inteligências sóbrias e elegantes como Francisco Mendes, Ulisses Cuiabano, Lobivar Matos, conserva o plano e o motivo que Odílio Silva, falecido, estudou e muito se interessou.

Na oratória — D. Aquino Correia — autor de "Discursos", eloquente, culto, erudito, cheio de vivacidade no falar, pejado de inspiração na concatenação dos assuntos, tem na sua roda outros tribunos aplaudidos como Olegario de Barros, João Briene de Camargo, João Vilasboas, Bianco Filho, Amarílio Novis.

E por fim o jornalismo, quer na crítica, quer na crônica, quer nos assuntos variados, mostra significativamente um grupo formidável e pujante de temperamentos multicores.

Palmiro Pimenta, Isac Povoas, Archimedes Lima, Amarílio Novis, Benjamin Monteiro, Rubens de Carvalho, Jaime de Vasconcelos, Maria Dimpina Lobo, Bernardina Rich, José de Mesquita, Rubens de Mendonça, Corsíndio Monteiro, João Vilasboas, Gervásio Leite, Cesario Prado, Ulisses Cuiabano, João B. Martins de Melo e muitos novos e maduros que ainda continuam a produzir para a imprensa do Estado, são notáveis.

No teatro, tivemos um compositor de peças, que aliás há pouco foi louvado e enaltecido por um cronista cuiabano. — É Franklin Cassiano, espirito comedido de educador, jornalista, teatrólogo e polígrafo destacado e indelevel, que também foi Diretor da Instrução.

Em conclusão, temos agora o ensaio que inicia sua expansão na literatura cuiabana. Rubens de Mendonça, com seu estudo sobre ALVARES DE AZEVEDO, o poeta satânico, e depois com um outro sobre BOCAGE revelar-se-á, um ensaísta à Zweig ou Maurois, inspirado naturalmente nas fórmulas analíticas, dos D'Almeida Vitor ou Helio Sodré, Bulcão Junior ou Pedro Calmon, que já estudou maravilhosamente a vida heroica dos nossos Imperadores e de D. João VI.

A literatura neste recanto sonoro e harmonioso do Brasil, avança, difunde-se, amplia-se, projeta-se em cores novas e concisas. Diz Kalbund: «A arte literária vem de Deus e nele termina. Ele cria magicamente a grande união entre as coisas e o espirito, entre o pensar e o ser, entre o mundo e o creador. Vê a vida, reflexo colorido e para a natureza não tem âmago nem superfície. Modificando uma frase de Spinoza, poder-se-ia dizer: A poesia não é o primeiro degrau para um ditoso alem, ela é este alem mesmo. Ou: o alem é apenas o aquem visto doutro modo, pois alem deste mundo nada existe.»

Uma concepção realística e objetiva, aclarando o valor do poder Divino que proporciona ao homem, a ficção, o estudo místico das lendas e das criações utópicas e imaginárias, uma similitude do real, do concreto, da verdade.

«A' literatura de um povo cabe o encargo de conservar a lingua sempre viçosa e viva, não a deixar murchar em endêmicas abstrações», afirmou ainda Klabund.

Os clássicos de então traziam, como muitos modernos de hoje, o seu espírito embebido, saturado de helenismo, dos Platão e Goethe, Plutarco e Xenofonte.

Os menestres bebiam inspirações em fontes iguais, como sejam Byron, Musset, Hugo, Pope, Albion, Dante, Camões, Bilac, Ruben Dário, e vários outros vates renomados.

E assim a literatura, a cultura dos povos, com o influxo mais acentuado da civilização, foi passando por grandes reformas e sofrendo maravilhosas metamorfoses. Dentre as literaturas isodadas, por Estados no país, a de Mato Grosso, está avançando, se consolidando e sobressaindo. A essência dos temas, a beleza dos documentos divulgados, a fulgurancia dos temperamentos que se projetam aos nossos olhos, mostram e atestam esse renascimento, essa transição espiritual, firmada nas novas doutrinas filosóficas, num caldeamento vertiginoso de idéias modernas...

Cuiabá, por sua vez, é ao meu ver, o centro de maior cultura do Estado. Aqui vivem os sonhadores das Musas, os pesquisadores de arquivos; os lapidadores de crônicas apolíneas, os paisagistas da natureza à Afonso Arinos, os ensaístas vigorosos à Ludwig, os romancistas embebidos de Anatole e Machado.

É bem expressiva a erudição dessa gente!... É bem extraordinária a benevolencia desses corações!... E' deslumbradoramente admiravel!...

Meus senhores — estou prolixo. A vossa atenção tem sido excessiva. O assunto tomado para esta oração é vasto, amplo, incomensuravel! Mas... sou forçado a concluir, porque a vossa complacência excede-se e não posso abusá-la.

Si fui demasiado longo, a culpa não é minha, pois a satisfação maior que poderia ter, era a de figurar neste recinto como simples espectador, como ouvinte.

Si fui inexato na elucidação e relato dos nomes, pelas escolas e grupos literários, espero me desculpeis, pois não vai aqui nenhum intuito de diminuir o valor intrinseco dos legítimos valores e nem sequer de elevar e colocar no apogeu os médiocres, os "falsos" homens de letras. Acho que fui justo, pois a minha intenção única, foi somente mostrar rapidamente a poten-

cia cultural de Mato Grosso, traçando sinteticamente este esboço, que embora falho é uma sùmula da vossa literatura estadual, realçando os seus vanguardeiros, focalizando os pioneiros literários e colocando aproximadamente em seus lugares os expoentes máximos.

Terminando, mais uma vez reitero os meus profundos agradecimentos aos ilustres oradores, que me honraram com tantas expressões carinhosas e de amizade, como simultaneamente torno extensivo ao conspícuo Presidente desta Academia, Des. José de Mesquita, a minha gratidão, por esta deferência especial, toda ornada de fidalguia e delicadeza, fazendo-me subir à esta tribuna para expor a este povo culto, a realidade de um valor negativo, que estava sem-dúvida figurando numa posição destacada e injustificável...

A todos, que me ouvis, a minha sincera gratidão...

A cultura matogrossense, marcha entusiástica e gloriosa, deixando no roteiro da sua caminhada, flores, faíscas, cintilações, preciosidades, que o tempo conservará indelevel e cada dia mais louvável, mais inconfundível, mais admirável!... A arte domina todos os sentimentos. E todos vós sois artistas, nas variadas ramificações!...

A perspectiva que se me depara é magnificante!... A sequência de valores é poliforme!... Excelso ritmo de inteligências primorosas e precoces. Deslumbrante curso de gerações inteiras, dedicadas aos livros, ao saber, em prol do engrandecimento espiritual desta terra, que no presente caminha como bem poucas, na vanguarda do movimento literário nacional!...

Mato Grosso revive literariamente... Avança artisticamente. Fico pasmado ante a projeção dos seus maiores e a cultura dos seus erúditos...

E todas as gerações finalmente trazem dentro de si, um fito único, um ideal somente, estudar, intelectualizar-se, para despistar o paradoxo, que pretendia dominar, destruindo a tradição, a grandeza dos seus heróis e mártires...

A literatura brasileira desenvolve-se, amplia-se, sofrendo influências maiores dos pensadores do velho mundo, dos filósofos mais destacados do orbe, e com ela nessa busca de perfeição e à cata de maiores demonstrações de sabedoria e de beleza, a de Mato Grosso, fadada como está pelo alicerce de ontem, como pela orientação das gerações novas de hoje, a acompanhará em todas as suas retas e sinuosidades... Um novo marco de luz se levanta e prenuncia uma nova aurora farpeada de louros, vitórias, triunfos magistrais...

O DIA DA CULTURA

NA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

(15 - 11 - 41)



PALAVRAS DO PRESIDENTE DA A. M. L. DESEMBARGADOR MESQUITA

Faz dois anos que se instituiu no país o Dia da Cultura Brasileira, criado pela Federação das Academias de Letras, e escolhido para comemorá-lo o dia do nascimento do grande Rui Barbosa.

Por que Rui, quando outros nomes tão grandes e de tão ampla e luminosa projeção possuem as letras nacionais? Não ficaria tão bem, quiçá mais significativo, Machado de Assis, mestre do aticismo e fundador da nossa Academia? E, na poesia, não assentaria tão expressivamente o nome de um Castro Alves e o de um Gonçalves Dias, nomes nacionais, para patronos da Cultura da nossa terra? Ou um Bilac, em que as cordas do lirismo mais delicado se consonizam com as da mais arrebatada brasilidade?

Mas, senhores, bem andou a Federação entregando a Rui o cetro da Cultura e fazendo d'ele o Homem-símbolo. Tive a fortuna de assistir e tomar parte na sessão

da F. A. L. B. em que se discutiu amplamente o assunto e ficou deliberado a escolha da data natalícia do egrégio Rui para sêr a efeméride comemorativa da Cultura. E' que não se compreende Cultura que não asseste fundamentalmente no Direito. E, por outro lado, o Direito há que se apoiar na verdadeira Cultura, para sêr humano, profundo, real.

Rui, como ninguem, encarnou esses aspectos. Desde os dias gloriosos do abolicionismo em que, ao lado de Nabuco, Castro Alves e Patrocínio, assestava os arietes da sua lógica irretorquível contra as muralhas negras da escravidão, até a última campanha na Baía, que longa e esplêndida trajetória a dessa águia sublime sempre a librar-se no olímpico azul das alturas!

Em Haia, apóstolo da igualdade dos povos; em Buenos-Aires, cruzado da Liberdade e do Direito; em S. Paulo, chefe de um dos mais lídimos movimentos nacionais, o civilismo de 1910; no Rio, o parlamentar, o jornalista, o jurisconsulto, o político, o literato, em tudo sem par, Demóstenes, falando e Cícero, escrevendo, bem poucos podem apresentar tão grande messe de serviços à cultura do seu país.

A tanta dedicação corresponderam-lhe os seus contemporâneos com a mais negra das ingratidões — o exílio, o ostracismo, a hostilidade surda dos que, no seu triste complexo de inferioridade, não podem compreender que se suba e se alteie sinão agachando-se e rojando-se na lama.

Rui, ao invés, subiu como sobem os astros, no horizonte, e as palmeiras eretas, nas nossas várzeas imensas. O seu nome ainda hoje guia e inspira os que pensam e trabalham, os que hoje se congregam ao serviço das letras e da inteligência, nas hostes da Cultura.

E' que Rui desprezou — no significativo dizer de Barreto Campelo — as fantasmagorias e gambiarras, a

encenação dos corrilhos, a trapaça dos elogios mútuos, a erudição de parada.

Homem livre, nunca foi servo intelectual de ninguém. Rui é um mundo — disse Batista Pereira e o disse com acerto. E o prodigioso equilíbrio da sua vida e da sua obra está nisso, que êle foi uma Cultura a serviço do Direito.

E — estejamos certos, senhores — e tenhamos a coragem de proclamá-lo, a Cultura só se salvará, na mesma táboa em que escapar do naufrágio o Direito.

Carateriza-se a época que vivemos pelas mais diversas crises, qual a qual mais trágica e impressionante. Delas, entanto, nenhuma parece calar tão fundo nos espíritos equilibrados e retos como a crise do Direito. E isso porque Direito e Cultura fazem uma só e a mesma coisa.

A abolição do senso jurídico equivale à supressão dos mais altos atributos mentais que distinguem o homem. Para quem se formou nessa concepção da Vida, que nos faz vêr no Direito a própria razão da harmonia e coexistência social, é confrangedor observar o panorama do mundo moderno, donde o sentimento jurídico se vê proscrito e banido.

E isso desde as mais altas esferas, do Direito internacional, reduzido hoje à preponderância da força bruta, até as mais simples relações de direito comum.

Há uma verdadeira volúpia do mal. Tripudia-se, desfaçadamente, sobre cânones seculares em que repousava a segurança coletiva, sobre esses princípios morais que, em longos períodos de luta áspera, a humanidade julgava haver definitivamente conquistado.

Mas o que mais entristece é, justamente, o vêr que a crise do Direito, não nasce, como parece, da hipertrofia da Força, mas sim, no mais das vezes, da ignorância ou da perversidade, duas fraquezas lastimaveis.

Daí o ligar-se sempre à falta da Cultura, no sentido clássico, humanista, da expressão.

A um cerebro normal, a uma consciência honesta, de formação equilibrada, não é possível conceber, a frio, o descaso pelo direito alheio, de vez que o direito não é privilégio de um, mas é, igualmente, garantia de todos.

A crise do Direito, que chega a negar noções universais e eternas, pressupõe um recuo cultural de muitos séculos, e a expansão dolorosa do atrazo mental e da malignidade na alma contemporânea. Reduzida a seus termos próprios, é uma crise de Cultura.

Colapso da razão, ou terá, como é de esperar, um aspecto transitorio, ou mergulhará a humanidade nas trevas de uma longa noite de opressão e de miséria.

Repitamos, com Rui, hoje, no seu dia, que é o Dia da Cultura—creio que a Cultura nasce do Direito e da Justiça, « porque da Justiça nasce a confiança, da confiança, a tranquilidade, da tranquilidade, o trabalho, do trabalho, a produção, da produção, o crédito, do crédito, a opulência, da opulência, a respeitabilidade, a duração e o vigor.»

Que a Cultura e o Direito se irmanem e possam viver de mãos dadas, sob os céus magníficos da America, para a grandeza da intelligência e para o esplendor da liberdade — nesta abençoada terra do Brasil!



DISCURSO DA PROFESSORA GUILHERMINA DE FIGUEIREDO

ORADORA DO GRÊMIO "JULIA LOPES"

Homem, regressa à Divindade de onde vieste, eleva teus pensamentos e retira-os, por um instante, destas planícies terrenas e rasteiras; ergue-os a Deus, Supremo Senhor, e verás então, que és uma pálida e mística sombra dessa mesma Bondade e Perfeição Divinas.

Tens uma alma, tecida de luz, fé e pureza; tens um espírito feito para as aspirações supremas e talhado para as vitórias; tens um coração, centro de todos os afetos, santuário de todas as ternuras, relicário das joias mais sagradas e preciosas.

E neste entrelaçamento misterioso, tens uma vida, uma finalidade, ou um destino altamente espiritual.

Hoje aqui cultuamos a memória de uma vida imortal na sua manifestação mais gloriosa, na sua finalidade mais alta e sublime, no mais expressivo símbolo de cultura, de fé e patriotismo.

E' a lembrança inapagável de Rui Barbosa, mestre dos mestres, rei da língua portuguesa, condor ousado, que, nos seus voos e surtos alterosos de imaginação poderosa e feliz, nos seus trópos rescendentes ao belo e ao puro, alcançou os píncaros da imortalidade gloriosa, pois viveu, vive e viverá para sempre, onde quer que a fé se implante, que a cultura domine, ou que o patriotismo vença.

São de Tristão de Ataíde estas frases espressivas, quando da morte do grande Rui: «Foi complexo demais para caber numa definição.

Quando nada por absurdo, houvesse em sua vida, bastava êsse exemplo inegalável de amor e fidelidade, para nos fazer considerar com veneração êsse homem, que trovejava contra os poderosos e pedia desculpas aos humildes».

Li, ávida e interessadamente o 1º discurso de Rui Barbosa, pronunciado a 13 de Agosto de 1868, por ocasião do banquete que os liberais acadêmicos de S. Paulo ofereceram a José Bonifácio. E aí, como num relicário precioso, a 1ª joia se ostenta, magnífica e deslumbrante; aí, com pompa e elegância se revela a fé ardente, a religiosidade natural, e o acendrado patriotismo, nessas palavras castiças e inegaláveis, no seu falar fino e

culto, que encantava, prendia e atraía. Faz êle sobressair nessa estrêa oratória, o cristianismo — como a regeneração moral da humanidade; a revolução francesa — como a regeneração política dos Estados.

Discorre, explica, combina as ideias, e o faz de maneira tão encantadora, como se fôram flores esparsas de um jardim, que, juntas e presas pela mesma mão hábil e delicada, se ajustaram de forma bela, perfeita e amorável.

Ouvir Rui Barbosa era sentir-se imerso em um oceano de belezas e de verdades; era extasiar-se ante um trono de magnificência; era conhecer um mundo novo de cultura, erudição e saber. E o que completava aquele espírito elevado, aquele cérebro poderoso e fértil, aquele coração magnânimo e leal, era uma alma crente e perfeita, que se erguia diariamente a Deus, e que se sentia feliz em poder exaltar na linguagem mais tersa e sublime, as maravilhas do Todo-Poderoso, e as suas manifestações prodigiosas no mundo dos crentes. Sem crença não há virtude, não há beleza, não há perfeição.

Hoje, dia da Cultura brasileira, aqui está representado neste recinto de pensamento e de arte, o centro cultural feminino: o "Grêmio Julia Lopes".

E ao falar em nome desta associação, deixai que ressalte aqui êsse mister nobre e importante, que forma, por assim dizer, a alma e o característico da mulher cuiabana; missão altruística que sempre lhe foi confiada: o ensino equiparado à moral, à educação e à bondade. Magistério, vida a que me dediquei espontânea e amorosamente; magistério que nos faz compreender o quanto é belo viver, o quanto é belo ensinar; viver como o farol luminoso dos que se acham envolvidos nas trevas da ignorância e do aniquilamento moral; ensinar aos que vivem na obscuridade do analfabetismo e da incapacidade.

Carneiro Ribeiro, na sua belíssima e profunda conferência sobre "a educação nas suas relações com o moral", assim se expressou:

«Compenetrem-se os mestres da importância e santidade de sua missão, restituindo às famílias e à sociedade as joias que essas lhes confiaram, sem lhes marear o brilho, nem lhes emurcheçar e mirrar as primeiras rosas da primavera, tão amavelmente regadas pelas lágrimas maternas».

A mulher cuiabana, pelo devotamento instintivo ao estudo e pela meiguice natural, é e será sempre talhada para o magistério; é aí que a sua cultura se expande, que a sua bondade se alarga, e a sua beleza se manifesta.

Deixa em cada lição esvoçar uma ternura, em cada conselho um carinho, em cada sorriso um mundo de afetos, a irradiar saber, amor e dedicação. Não se limita a ensinar; não se restringe a inteirar-se das ciências, na ância incontida do saber; faz do lar, da família, da sociedade, a continuação do seu sacerdócio: verdadeiro apostolado, a que se entrega inteira e denodadamente.

A cultura da mulher cuiabana anda sempre aliada à fé, ao amor e à virtude; ela não se mira em Aspásia, mas antes em Cornélia, e Madame de Sévigné, harmonizando, com personalidade feliz, as virtudes e a afetividade da imortal mãe dos Gracos; o fino espírito e o amor ao saber, que caracterizaram a Maria de Chantal.

E' ela amante do saber, sacerdotiza da moral, apóstola do bem. Qual anjo tutelar, sabe adivinhar num gesto, num olhar ou num sorriso da criança, — a ância viva de aprender, a alegria de conhecer o ignorado, ou a mágua de sentir-se alheia às ciências que ainda não assimilou.

Olha, inquire, perscruta, e chega então a sentir-se como se foram: — mestra e aluno, — uma só alma e um só espírito; vive para êle, com êle gosa ou sofre, por êle se aperfeiçoa e se cultiva.

Sente-se feliz, sente-se orgulhosa e elevada nesse desdobraimento místico.

Felicidade que enobrece, orgulho que não avilta, elevação que se firma no pedestal indestrutível e puro do saber, da virtude e da moral. Se Coelho Neto decantou o coração materno, não menos e com menor exaltação, houve já quem decantasse o espírito e coração da mestra, que vibra e que fala; mestra na acepção mais íntegra, e mais encantadora. Se pôde Bilac dizer aos seus amigos de S. Paulo:

«Por ser da minha terra é que sou nobre,
Por ser da minha gente é que sou rico»,

bem pudera a mulher cuiabana dizer de si, com acerto e razão, que é também nobre e rica, não só por ser da sua terra e da sua gente, senão ainda e sobretudo, por ser dêste mister sublimado e glorioso.



MOCIDADE, LIBERDADE, CULTURA

ORAÇÃO DO DR. GERVÁSIO LEITE
JORNALISTA E DIRETOR DO D. E. E.

Quando se fala em cultura, como quando se discute mocidade e liberdade eu me lembro sempre de Montaigne ao bradar nos seus ENSAIOS — «Tantas palavras só para palavras! O' Pitagoras! porque não conjuraste essa tempestade?»

E' que pelo menos para mim, mocidade, liberdade, e cultura favorecem a expansividade palavrosa que se degenera em conferência, resultando daí aquela mania que «parece ser um sintoma dêste século desbordante.» A discussão da liberdade degenerou-se na tremenda revolução francesa que nenhum resultado prático trouxe, a não ser a democracia, que Edouard Juliá define como sendo a arte de tomar o lugar do adversário para fazer a mesma cousa que ele estava fazendo. Demais ninguem discute liberdade dentro da superioridade que o têmea permite. Só falam nela quando a lei proíbe um negocio escuso ou quando responsabiliza os homens pela anarquia dos seus costumes e degenerência do seu senso de respeito. E' que liberdade depende de três condições—antoridade, moralidade e propriedade. Sob êses três prismas não pôde existir essa liberdade pela liberdade que é o ideal dos homens que estão em permanente disponibilidade intelectual. Acima do individuo e disciplinando-o, está a sociedade, e é melhor que esta seja mais livre do que aquele, porque muita liberdade do individuo acaba em anarquia, pouca liberdade da sociedade degenera em tirania. Liberdade! De todos os excitantes é talvez o mais perigoso e o mais cruel.

Mocidade e liberdade, como vemos, à força de serem discutidos, caíram no banalismo das discussões sedições, sendo que no primeiro caso, como lembra Voltaire, toda a questão consiste em saber se as arvores de outros tempos eram maiores que as arvores de hoje. Esse o ponto nevrálgico da questão da mocidade. Ora, não servindo nem o têmea—liberdade, nem o têmea—mocidade resta-me o têmea cultura deixando propositadamente em último lugar como assunto de última hora para encher um discurso vasío. Estudando esta questão com o entusiasmo com que sempre me dedico às cousas teóricas comecei por sentir sérias dificuldades para definir o têmea cultura. Num sentido largo o termo cultura é indefinível. Num sentido mais restrito fica presa apenas às cousas do espirito, sendo confuso e difícil de-

fini-la, mesmo neste sentido. E a dificuldade não é minha, é de Unamuno, de Orestano, de Marañon, de Pinder. Spengler, profeta de culturas mortas, preocupado com suas culturas fáusticas e os seus vikings cultos nada diz respeito. Encontro num francês — e são êles os únicos que neste mundo têm o privilégio de pensar bem — uma frase onde a cultura é definida em toda a ampla significação que tem: Cultura é aquilo que sabemos depois que esquecemos tudo que aprendemos.

Aí o sentido verdadeiro. Isto é: Cultura é Humanismo. É trabalho do espirito. Só com estudo acurado e longo é que se póde adquiri-la. Se a beleza física e a coragem, muitas vezes se transmite por atavismo, a cultura é uma coisa que o homem adquire com o seu esforço. Não há cultura por acaso. E não haverá cultura enquanto não houver escola. E não teremos estas enquanto não encontrarmos outros tantos homens cultos para mestres. Não misturemos cultura com pedantismo. Este pode coexistir com aquela, mas não póde por si só se aguentar.

Não somos um povo culto porque nos falta justamente a cultura humanista. Enquanto não fizermos dos clássicos nossos familiares, à despeito de toda nossa bôa vontade nossa cultura será manquitolante, capenga e defeituosa. Por isso acho muito louvavel reunirmo-nos para discutir e abordar, sincera e amplamente, o problema da cultura, porque daqui póde sair muita cousa util e necessária à futura cultura brasileira. Ela será fruto do tempo e do trabalho acumulado no correr dos séculos. Colocando-a sob a invocação do nome de RUY BARBOSA demonstramos nossa bôa intenção.

Á despeito de todos os seus defeitos, e êstes só ressaltam as suas qualidades formidaveis, Ruy foi o maior trabalhador de nossa cultura. Não foi só um homem de gabinete, pois o homem de gabinete não é culto, mas simplesmente erudito, mas um formidavel agitador de idéias, um gigante que tentou um trabalho espantoso de revisão e melhoramento, em grande parte perdido, pela sua dedicação à sereia política partidária. Mas nisso ainda obedeceu êle à uma lei natural. De que sendo o melhor num meio de médiocres tinha que ser tragado por êstes!...

Aliás, o Brasil, do ponto de vista de cultura, caminha muito fóra de sua trilha. Temos Civilização antes de Cultura; temos Técnica antes de termos espirito. Isso porque nos deixamos seduzir pelo babelismo de Norte America. Cultura não é erudição. É modo de vida. E que nos poderá dizer qual o nosso modo de vida? Êsses tateios e recúos, essas marchas e contramarchas que sentimos em nossa historia não comprovam a falta de cultura,

demonstrando também que tentamos encontrar um estilo próprio de vida, porque os povos como os indivíduos têm o seu *modus vivendi* próprio?

Enquanto isso se dá, todo nosso esforço não passará além da contemplação de outras culturas onde possamos beber ensinamentos.

Isso, porém, não implica na resolução dos problemas fundamentais da mocidade brasileira. Enquanto não fôr ela atrevida e insatisfeita não será mocidade. Não o atrevimento físico dos esportistas que favorece a arruaça. Nem a insatisfação nostálgica daqueles que partem e não querem chegar, e param diante das encruzilhadas seduzidos por todos os caminhos sem poder seguir nenhum.

Precisamos de uma mocidade atrevida e insatisfeita que tenha a coragem espiritual da renovação e suficiente liberdade para criar e favorecer a criação de valores. Não a mocidade complacente e homenageante que se precipita alvoroçada para as manifestações de apreço; nem a que se preocupa exclusivamente com o mundo exterior sem a audácia de procurar realizar cousas que transcendem ao mundo material.

Mocidade livre, mas também mocidade culta! Porque liberdade sem cultura favorece a anarquia, abrindo risonhas perspectivas a todas as tiranias.

Liberdade e cultura com as condições preliminares do equilíbrio e da disciplina. Não a liberdade das manifestações políticas e dos meetings, nem aquela cultura de perfumistas de que fala um pensador francês, revoltado. Nem aquela mocidade que tem de moço apenas o privilegio da idade.

Não existindo por si mesma, a liberdade só pode ser discutida em função de uma outra coisa qualquer, em relação a outro bem espiritual.

Os que discutem as questões colocando-se nos seus extremos acabaram criando confusão entre liberdade e licença quando hoje a tendência converge para uma fórmula transaccional intermediária em que há um minimum de liberdade, compatível com a dignidade humana, fóra da qual o mecanismo do poder se exerce automaticamente com caráter repressivo.

O saudosismo nestas questões não prevalece!

Naturalmente este é um tempo, um mundo diferente dominado pelos homens de negócio, segundo a opinião de Delaisi, com a idéia fixa nos rendimentos que acumulam, sem compreender os profundos dramas que se agitam no terreno do Espírito e

que, como Pangloss só sabem dizer que o mundo deve ser assim porque é o melhor dos mundos possíveis.

Nenhuma preocupação mais além do seu negócio, da sua atividade e tudo o mais só merece um desdenhoso levantar de ombros que traduz a sua irresponsabilidade. Entretanto, esta é uma hora dramática e triste quando «o homem desviou-se das verdades iniciais», esquecendo-se das «condições próprias da natureza humana», como assinala Maritain. Não duvidemos desse perigo nem tão pouco consideremos a dramaticidade como literatura de despreocupados de gabinetes.

Esta é uma hora de recuos na história da humanidade. Mercê de Deus nós podemos, serenamente, no meio de um país pacífico, discutir os problemas da liberdade e da cultura de portas abertas, sem ódios e com o fito de encontrar uma solução humana e justa.

Por toda a parte porém nesta hora, lavra o fogo da destruição. Liberdade e cultura desceram a um plano secundário e vieram à tona a salsugem da ambição e do ódio. Está aí toda a obra de Spengler num esforço titânico a demonstrar essa morte da Cultura de onde vem a Civilização.

O primeiro sintoma de decadência de um povo começa pela Civilização, opina Spengler, que substitue a Cultura depois de sua morte, porque esta é um organismo e subindo tende a cair e crescendo tende a apodrecer. Cultura no Ocidente foi ascensão em dois tempos — aristocracia e arte e regressão em um ato—democracia. Quando o castelo e a Igreja são substituídos pela cidade, pelas metrópoles tentaculares começa a civilização e consequentemente a decadência que é um fenómeno urbano, caracterizado pela revolução industrial com suas máquinas que aniquilam o homem e faz do engenheiro o centro do mundo — o "padre da Máquina." Por toda a parte a decadência se mostra francamente. Na arte com o modernismo, na música com o vazio das variações sem sentido. Tudo no mundo se esteriliza. Desde a cabeça dos filósofos onde o surto creador se extingue até a família pela limitação da natalidade. Consequentemente, demonstra Spengler, já não há mais cultura porque não há originalidade no surto creador. A filosofia em vez de viver pergunta se vale a pena a vida e a Religião mesma deixa de ser orgânica, de ser a alma da Cultura, porque o ateísmo é da essência das metrópoles. Na política o desaparecimento da classe superiormente sanguínea, fez desaparecer a vontade de poder. Com perecimento da classe superior surgiu o proletariado, as massas que repelem a cultura. «São os absolutos do sem forma a perseguir com o

seu ódio todas as espécies de formas, todas as distinções de hierarquia, toda ordenação de propriedade e de conhecimento. São os nomades das Cidades mundos que não possuem nem reconhecem passado ou futuro... A massa é o fim.» Dentro do conceito spengleriano a civilização é a rigidez a seguir a expansão, é o fim inevitável que sobrevem por força de uma decadência interna.

Dessa decadência surgiu a intranquilidade do mundo moderno. O predomínio do materialismo gerou a confusão com o Individualismo da política econômica, a livre concorrência desenfreada, a luta de mercados, a ambição de predomínio possibilitando a perversão da inteligência humana, a inversão dos valores da vida, o domínio da brutalidade, da Força contra o Direito quer entre homens como entre povos. A luta pela vida tornou-se dura, implacável, cruel, dominando apenas o mais forte, o que muitas vezes significa os que lutam com mais violência, os que são menos peiados pelos escrúpulos de consciência. (Pio XI — Quadr. ano).

O Brasil não pôde ficar isolado da tragédia do mundo contemporâneo. Também aqui desenham-se nitidamente os problemas fundamentais da mocidade e da cultura. A inquietação do espírito brasileiro decorre da perplexidade com que assiste o desenvolver da tragédia do Ocidente que, de algum modo, é um impedimento à realização magnífica do seu destino humano e geográfico.

Entre os graves problemas da cultura brasileira destaca-se principalmente a situação de isolamento dos seus homens cultos, isso porque não temos tradição universitária e o autodidatismo gera exclusivismos e particularismos, criando tantas culturas quantos são os indivíduos cultos, fazendo com que o campo de ação intelectual e pública, no país, se constitua um campo de lutas mesquinhas e pessoais, em que se entredorram sem brilho e sem glórias os raros homens de inteligência e imaginação que possuímos. Sem formação universitária, sem identificação cultural, a agrestia e a agressividade dos intelectuais são formas naturais de expansão pela crítica e pela análise, formas de oposição, diminuição e destruição.

As circunstâncias políticas e sociais em que vivemos no momento exigem-nos, porém, a socialização das cabeças pensantes, porque cultura não é privilégio de indivíduos mas, forma de aperfeiçoamento de grupos. É à mocidade que cabe a responsabilidade dessa socialização, tanto mais necessária quanto mais trágico o furacão que destrua o mundo.

Bertrand Russel, escreve que só a bondade será capaz de salvar este mundo, aplacando o furor dos homens e fazendo rei-

nar pela compreensão que a cultura favorece, os justos princípios de Humanidade e de Paz.

À mocidade brasileira, não apenas aquela vaidosa da sua coragem física, como a dotada de suficiente coragem espiritual, cabe cooperar com as forças de Paz e de criação preparando com generosidade, a terra mater para as fecundas sementeiras de amanhã. Porque cultura não é privilégio e bem pensar é índice de vitalidade e de sanidade de um povo.

VINTE ANOS DE ATIVIDADE ACADÊMICA

ALOCUÇÃO DO REPRESENTANTE DA ALA MOÇA

BEL. JORGE OTAVIANO DA SILVA PEREIRA

José de Mesquita — esse condor das letras matogrossenses — quis surpreender-me a mim — ave implume, inapta em realizar vôos altaneiros — com • amável e honroso convite de participar desta tertúlia literária, comemorativa do Dia da Cultura, instituído na data natalícia de Rui Barbosa, em homenagem ao mais legítimo representante da Intelektualidade Brasileira.

E atendendo ao convite que me não tanto rejubila quanto confunde, resolvi rememorar, ainda que palidamente, uma data auspiciosa da cultura matogrossense, uma data que marca época nos fastos literários desta gloriosa terra matogrossense: Eu me refiro, senhores, ao vigésimo aniversário de fundação da Academia Matogrossense de Letras — transcorrido no dia 22 de Maio do ano fluente.

Data auspiciosa para a Cultura Matogrossense — pois a Academia Matogrossense de Letras é — sem dúvida alguma, o maior e mais brilhante instituto cultural de Mato-Grosso, congregando em seu seio o escol dos intelectuais deste Oeste longínquo — verdadeira sentinela avançada da Pátria Brasileira.

São vinte anos de atividades constantes e trabalhos formidáveis e fecundos em benefício das letras e da cultura matogrossense — atividades e trabalhos êsses registrados nas páginas da Revista da Academia Matogrossense de Letras, que menos não é do que o índice mais perfeito do nível intelectual da gente de Mato-Grosso.

Mas — não posso e não devo silenciar, querendo rememorar o vintênio da Academia, a sua origem humilde e obscura, como aliás sucede nas suas origens a todas as grandes e superiores instituições.

A Academia Matogrossense de Letras nasceu de uma conversa de José de Mesquita com João Barbosa de Faria — há pouco transportado desta para outra vida — e Lamartine Mendes — base triangular deste monumento soberbo que hoje admiramos — do mesmo modo como nasceu a Academia Brasileira de Letras, da amistosa conversação de Lúcio de Mendonça, Joaquim Nabuco e Machado de Assis que conjugando esforços, souberam levantar a maior organização intelectual, que é legítimo orgulho da Terra Brasileira.

Referindo-me à fundação das Academias Brasileira e Matogrossense não deixo de realçar os pontos de afinidade, já por mim certa vez manifestados, existentes entre os fundadores dos dois grandes centros de cultura literária: Lúcio de Mendonça e José de Mesquita. Ambos poetas, ambos prosadores e ambos magistrados. E sobre estas afinidades já um tanto significativas, avulta a coincidência de ambos os homens de letras haverem nascido no dia 10 de Março. Aquele, órgão criador da Academia Brasileira, este, da Matogrossense.

Fechando o parêntesis aberto quero voltar ao que já havia iniciado: a origem da nossa Academia.

Foi, como ficou dito, a 22 de Maio de 1921, que houve a sessão de fundação, realizada em o salão nobre do Palácio da Instrução, gentilmente cedido pelo então Presidente do Estado, D. Francisco de Aquino Corrêa, que não negou aplausos à nobre iniciativa do Desembargador Mesquita.

Do Palácio da Instrução transitou o Centro por diversas sédes, fazendo uma verdadeira via-sacra, até que no dia 24 de Junho de 1934 instalou-se solenemente, nesta Casa Barão de Melgaço, que lhe fôra cedida pelo decreto nº 1 de 23 de Novembro de 1930, da administração do Cel. Antonino Meina Gonçalves.

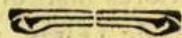
E nesta casa de saber e de cultura, a Academia luta, vence e demonstra orgulhosa a sua esplêndida vitalidade, assim no brilhante órgão acadêmico, assim nos magníficos saráus, que tanta delícia teem proporcionado à nossa culta sociedade.

Vinte anos de atividades acadêmicas é tema por demais extenso, e não pode ser desenvolvido satisfatoriamente, dentro dos limites circunscritos de um pequeno e desvalioso discurso, que mais não visa do que lembrar o vigésimo ano de fundação deste importante cenáculo do pensamento matogrossense, deste magestoso templo da inteligência, onde 30 sacerdotes da palavra, incensam respeitosamente a formosa deusa da Literatura, que é a mais evidente demonstração da cultura e da civilização de um povo.

E aquí, há vinte anos, esses abnegados apóstolos da Cultura e do Saber, veem pregando aos quatro ventos a beleza, a sublimidade do estudo e cultivo da língua, veem elevando e glorificando, através dos seus escritos, o nome glorioso de Mato-Grosso e da gente matogrossense.

Glória, pois, à Academia Matogrossense de Letras, o maior cenáculo do pensamento matogrossense, pelo transcurso do vigésimo aniversário de fundação, glória aos ilustrados membros da Academia, que neste vintênio de atividade tanta energia teem dispendido pelo engrandecimento da nossa terra.

Glória enfim a José de Mesquita, de quem disse D. Aquino Corrêa: ser a alma de nossas organizações literárias, o seu cérebro e o seu coração, órgão motor e pensamento de toda a sua atividade.



JOÃO CHRISTIÃO CARSTENS

Necrologio do membro correspondente em Corumbá, acadêmico João Christião Carstens, falecido a 7 de dezembro de 1941, pelo acadêmico Philogonio Corrêa

Senhor Presidente
Ilustres consócios

Sendo esta a primeira reunião da nossa sociedade, depois que foi conhecido em Cuiabá o falecimento, dado na cidade de Corumbá, do nosso inesquecível companheiro de lutas pelo ideal advogado João Christião Carstens, cumpro o dever de amigo e de confrade, propondo que seja consignado na ata dos nossos trabalhos de hoje, um voto de sincero pesar por esse infausto acontecimento.

Desnecessário seria relembrar, neste recinto, as passagens marcantes da agitada vida que agora teve fim. Todos os que labutam conosco conhecem bem o que foi a existencia d'esse lutador valente e ardoroso.

Orfão de pai, ainda na sua meninice, Christião recebeu, do seu progenitor agonizante, a incumbência nobre e difícil de se responsabilizar pela manutenção da sua veneranda mãe e dos seus tenros irmãos, de cuja educação tomou conta.

Começou então a nobre luta do dever imposto pelo afeto. Atirado ao trabalho rudo e nobre do ganha-pão dignificador, o adolescente se afirmou um homem.

Continuando a atividade paterna na olaria do Ribeirão, a materialidade da profissão não conseguiu apagar no jovem inteligente a lembrança dos saudosos tempos do Liceu Cuiabano onde, ao lado de Estevão de Mendonça, João Cunha, Vieira d'Almeida, Avelino de Siqueira e Palmiro Serra, aprendera a cultivar as belas letras com as fundações do "Liceunista" e do "Pharol".

Fôra essa a escola onde se temperára a sua organização de polemista fogôso. Os minúsculos periódicos fizeram época pela sua acirrada rivalidade e pelo cuidado no trato do vernáculo.

A exiguidade das vantagens pecuniárias levava Christião Carstens a iniciar, na então Thezouraria da Fazenda, hoje Delegacia Fiscal, a vida burocrática, como praticante. Nesse posto recebeu êle do seu Inspetor, um significativo elogio que êle se referia sempre com elevado orgulho.

— Quem conheceu Manoel Kosciusco Pereira da Silva, dizia êle, sabe bem o valor d'essa Portaria.

O seu pendor para o magistério e as exigências da vida, levaram-no a fundar, com Januário Rondon, o "Ateneu Cuiabano", estabelecimento de ensino que se distinguiu numa longa e útil existência.

Transferido para a Alfandega de Corumbá, como 2º escripturário, mudou-se, com sua mãe e irmãos, para a futura Princesa do Paraguai, iniciando então a fase de maior atividade e de maiores responsabilidades da sua existência. Seduzido pela política onde o seu ardor combativo, a sua eloquência espontânea, a sua atração pessoal e o seu vigor de jornalista, encontrariam campo propício para realce, pediu demissão do seu cargo na Alfandega, entregando-se, preferentemente, ás atividades de despachante e, logo depois, á advocacia, para cujo exercicio se provisionára. Nesses novos mistéres sorrira-lhe sempre a fortuna, permitindo-lhe situação de folga no proporcionar o conforto da sua família, sempre o seu cuidado máximo, e o encaminhamento dos seus irmãos varões, ambos ingressados na carreira de fazenda.

A sua importância politico-partidária, sempre crescente, se, por um lado, facilitava avultados proventos pecuniários ao advogado, custava, ao popular e prestigioso chefe, tudo o que podia economizar, vivendo mais para os amigos e correligionários, do que para a sua própria família, já então acrescida da sua fiel companheira na vida e de 3 filhinhos.

O seu destaque teve como consequencia a sua eleição para deputado á Assembléa Legislativa do Estado. Nessa casa legislativa, em cujo seio eram os mais jovens Christião e Pedro Trouy, o representante corumbaense do Partido Republicano Constitucio-

nal, soube brilhar logo pela sua eloquência ferosa, pela sua competência e pela sua dedicação, exercendo, com galhardia e critério, a liderança da sua bancada.

Não o seduziam, entretanto, os altos postos políticos e administrativos, sendo esse o motivo da sua recusa, sempre que o seu nome era lembrado para uma cadeira da representação matogrossense na Câmara Federal. Preferia o convívio dos seus e dos amigos de Corumbá, a cidade dinâmica e futura por cujo progresso trabalhava. Sempre vanguardeiro de memoráveis lutas eleitorais, os seus correligionários tiveram nele, por mais de uma vez, um decidido representante no Legislativo Municipal, confiando-lhe, por último, o mandato de chefe do Executivo da Cidade Branca, em cujo posto a sua atuação se tornou verdadeiramente notável pelos melhoramentos realizados, muito embora a atuação imparcial e inflexível do administrador escrupuloso trouxesse, como consequência, a diminuição do prestígio do político que, tudo dando do seu, era guarda vigilante e austero dos negócios públicos que lhe foram confiados.

Concluído o seu brilhante mandato entregou-se á reconstrução da sua economia particular. Isso mesmo não lhe foi permitido pela reorganização política levada a efeito durante a primeira administração do Dr. Mário Corrêa. Foram então novamente reclamados os seus serviços como deputado á Assembléa Legislativa do Estado. O Dr. Anibal de Toledo, iniciando a sua administração como Presidente eleito para substituir o Dr. Mário Corrêa, confiou a João Christião Cartens o alto e espinhoso cargo de Chefe de Polícia, cargo esse que vinha sendo desempenhado com critério, firmeza e competência, quando a revolução de 1930 inaugurou em Mato-Grosso o regime das Interventorias.

Era o fim da carreira do bravo lutador.

Nas lutas políticas que se seguiram á criação do Partido Evolucionista, pouco ainda pode dar, do muito que d'ele era exigido. Velho e doente, desiludido e desgostoso, mas, mesmo assim, ainda obrigado a duros trabalhos que sempre enfrentára resolutamente na sua mocidade forte, morta a sua idolatrada esposa e a sua veneranda mãe, os grandes motivos do seu devotamento e dos seus sacrifícios, tais emoções abalaram profundamente o seu sensível coração. E ele foi repousar junto dos seres queridos que o encorajaram, pelo amor, na luta pela vida.

Nós, entretanto, aqui estamos, reunidos pelo nosso ideal, nesta casa amiga e justa, para recordar os méritos e destacar o valor do querido morto, do orador veemente, do jornalista seguro do que defendia.



A EXPRESSÃO DA PINTURA DE PRESCILIANO

Cesário Prado

Ce que le tableau représente? Cela dépend de celui qui le regarde. — Whistler.

Desde que se abriu vem alcançando ruidoso sucesso a exposição de pintura de Presciliano Silva, na Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel. São ondas e ondas de assistentes que de hora em hora se formam e se renovam em contemplação admirativa, em detalhado estudo ou num amoroso embevecimento diante de umas poucas duzias de telas, e depois com autoridade tecnica ou sem nenhuma autoridade, dispersam-se fóra tocados pelos subtis efeitos emocionaes da arte, a prodigalizar em todas as ródas sociaes, os mais entusiasticos louvores sobre as excelencias de uma pintura de fundo carateristico nacional pois que nos revela, na expressão do sentimento religioso, uma das modalidades mais fortes da alma brasileira, o amor á terra do seu berço e o apego ás tradições do seu culto.

De certo a pintura nacional não é pobre na tematica da historia patria, nem nos assuntos da paisagem natal. Sobejam-nos como padrões dos episodios heroicos da nacionalidade, desde a sua formação até as guerras da Independencia e do Imperio, os portentosos paineis de Pedro Americo e Victor Meirelles e das sucessivas gerações de discipulos de não menor valia. Os Bernadelli, os Amoedos, Parreiras e Batista da Costa, formaram por seu turno uma admiravel escola de paisagistas entre os quaes não foi menor esse eximio Vicente Leite que tão prematuramente veio a se finar justamente na semana de tanta gloria para Presciliano. . .

São todos eles, como Chambelland, Osvaldo Teixeira, Timotheo da Costa e tantos outros, verdadeiros interpretes da nossa natureza tropical, pujante no solo, rica de côres e de sons, em todo o seu magnifico esplendor.

Admira se como na diminuta superficie de um quadro põem eles um retalho do Brasil tão cheio de vida que parece trazer até a vibração dos nossos ventos nas praias, pela inclinação das linhas dos coqueiros da beira d'agua, ou pela corrida das nuvens em brancos farrapos no céu azulado. . . Diferente é a arte de Presciliano que com justa razão Carlos Maul chama de pintor do silencio. Com efeito, a emoção estetica que se colhe da galeria do pintor baiano, é uma sensação extranha de abrandamento ou cessação de todo o rumor, quer numa téla antiga de um recanto de cidade européa, onde néva e faz frio e todos estão de calçados e roupas que abafam e tudo parece calado pelo rigor da estação, como num quadro que representa uma aldeia da velha capital baiana, sem nenhum transeunte, sensação de silencio, socego, paz e tranquilidade que nos enche principalmente nestes quadros da visão dos interiores conventuaes, na penumbra dos corredores claustreaes, nas suas longas galerias de arcadas e colunas pesadas e macissas. . . E é nestes quadros de igrejas e conventos que se faz marcante a originalidade da arte de Presciliano. Porque, de inspiração religiosa, seria natural que fosse buscar assuntos ou motivos nas fontes classicas das sagradas escrituras, os episodios historicos do povo de Israel, os suaves milagres do cristianismo no *Flos Sanctorum* ou na *Legenda Dourada*, mas estaria assim trilhando a mesma senda dos imitadores comuns e não nos daria pois esse selo de genialidade que esta parte da sua obra nos revela como caracteristico de uma inspiração exclusivamente pessoal, que soube criar temas singelos e entretanto cheios de patetica luz espiritual. . . Mais não fez do que olhar com enternecido carinho as igrejas da terra natal e deixar-se impregnar do doce effluvio de serenidade e fé, de mística poesia e consolação que se respira no ambito dos conventos franciscanos. . . Surdiu com inegavel originalidade, dizemos, porque é raro senão unico, fazer ver-se na pintura dos ambientes claustreaes, essa surda expressão de silencio que nasce nos paineis de Presciliano pela só figura de um monje isolado em meditação ou na prece, ou num pequeno trabalho de erguer uma lampada. . .

E o que importa em arte é o abrir de novos caminhos e o que faz o valor é o novo e o original, nada tendo maior tedio que a repetição de fórmulas ou processos. Dahi todo o prestigio dos creadores de escolas e todo o esquecimento dos discipulos, por mais eximios se mostrem. . .

Martins de Oliveira, o nosso Deocleciano, — premio duplo da Academia de Letras, que tive a fortuna de encontrar na exposição, chamou-me a atenção para os efeitos de luz do magico pincelista. Realmente, não ha nas télas de Presciliano aquelle forte contraste do claro-escuro de Rembrandt. Mas ha uma tal viva realidade de luz e sombra, que nenhum aparelho fotografico jamais poderá nos revelar. Entra a luz, por exemplo, por entre duas portas fronteiras, d'onde tambem se vê que banha tambem o trecho de um corredor; clareia o meio da sala e põe em relevo toda a côr e desenho do tapete; ilumina parte da mesa e se esbate, atenua-se, perde-se ou *smorza-se* em gradações de sombras nos batentes das portas, nos cantos de sala, de maneira tão real que não se sabe o que mais de admirar, si o desenho dos objectos e dos moveis, si a nitidez e perfeição das proprias sombras. . . O autor do "Caboclo d'agua", que é tambem competente em artes plasticas, como valioso autor de esculturas em madeira, afeiçoando-se agora igualmente á pintura, ia-me expondo as dificuldades de se obter certos efeitos de luz, notaveis na galeria de Presciliano, um ponto, por exemplo, de vivo carmim no estofa escarlate de uma poltrona que se oculta na sombra e só recebe a claridade naquele ponto. . . São bagatelas que indicam a mão do mestre, minudencias que em conjunto formam a perfeição. . .

Certo, todo nós, leigos em arte, sabemos dessas manchas de perto inexpressivas e que só á certa distancia traduzem a imagem da realidade. É o comum processo da arte, um segredo tecnico que sera menos difficil em telas de grandes proporções e geralmente usado pelos impressionistas quer de paisagem como de retratos. Mas que se atinja tal efeito em quadros de trinta ou cincoenta centimetros e com os motivos creádos por Presciliano, é só por milagre do genio ou pelo capricho da natureza que, cerrando os ouvidos do artista (consta-me que ele está completamente surdo) ampliou-lhe o órgão da visão com um poder de alcance na verdade maravilhoso. Cito por exemplo o fundo de um muro que com os seus azulejos formam como que o espaldar de um banco colocado no corredor de um claustro. . . Pois bem: o que a dois passos é uma simples mancha violacea, já a dez passos vê-se que é uma paisagem formada com os mesmos azulejos; o que aqui é simplesmente o forro de madeira do tétó vemos acolá que esse forro é uma preciosa obra de talha com os relevos dos seus florões em linhas impecaveis. Ora, admire-se esse pormenor na talha dos altares, nos bordados e rendas das toalhas que os revestem, nos candelabros que os guardanecem, e poder-se-á calcular a soma de paciencia, o amor aos detalhes, o indefesso labor do artista baiano. . . Mas não é de certo por esse merito que a sua obra vem logrando tanta simpatia e admiração. É por toda a sua expressão mística, de doce paz e serenidade espiritual numa época de conturbações e violencias. Sem duvida admira-se na "Oração da tarde", de como consegue o artista dar-nos a expressão do recolhimento do monge mergulhado em sua prece em frente ao altar a que se ajoelha, unicamente pelas linhas dos hombros e espaldas e pela inclinação da cabeça, quando mais facil lhe seria dar-nos essa expressão si nos mostrasse a figura do religioso não de costas, mas de face ou de perfil em que poderia pintar-nos na fisionomia todos os traços do recolhimento, do fervor ou da devoção.

Admiram-se, sem duvida, na "Meditação" os recursos singelos do artista para obter sua tão magnifica sintese: sentado no desvão de uma ampla janela aberta um frade medita, contemplando a igreja sobranceira a uns vagos casebres que sobem por uma ladeira de morro que forma naquele retangulo pequeno da janela um outro quadro, uma outra paisagem, e a gente põe-se a cogitar si é a paisagem que enche a meditação do religioso ou si é a influencia desta figura meditativa que tanto entristece a paisagem...

Sem duvida tambem são admiraveis os detalhes do quadro "A ultima porta", mas a força sugestiva desta obra está na fisionomia tranquila e confiante do mendigo que espera sentado junto á porta do convento, certo de que ali não lhe negarão a esmola, pois que veio bater a ultima porta, a que sempre se abre para todas as miserias e todas as tribulações, já que nela se ergue a imagem do Deus de todos os fracos e todos os oprimidos.

Póde a critica autorisada espriar-se em pormenores sobre a arte de Presciliano, a firmeza dos seus traços, as cores da sua palheta, o rigor das perspectivas, todo o seu estilo e sua tecnica, que a nós o que mais ressalta na sua obra é a expressão religiosa que dimana de toda ela como uma luz muito pura e suave. É por tal expressão que se achou em perfeito sincronismo esto-psicologico com o publico que a visita, porque é assaz eloquente da fidelidade da alma nacional á religião que lhe abriu as sendas civilizadas no proprio berço em que ela despertou com o verbo de Vieira e se glorificou com o verbo de Ruy, terra tão rica de igrejas e conventos, reliquias do catolicismo, joias tradicionaes e imorredouras da Baía e do Brasil. . .

**PAGINAS
DOS
NOVOS**



O NORTE E O SUL DE MATO GROSSO

Afranio Corrêa

Quando o viajante que deixa a vida alegre do Rio, disposto a conhecer a capital matogrossense, consegue chegar a Cuiabá — depois de 10 longos dias de viagem ininterrupta, através das estradas de ferro e da navegação fluvial, êle começa a imaginar o que seria essa mesma viagem feita a pé, lá pelo século XVIII e só então compreende que Cuiabá é o marco mais arrojado do expansionismo político dos nossos colonizadores.

A conquista política dos portugueses

Fazendo uma comparação que estará coerente com o período turbulento que atravessamos, Cuiabá faz lembrar uma patrulha de vanguarda que, adiantando-se do grosso das tropas para explorar o terreno a conquistar, perdesse a sua ligação com elas, permanecendo no terreno inimigo, seccionada do seu pelotão e entregue aos seus próprios recursos. O grosso das tropas ficara às margens do Paraná.

Porque essa conquista verdadeiramente fantástica de penetração no Oeste, realizada pelo paulista e garantida pela visão política de Lisbôa — empresa essa mixta de aventura e cobiça — foi muito além das possibilidades e necessidades do Brasil. Realizou-se a conquista política de um milhão e meio de quilômetros quadrados, sem que fosse possível conquistá-los economicamente, o que só se consegue com estradas.

Mato Grosso permaneceu, então, como um país estranho à comunidade brasileira.

O gênio português, no auge de suas conquistas, no período glorioso de sua história, envidou preciosos esforços — enviando à terra nova de Santa Cruz cavalheiros de estirpe, lisboetas de tradição — para que, através de uma caminhada para o desconhecido Oeste, fossem de floresta em floresta, de montanha em montanha, assinalando com as armas de Portugal, a obra monumental de conquista da coroa portuguesa.

O enviado da Côrte, penetrando pelo sertão brasileiro, numa avançada que as gerações dinâmicas e frágeis de hoje não suportariam nem compreenderiam, lá se ia floresta a dentro, transpondo e vencendo obstáculos, sem que nada o auxiliasse nessa investida, nem mesmo a correnteza dos rios navegáveis. Estes corriam do sertão para o litoral e suas águas, no borborinho manso do seu deslize, pareciam dizer que a civilização se estagnaria nas fronteiras do Tieté, como que insinuando que se o homem pretendesse conquistar Mato Grosso, aproveitando como via de transporte correntes fluviais que para lá levassem, teria que permanecer nos limites do Tieté, o único rio que corre do litoral para o interior, capaz de servir aos bandeirantes.

Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, — gênio político e diplomata a quem devemos a posse de quasi todo o território matogrossense, estadista de larga visão, figura impar de nossa história — simbolisa a queda do marco de Tordesilhas, meridiano que convencionalmente separava o domínio português do espanhol, na América, estabelecendo que o Leste seria de Lisboa e o Oeste de Madrid. Coimbra, Corumbá, Cáceres, Casalvasco, Forte do Príncipe e Vila Bela são os marcos extremos do domínio português, que aquele político soube perpetuar.

O norte: Cuiabá

O grupo de habitantes que formou o primitivo Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá — portugueses, paulistas, negros e indígenas — arraigados ao sítio cuiabano pela cobiça do ouro, foram pouco a pouco, ali se estabelecendo, tornando-se agricultores e criadores, artífices e industriais, uma vez que privados dos recursos da metrópole que estava a mais de seis meses de viagem, estavam coagidos pela falta de recursos do local e entregues aos seus próprios empreendimentos.

Cuiabá foi se formando naturalmente, sem objetivos urbanísticos ou estéticos, sem outra finalidade senão a de abrigar seus moradores, já então numerosos. Por isso, sua conformação urba-

na, tipicamente natural, foi se amoldando às condições geográficas do local: suas ruas tortuosas e estreitas, suas casas mal alinhadas e mal dispostas acompanhavam — guiadas pela lei do menor esforço — as ondulações do terreno, espalhando-se pelos colos, contornando encostas, evitando sulcos. Assim, o aspecto urbano de Cuiabá, duzentos e vinte anos depois, em sua parte antiga, reflete a formação geográfica do terreno: a rua Galdino Pimentel, por exemplo — que o vulgo batizou com o nome de rua de Baixo — com sua continuadora, a rua Sete de Setembro, acompanha em sua tortuosidade, exatamente, a base da encosta sudoeste, do mórro da Caixa d'Água.

Não houve nessa distribuição urbana assimétrica, como muita gente supõe à primeira vista, falta de gosto ou de inteligência dos primeiros habitantes: apenas a reprodução de um fato consumado em geografia urbana, de que «a disposição das ruas nas cidades de formação natural, reflete a paisagem geográfica do local».

A construção das casas, feitas de grossas paredes de terra socada, a má disposição interna das peças, a construção grosseira das portas, janelas e telhados, significavam apenas o gênero de vida setecentista, caracterizada pela falta de gosto arquitetônico e pouco conhecimento higiênico dos homens da época o que se comprova aqui no Rio, observando a falta de arquitetura nas construções ainda existentes do século XVIII.

Assim, Cuiabá se formou — material e intelectualmente — nos moldes do progresso existente no século XVIII.

Sul e Norte: Duas épocas

A própria apresentação da natureza é diferente no Sul e no Norte de Mato Grosso. São duas regiões naturais distintas, que por si só criariam hábitos diferentes, se já diferentes não houvessem sido os meios pelos quais foram colonizadas.

O NORTE são florestas espessas, sôbre terras fertilíssimas e cerrados abertos, sôbre cascalhos auríferos. É a natureza pródiga.

O SUL são campinas vastas e planaltos que se juntam ao horizonte longinquo, onde outróra os Guaicurús corriam céleres em seus cavalos fogosos.

O que mais distingue, porém, essas duas regiões, é a época em que foram povoadas. São duas regiões distintas — no tempo e no espaço.

Cuiabá foi povoada com os recursos do século XVIII, conservando como suas vias de acesso, o caminho a pé através de Goiás e o caminho por água (posterior), através de Buenos Aires.

O lucro do ouro, porém, compensava tão inauditos esforços, tanto assim que Luiz de Albuquerque, chegando a Cuiabá em 1772 ou seja, apenas 52 anos depois de a terem feito arrai-al, foi ali encontrar uma população de cerca de 16.000 pessoas. E pelas crônicas dêsse tempo, nós podemos avaliar a relativa importancia da cidade, onde, festejando a chegada do novo Governador, «se fez representar teatros e óperas, tendo êle se hospedado em uma casa ricamente ornamentada».

Pouco a pouco, os homens foram perdendo o seu entusiasmo pelo ouro de Cuiabá, que lá jazia em meio do sertão deslocada e esquecida, paralizada pela falta de transporte.

Em 7 de Setembro de 1822, o Brasil se separava de Portugal. Menos Cuiabá, que enclausurada no centro da América do Sul, só a 22 de Janeiro do ano seguinte, quatro meses depois, tinha ciência de que não devia mais obrigações à Côrte de Lisboa...

E Cuiabá, vivendo com seus próprios recursos, ignorando o que se passava no mundo, ficou sendo uma reminiscência do século XVIII, apresentando no seu gênero de vida — na psicologia de seu povo, na formação social de suas famílias, no comportamento austero de sua gente, na educação severa de seus filhos e até no sotaque próprio de suas expressões, características de uma época que se foi, ali conservadas pela falta de intercambio que não houve com nenhum centro civilizado, durante um longo período de anos. Sómente de 30 anos para cá, passou Cuiabá novamente a evoluir.

Campo Grande, que representa o Sul, tem sua origem em outra época, foi impulsionada por outras fôrças e povoada por novas idéias. Ela veio depois da estrada de ferro, tendo sempre a seu lado os trilhos de aço que, em três dias, a punham em contacto com S. Paulo. Com estradas, pôde ela ser colonizada e explorada, enfim ser objeto de conquista econômica realizada pela Noroeste, que assim dilatava do Paraná para Pôrto Esperança as fronteiras econômicas do Brasil.

Os forasteiros afluíram em massa, formando-se logo uma cidade nos moldes do progresso existente no século XX. As ruas amplas — porque assim permitia o vasto planalto de Maracajú, as casas de tijolos, o transito dos primeiros veículos a motor, a proximidade da fronteira do Paraguai, a invasão de foragidos vindos de S. Paulo, a afluencia ao Brasil de europeus que fugiam da conflagração de 1914, a introdução das máquinas nas layouras, o crescimento industrial de S. Paulo, tudo isso, enfim, concorreu nessa colonização do Sul, a região século XX de Mato Grosso.

Ao Norte, Cuiabá continuava sem estradas.

Cuiabá lembra o passado. Campo Grande esboça o futuro.

O antagonismo do Sul

Esse antagonismo de sentimentos que, há muito, existe em Mato Grosso entre o Sul e o Norte, não tem pois, como vimos, sua causa na vaidade de uma região ou ressentimento de outra. Determina-o, explicando, a diferença de gênero de vida de uma para outra região, que se diferem como dois irmãos de idades bem diferentes, educados — o mais velho no interior, o mais moço na Metrópole.

Cuiabá é um produto evoluído do século XVIII, através de uma evolução lenta, sem cruzamento de novas raças, sem interferência do fator econômico; evolução essa operada com suas próprias forças. Seus costumes e sua gente são heranças de uma época vivida que perduram pela hereditariedade. O gosto pela leitura, pela música, pelo teatro, enfim, pelas artes, lembra costumes antigos — quando famílias se reuniam frequentemente em sessões lítero-musicais.

Campo Grande nasceu com as agitações deste século. Cresceu sob o silvo da locomotiva. Não tem passado donde herdar costumes: ela os cria de acôrdo com a época. Sua gente é nova e tem o entusiasmo dos centros dinâmicos, é oriunda de plagas e raças diferentes, cruzando-se para representar tipos novos.

Campo Grande é toda século vinte.

O Norte e o Sul de Mato Grosso, com suas cidades representativas — Cuiabá e Campo Grande, faz-me lembrar (guardadas as devidas proporções) Londres e Nova Iorque: na primeira, cultura, tradição, respeito, calma e silêncio; na segunda, prática, novidade, modernismo, agitação e barulho. A primeira é clássica. A segunda é moderna.

Conclusões

Vimos, ainda que em esboço panorâmico, a diferença sociológica criada numa unidade política pela desigualdade de modo, época e objetivo com que foi colonizada. Tal fato é raro em nossa história, porque nossa colonização foi feita, de um modo geral, do litoral para o interior.

O Norte e o Sul de Mato Grosso constituem duas épocas diversas de nossa evolução, apresentando duas mentalidades diferentes, espelhando cada uma dois estádios econômico-sociais da história do Brasil.

A vida noturna, o movimento nos bares, o cosmopolitismo

da vida urbana, o grande número de viajantes, os novos hábitos, os clubes e cassinos, os roubos e assassinatos, enfim, essa série de fatos que denotam movimento e desenvolvimento duma cidade, — contrastam com a vida calma e sedentária do norte, sem estrangeiros, sem gente forasteira, sem crimes e sem ladrões, com pequena vida noturna, onde a posição social é sempre respeitada, onde os hábitos são metódicos e caseiros, onde a obediência ainda é cultivada, onde as boas leituras e a música são distrações preferidas e onde a hospitalidade faz parte do catecismo de todos.

Mas, de alguns anos a esta parte, o progresso voltou novamente a Cuiabá, auxiliado principalmente pela navegação aérea; atualmente a capital de Mato Grosso apresenta o aspecto feliz duma cidade moderna, onde rua, automovel, prédio, hotel, cinema, clube e esporte acompanham o desenvolvimento das grandes metrópoles.

Contudo, as estradas continuam pedindo as atenções do Govêrno, sendo êsse o único problema do Norte do Estado.

Extraído do nº 7 da revista "Cultura Política".



ROSA-MARIA

Lamartine Mendes Junior

Dedicado aos jovens acadêmicos
Heládio de Toledo Abreu
e
Ruí de Monteiro Camargo

Conheci muito longe d'aqui um caboclo sisudo, trabalhador, forte como um touro e astuto como uma sussuarana, Bastião. Parecia viver feliz, mas não sei, tudo me contava que o caboclo sofria e sofria muito: tinha a face sulcada pelas lágrimas, os lábios descoloridos como uma pétala murcha e o olhar sem brilho, morto, cansado de chorar.

Numa manhã, bem cedo, selei o meu pangaré e dirigi-me para o cafezal. A natureza parecia estar em festa: o sol dourava a campina. As açucenas à beira da estrada pareciam donzelas catitas à espera de uma contradansa, morenas, perfumadas, elegantes; as andorinhas galantes, em traje de gala, faziam voltas graciosas à conquista de suas damas.

Além, um galo-da-serra, como um arauto engalardoado, com sua roupagem imponente, fazia trinar o seu clarim, anunciando a minha chegada. Foi nessa aquarela imensa, que encontrei Bastião sentado num cupim à beira da estrada.

— Bons dias, Bastião, tomando a fresca da manhã?

— É... distraído...

Deixando o "Moreno" amarrado a um pé de guarantã, fui postar-me ao lado do caboclo distraído.

— Bastião, o que aconteceu? Você anda tão triste, já nem vem ver a gente na cidade...

— Pois é, seu moço, já não tenho lá o que ver!...

Acendi um cigarro e continuei:

— Olha Bastião, vou lhe contar um história:

« Era uma vez — como sempre — um moço e uma moça. Os dois se gostavam. Viviam felizes, até que um dia a moça desapareceu. O rapaz ficou

acabrunhado, já não comia, fazia versos dia e noite. Não passou muito tempo e outra moça apareceu, como nas noites tenebrosas surge, rabiscando o céu, o raio em gisadas de ouro, na vida do rapaz. Ele acabou por esquecer a outra ».

— É isso mesmo, Bastião, nada melhor do que uma mulher para se esquecer outra! Bem, esta é a minha história. Vamos agora à sua.

— Não vale a pena, o sól já 'sta alto, 'sta queimando...

— Não tem importância, vamos!...

— « Eu vivia contente e feliz, naquela chopana, ali — e apontou para um casebre que de casa só tinha o esqueleto — de manhã dava de comer à porcada, tratava dos animais; de meio-dia para tarde, passava roçando, transplantava um pé de milho, capinava, e quando a saracura cantava no cerrado deixava o trabalho, voltava, comia o meu virado, milho cozido, e ia ficar sentado, como um sapo-boi, na soleira da porta, ouvindo a canção do chiar dos grilos melancólicos, à cadência do coaxar da saparia no brejo. Fumava e sonhava. Tudo para mim era felicidade!... »

Numa tarde de abril, em que o céu era uma imensa concha azul-violeta e as seriemas gritavam no pasto — enquanto Bastião assim falava, eu notei que o seu olhar começava a tomar novo brilho: estava despertando do longo letargo, su'alma sonhadora de caboclo apaixonado. Bastião nascera no mato, mas fizera o curso primário no colégio dos Padres, na vila do outro lado do rio. Aprendera com eles, nas horas vagas, um pouco da arte de rimar, e ainda hoje, nas suas horas de lazer entregava-se a divagações poéticas — eu vi envolta numa nuvem de ouro, um linda mulher. Era a Rosa-Maria, filha do carreador Serapião, que vivia lá na baixada da cidade. Rosa-Maria era bonita: cabelos negros trançados, olhos quentes e risonhos, o rosto de um oval perfeito como um rubi engastado, lábio sensual, pernas bem torneadas, coxas roliças como espique de palmeira, ancas bem-feitas, "cinturinha de vespa" encimada por dois pomos que lhe saltavam atraentes do busto, vivos, bem vivos, delicados, palpitanes! Ela passou elegante e faceira como a garça do banhado. Aí! seu moço, quando me lembro dela — estremeceu — nem é bom dizer... sinto qualquer coisa quente que corre no meu corpo!...

Pois é, eu só fui vê Rosa-Maria outra vez, na casa do coronel Teotônio, numa festa de São João. Ela estava lá toda bonita, de azul, parecia um pedaço do céu na terra, com aquele mesmo olhar provocante. Tanto fiz, tanto mexi, que afinal consegui com ela dansar uma mazurca. Terminamos de dansar quando as sanfonas pararam, e fomos nos sentar ao pé duma fogueira. Fogos estralavam aqui e acolá. E lá — suspirou — nós dois juntinhos trocamos juras de amor: eu haveria de ser todo dela, ela toda minha, por toda a vida!

Como seríamos felizes!...

P'ra contar a verdade, seu moço, eu fiquei inchado como um balão que subia, subia e de repente queimou — Bastião parou para acender o cigarro que se apagara, e retornou a falar: — E como ele os meus sonhos haviam de terminar: cinzas... Só cinzas... Cinzas de amor! De um amor que nunca floresceu!...

Bastião olhou longe, no horizonte onde queimava forte o sol, e falou com a voz quasi que sumida, perdida, sem força, na garganta:

« Muitos São Joãos se passaram! »

Continuei a ser o mesmo caboclo, um caboclo cheio dessa saudade que só morre quando a gente morre. Mas... Rosa-Maria mudou bastante, só falava em ir estudar na cidade.

Quando se despetalou no roseiral a flôr derradeira, — aí Rosa-Maria me deu o primeiro, último e saudoso beijo — Rosa-Maria fugiu para a cidade. E assim na primavera que se despediu ela se foi... deixando saudades! . . .

A primavera vai mas volta seu moço, Rosa-Maria há de voltar, também!
Passaram-se muitos anos. >

— Nunca mais você a viu? perguntei-lhe.

— Espere. Ainda não acabei.

Bastião enrolou outro cigarro :

— « Certa manhã acordei com o peito opresso, sentindo que algo havia de anormal. Saí. O céu estava negro. Vai chover muito, pensei. Recolhi os animais e esperei. O dia todo passou debaixo daquela atmosfera pesada. Na mata tudo era silêncio, só no curral o gado mugia. Ficou noite. Lá fóra, com violência extrema, se desencadeava o temporal. O raio inclemente retalhava o céu negro. O vento êbrio em correria louca entre o arvoredo, tomado de fúria insana, ameaçava levar o meu rancho. Ventava forte !!

Eu, trânsido de medo e de frio, ao pé-do-fogo que bruxoleava, fazendo dansar nas paredes encharcadas do pouso, figuras macabras, pensava naquela desalmada, que só Deus sabia por onde andava.

Eu sentia um mal estar, um aperto no coração, que me parecia avisar que alguma cousa estava p'ra acontecer. De fato, através do estrondar rouco do trovão, eu escutei. . . >

Bastião ficou fitando a mata.

— O que foi? perguntei.

Êle pôs o dedo na boca em sinal de silêncio e cochichou :

— Esse acuã que martelou, há um mês que o estou perseguindo. Ele está lá no grotão chamando a companheira. Não faz mal, qualquer dia dêtes eu pégo o bicho.

« Como ia dizendo, ouvi passos na estrada. Quem será? pensei, a esta hora?! . . . Bateram. Fui vêr quem era e quasi morri de alegria e susto a um tempo. Imagine seu moço, era a bolicosa morena Rosa-Maria. Mas estava tão mudada! Só o seu olhar provocante permaneceu. Tomei-a pela mão e a fiz sentar ao pé-do-fogo, como outrora, em volta da fogueira de São João. Mudos, um ao lado do outro, passamos horas! . . . Foi ela quem quebrou o silêncio.

— « Sebastião — já não me chamava de Bastião — sentiu saudades minhas? » . . .

Eu, tremendo de emoção, quis responder mas não pude: chorava.

Bastião levantou-se, mudou de posição, tomou fôlego e soltando uma longa baforada de fumo, continuou: — . . . O temporal cessara. Fomos então para o jardim p'ra tomarmos o ar fresco, perfumado da alvorada. O sol com seus primeiros clarões veio dar um novo brilho ao seu olhar.

— « Sebastião, — foi ela que de novo rompeu o silêncio: estou aqui de passagem e venho convidá-lo para meu casamento. »

Eu cambaleei como si tivesse sido apunhalado pelas costas. Quis esconder a minha dôr mas não pude.

— Casar? pergunta que eu queria macia, explodiu sem que pudesse abafar.

— « Sim, Sebastião, é agora no dia 18. »

Saiu correndo e sumiu-se por entre o milharal.

Eu fiquei sosinho, triste, como um caboré que perdeu a companheira. N'aquela noite o vento ululou forte na fronde dos jequitibás. Agourenta coruja cantou bem perto.

Quasi morri de saudade de Rosa-Maria. Pensei em tudo para desfazer

o casório. Pensei em ir à igreja e matá-la com o noivo. Pensei em fugir para sempre e nunca mais voltar.

Tudo em vão!

Como seria depois eu sem ela no mundo, como? Eu queria vê-la feliz, como poderia pensar agora em matá-la? Não, não a mataria! Ela seria ainda minha algum dia! Minha para sempre!!»

Bastião calou-se e abaixou os olhos.

— Bom, Bastião, já é noite e eu vou andando.

— Não, agora o moço fica para jantar comigo. Eu matei um veado hoje cedo, e guardei um quarto para o jantar. Venha, depois eu termino a minha história.

Concordei e fomos. Levei o meu cavalo para o curral e entrei. A casa era simples. Uma mesa, um par de cadeiras e um armário velho.

Jantámos em silêncio. Terminado o jantar sentamo-nos na soleira da porta. Fazia luar. O céu parecia o pelame da "pintada", estrelado de fogo. Fumámos. Bastião ainda enrolando o seu picadão continuou a narrativa:

« Muito tempo depois, já casada, Rosa-Maria voltou. Veio morar logo ali na curva do caminho, numa casa pequena que mais parecia um ninho de João-de-Barro. Eu pouco a via. Ela raramente saía de casa. João, seu marido, vivia sempre muito adoentado. Mas quantas vezes, às escondidas, eu não a afaguei e beijei.

Assim correram mais uns meses.

U'a manhã eu vi os urubús rodeando a casa de Rosa-Maria. Mau sinal, pensei, mas não liguei.

Quando à tardinha voltava do roçado, notei que de fato havia algo de anormal na casa de João. Rosa-Maria, andando de cá p'ra lá apressada. Serapião, seu pai, chegou às carreiras. De mansinho me aproximei e perguntei a Mariazinha, filhinha de Rosa-Maria, o que se passava em casa. Ela entre soluços contou que seu pai estava muito mal.

Fugi para casa como um louco. Cheguei esfalfado e caí de joelhos pedindo ao Redentor que me levasse, mas poupasse João, para a felicidade de Rosa-Maria.

Na tarde seguinte João morreu.

Fui ao entêrro. Rosa-Maria estava toda de preto, rosto macerado pelo sofrimento, triste como a juriti ao cair da tarde à beira da estrada, à espera do companheiro.

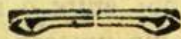
Aquele quadro triste me pungiu o coração. Fugi para longe. Semanas depois soube, cheio de triteza, que Rosa-Maria fôra se juntar ao seu querido João.

E eu fiquei com uma grande mágua no coração!...

Bastião suspirou longamente — aqui esta a minha história seu moço, que só terminará no dia em que eu me juntar a êles.»

Lágrimas correram pela face de Bastião.

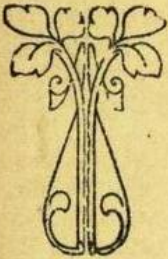
Pesaroso por ter feito sangrar a chaga que abrigava aquele coração rude, deixei a casa de Bastião e até hoje tenho presente aqueles olhos tristes chorando uma saudade que vive dentro de uma esperança, no fundo do coração de um caboclo apaixonado.




Primavera eterna

À saudosa memória
de João Hamilton

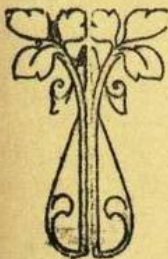
WANIR DELFINO CESAR




A quadra mais gentil, a flor da vida,
Em que sonha a sorrir o coração,
E' efêmera e fenece apenas vão
As ilusões tornando-a mais querida.



Após, o desengano entristecida
Nos faz sempre a existência e dá-lhe então
O remorso fatal, si acaso não
Foi justa e nobre esta primeira lida.



Entretanto, sorriu-te, amiga, a sorte,
Saudoso João, pois cedo já troféu
Te ornava a fronte de soldado forte;



E ao ver tua alma isenta de labéu,
Dar-te quis Deus na prematura morte,
A juventude eterna lá no céu!

Rubens de Mendonça
(Do Instituto Histórico de Mato-Grosso)

POETAS BORÓROS

*Outros fariam ou farão me-
lhor, eu fiz o que pude.*

Castilho, tradução do Fausto.

Meu caro Rubinho:

Acabo de ler, com satisfação e conforto, a sua antologia de poetas matogrossenses, sob o título "Poetas borróos", que você teve a gentileza de me dar a conhecer em primeira mão.

Como tentamen inicial no genero, acho que merece os mais francos e calorosos aplausos. Há muito me preocupa a falta de uma coletânea de trabalhos dos nossos escritores, e cheguei mesmo a planêar uma compilação dessas, sob a orientação e patrocínio da Academia Matogrossense.

As circunstâncias do momento me não permitiram, ainda, a objetivação desse desiderato, que você, agora, leva a efeito, num empreendimento digno de encômios.

Meus parabens. A "ala moça" vai destarte se afirmando, num propósito de labor conciente e tenaz, a prol da divulgação da nossa Cultura.

Os poetas da nossa terra, desde o seu antepassado, José Zeferino Monteiro de Mendonça—ó a força da ancestralidade, como é poderosa!— até os da novíssima geração, aí estão representados nos seus vários e curiosos matizes, nas manifestações mais típicas do seu estro.

Já pôde, assim, Mato-Grosso gloriar-se de um belo e multiforme parque poético, para usar linguagem de hoje, no qual figuram, em escolhidos specimens, arvores frondosas e mimosos arbustos de seus cerrados.

Poetas-bororos dará, lá fóra, a impressão da vis poetica de nossa gente, pondo de manifesto, mais uma vez, aquêl "sentido" que procurei frisar nas nossas letras—«confinadas entre esses dois limites, arrastadas por esses pendores que ora as levam aos surtos heroicos dum Passado cheio de lances de glória e de bravura, ora as mergulham na tristesa das solidões sertanejas, mas sempre criando, no sortilégio eterno da Poesia, no prodígio divino da Arte, visões de encanto e de beleza, inspiradas por um alto senso humano, mas, tocadas sempre de verdadeira, pura e sã brasilidade.» Claro que, primeiro tentamen no gênero, o seu trabalho deve ter falhas, nem pôde ser obra completa e perfeita. Mas revela já meritório esforço, bom gosto apurado, e, sobretudo, esse alto e nobre desejo de bem servir a nossa terra, divulgando-lhe as belas coisas do pensamento, em meio e em época tão inadequados a tais elocubrações.

Meus parabens, e continue, é o que me cabe dizer-lhe, em lhe agradecendo a confiança deste paraninfado, num abraço cordial e amigo do

seu confrade obrmo.

José de Mesquita.

Dezembro, 1941.

José Zeferino Monteiro de Mendonça

Nascido em Portugal em 1740 aproximadamente. Professor regio de Latim. Foi o primeiro poeta de Mato-Grosso, conforme se vê nas Crônicas de Cuiabá. Escreveu várias poesias.

Registramo-lo neste soneto embora imperfeito, unicamente pelo seu valôr histórico. O poeta possuia mais nome do que versos.

Soneto

Vosso nome será sempre lembrado
enquanto em Cuiabá houver viventes,
passando de umas gentes a outras gentes
a fama do varão o mais honrado.

No fôro tendes vós perpetuado
instruções sábias, justas e prudentes;
e nos pleitos deixais todos contentes.
Pois sabem que só a bem sois inclinado.

Os que da letra tem conhecimentos
sem faltar a verdade bem dirão
que deixais aos vindouros documentos;

Os mais todos, senhor, confessarão
que a justiça encontrou em vós assento
e as ciencias acharão seu Platão.

Antonio Gonçalves de Carvalho

Nascido a 31 de Agosto de 1844. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Faleceu como Membro do Supremo Tribunal Federal. Poeta e Jornalista. Usava os pseudónimos *A. Bueno e Mericano*. Publicou—"Estrada de Ferro para Mato-Grosso e Bolívia",

Flôr de Neve

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr, gerada
Da fria viração ao tenue sopro,
Á luz da lua, aos beijos d'uma fada.

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr, mais bela
Que brilhando na etérea imensidade —
Fanal de amor, — adamantina estrela.

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr tão pura!
Ah teriam em ti achado os homens
O sinb'lo da mais candida ventura!

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr bendita...
Causarias ciume aos próprios lírios
Que dos jardins do céu a brisa agita.

Se a neve fosse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr querida,
No meio dos invernos — primavera,
Sobre o gelado chão — ardor da vida!

Melhor que a flôr da neve, és tu, formosa,
Alvo anjinho do céu baixado ao mundo
Para servir de tipo de beleza
E os preitos receber de amor profundo!

José Tomás de Almeida Serra

Nasceu em Cuiabá a 7 de Março de 1866 e faleceu em 30 de Março de 1889. Foi um verdadeiro *corifeu* do romantismo em nossa terra. E' patrono da cadeira nº 16 da Academia Matogrossense de Letras.

Canto de amor

Amo a nuvem côr de opala
 Que á luz da aurora se embala
 Do céu na eburnea amplidão;
 Amo a estrela fugitiva
 Que rutila em noite estiva
 Nos seios da escuridão.

Amo a rosa purpurina
 Que desabre na campina
 Ao frio sopro da brisa;
 Amo o arroio transparente
 Que sobre o tapiz virente
 Das longas veigas — deslisa.

Amo o iris cambiante
 Que deixa no espaço errante
 Do sol o raio final.
 Amo a tímida rolinha
 Que geme triste á tardinha
 No umbroso asilo do val.

Amo a branda sensitiva
 Que estremecendo se esquiva
 Aos beijos da guanamby,
 Amo as canções ternas, mestas,
 Do sabiá das florestas
 Nas moitas de burity.

Amo a palmeira frondosa
Que eleva a côma mimosa
No seio da solidão;
Amo a gentil andorinha
Que acende, célere, asinha,
Do ether a vastidão.

Amo a tarde que esmorece
Quanto a trega noite desce
Desenrolando seu véo;
Amo a luz da tibia lua
Que diafana flutua
Na nivea gaze do céu.

Mais que a nuvem, mais que a estrela,
Mais que a rosa pulchra e bela,
Mais que a linfa, iris, rolinha,
Que a sensitiva, que os cantos
Do sabiá, que os encantos
Da lua e luz que definha,

Amo o angelico sorriso
Que paira incerto e indeciso
De uns labios na rosea flôr...
Amo o olhar languoroso
E o arfar voluptuoso
De um seio em lubrico ardor...

E que êsse doce sorriso
Me desvenda um paraíso
— Aurora de luz mais pura...
E nêsse olhar, nêsse aneio,
O primeiro canto leio
De um poêma de ventura...

Amancio Pulcherio de França

Nascido em Cuiabá. E faleceu na cidade de Corumbá a 8 de Março de 1881. Comerciante, advogado, poeta e jornalista, colaborou em vários jornais e revistas, usando o pseudônimo de Palmiro. Amancio Pulcherio de França é patrono na Academia Matogrossense de Letras da cadeira nº 12, ocupada pelo poeta José Raul Vilá.

Outrora e Hoje

Meu Deus, que gêlo, que frieza aquela !

C. de Abreu

Meu Deus, que gêlo, que frieza aquela,
Que indiferença nos olhares seus
Vejo outra nuvem no horizonte de hoje,
Negra coberta nos azues dos céus!

Tivera flôres meu jardim de outrora,
Tivera rosas de perfume eterno,
Mas hoje as flôres sem aroma, secas,
Parecem flôres do jardim do averno.

A primavera de meus dias, linda,
Sorria leda para o céu de anil,
E o céu faceiro desdobrando — os mantos,
Já teve as galas nas manhãs de Abril.

Hoje os cantos que tivera outrora
São tristes cr'oas de crueis martirios ;
Fôra ditoso, já gozára crente
Vivo perfume dos mais alvos lirios !

Sonhára encantos, deleitosos dias,
Mago castelo de ouropel sonhado;
Feliz eu fôra — mas o manto espêssô
Cobriu a tela desse meu passado.

Pedro Trouy

Nascido em S. Luiz de Cáceres a 6 de Junho de 1872. Faleceu em 1926, em S. Antonio do Rio Abaixo. Poeta e jornalista. Foi Promotor Público de S. Antonio e Deputado Estadual em várias legislações. É patrono na A. M. L., da cadeira nº 26, ocupada pelo poeta Luiz Feitosa Rodrigues.

Outrora

Da primavera ao sol, que além se erguia,
Como uma hostia de luz em pleno espaço,
Nós nos amamos... Que profundo laço
Nossas almas em flôr então unia!

Teu labio tinha auroras de alegria,
Rosas tinha o vergel, e no terraço
Trilavam passarinhos... Como, escasso,
Fugindo, pouco a pouco o tempo ia!

O cismar de tua alma imaculada
Me deste numa noite constelada,
Quando os astros erravam na amplidão...

Efemera ilusão das idas éras!
Teu amôr, como a luz das primaveras,
Feneceu, quando veiu outra estação!

Frederico Augusto Prado d'Oliveira

Nascido em Cuiabá a 22 de Janeiro de 1874 e faleceu a 29 de Agosto de 1911. Poeta e jornalista. Foi Diretor da Imprensa Oficial. Deixou um volume de versos satíricos, inedito. Usava o pseudônimo de — *Zé Capilé*. É patrono da cadeira n.º 7 da Academia Matogrossense de Letras, ocupada hoje pelo desembargador Amarílio Novis.

Pensando em ti

Quando me lembro que por um instante
ocupeis teu ingenuo pensamento,
e traindo talvez teu sentimento,
fiz corar teu angélico semblante:

quando penso que num feliz momento
logrei prender o teu olhar brilhante,
e que por mim pulsou teu inconstante
coração juvenil, de amor isento;

quando, enfim, na expansão mais delicada
de terna confiança apaixonada,
das promessas que ouvi, me lembro ainda,

sinto na alma nascer toda a alegria,
do meu peito fugir a nostalgia
da vida presa de amargura infinda.

Antonio Tolentino de Almeida

Poeta e jornalista. Foi promotor público do município de S. Antonio do Rio Abaixo. Nascido em Rosario Oeste a 24 de Janeiro de 1876 e faleceu no município de S. Antonio no dia 24 de Janeiro de 1938, precisamente no dia em que completava os seus 62 anos. "O Poeta da Ilusão" cognominou-o Ulisses Cuiabano. Tolentino de Almeida mereceu uma louvavel crítica do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Bibliog. — Ilusões Doiradas, 1910 — A India Rosa, Retirada da Laguna, 1930 — Remeiros da Ideal, 1937. Tolentino foi o bardo mais espontaneo de Mato-Grosso, suas poesias possuem simplicidade e harmonia como as de Cassimiro de Abreu.

Cor Lapidis

Si a magoa que me fere, assim sonhada,
Um termo não tivesse, p'ra cura-la,
Bastava apenas escutar-te a fala,
Si não falasses... ver-te, embora muda:

Pensava assim. Mas, entretanto cala
A mesma dôr no coração agudo;
O teu sorriso o meu sofrer não muda,
O teu desdem sómente me apunhala.

Devo adorar-te? Devo ser cativo?
Hei de por ti morrer si não me queres,
Sacrificando o coração altivo?

Olha, senhora, o nosso amor não medra;
Julguei-te um dia a deusa das mulheres,
Porque não vi teu coração de pedra!

Leonidas Antéro de Matos

Poeta, orador e político de valimento. Nasceu em Cuiabá, a 28 de Fevereiro de 1894. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio Grande do Sul, foi advogado naquele Estado onde trabalhou com o Dr. Getúlio Vargas, actual Chefe da Nação. Foi Interventor do Estado de Mato-Grosso. Não publicou nenhum livro. Seus versos possuem a harmonia de Antonio Nobre e lembram o pessimismo sombrio de Álvares de Azevedo. Pertenceu à Academia Matogrossense de Letras, onde ocupava a cadeira patrocinada por Barbosa de Sá e é patrono da cadeira nº 2 do Grêmio Literário "Álvares de Azevedo". Falecido a 8 de Abril de 1936 no Rio de Janeiro. Está sepultado no cemitério de S. João Batista.

Falando à Pena

Velha pena, que a magoa me minora,
Companheira nas horas de agonia,
Inda uma vez, em languida poesia,
Vem traduzir o meu sofrer, agora.

Tenho no Peito a Dôr. A treva mora
Em minh'alma. Jamais a luz do dia
Pode clarear a escura noite fria,
Que o coração me veste, e me devora.

Pena querida, treme entre os meus dedos,
E penetra do berço nos segredos,
Triste, queixosa, tremula, com calma,

Vai traduzindo a minha dôr, conquanto
Cada poesia fale do meu pranto
E fale cada estrofe de minh'alma.

Franklín Cassiano da Silva

Nasceu na cidade de Corumbá (Mato-Grosso), a 1º de Maio de 1891. Foi professor da Escola Normal "Pedro Celestino" nesta Capital e Diretor da Instrução Pública do Estado. Faleceu a 9 de Junho de 1940. Pertenceu à Academia Matogrossense de Letras, onde ocupava a cadeira nº 21, patrocinada pelo jornalista Ramiro de Carvalho. Publicou "Subsídios para o estudo de dialectologia em Mato-Grosso" -- 1921, Calhão & Filho, — contendo 16 páginas, além de muitos versos esparsos; colaborou em vários jornais e revistas do Estado. Sua poesia é espontânea e possui um mixto de romantismo e simbolismo. Usava os pseudônimos — Amilcar Santos, Aluízio Dinarte, Herodes de Souza.

Estado d'Alma

Hoje o dia está triste e o céu nublado.
Vejo em tudo uma lágrima escondida...
Há pelo ar um dobre de finado
E o tédio a bocejar sinto na vida.

Todo o meu ser se estorce contristado
Numa agonia imensa e dolorida...
Sinto um grande desejo incontentado
De uma beleza vaga e indefinida!...

No desejo de um bem, ansiosa e presa,
A receber os beijos da saudade,
Fica minh'alma enregelada e fria!...

E é tanta a dôr que êste meu peito invade
Que nem sei si é do dia essa tristeza
Ou si é minh'alma que entristece o dia!...

D. Francisco de Aquino Corrêa

Membro da Academia Brasileira, brilhante poeta e admirável orador. Nasceu em Cuiabá a 2 de Abril de 1885. É atualmente Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, Presidente de honra da Academia Matogrossense e Presidente efetivo do Instituto Histórico de Mato-Grosso. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e em Filosofia pela de S. Tomás de Aquino, de Roma. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi criticado como orador, pelo acadêmico Rodrigo Otávio que escreveu a seu respeito estas linhas honrosas que transcrevemos: « Dominado ainda pela emoção que me trouxe a leitura de sua oração à velha bandeira de Mariana, não me furto ao ímpeto irresistível de escrever-lhe estas simples linhas portadoras dos meus agradecimentos. Não tenho memória de páginas mais belas na língua de Vieira e Rui. » Como poeta disse Afonso Celso a seu respeito « Em suma: Terra Natal e outras composições de D. Aquino Corrêa, provam que ele pertence à família espiritual dos Bossuet, Fenelon, S. Francisco de Sales e Cardeal Mercier, simultaneamente grandes antístites e exímios homens de letras ». Bibliog. — Odes (Psalmódias, Melodias e Rapsodias), 1917; Terra Natal, 1922; Flôr d'Aleluia, 1926. Oratória:— Discursos, 1927; D. Bosco e a Democracia; Os Concursos de Beleza; Um Patriarca; O Brasil Novo; De mãos dadas sob a cruz de estrelas. Memórias—A fronteira Mato-Grosso Gojás, 1919; O Brasil em Genebra, 1938. Ensaio:—A primeira flôr (estudo sobre o seu patrono na Academia Matogrossense, P. José Manoel de Siqueira) 1925; Castro Alves e os Moços, 1933; Uma flôr do Clero Cuiabano, 1933. Ocupa na Academia Matogrossense de Letras a cadeira nº 14, da qual é patrono o padre José Manoel de Siqueira. D. Aquino é considerado o príncipe dos poetas matogrossenses.

Erva de Tapera

Nas tapersas em flôr da minha terra,
 Não crescem folhas de heras peregrinas,
 Mas uma erva aromal, que ao sol descerra
 As suas roxas flôres pequeninas.

O viajor que por matas e campinas,
 Corta o imenso sertão, do vale à serra,

Ama essas melancólicas ruínas,

Onde o fantasma das saudades erra.

Pára. E eis que andando a sós, absortamente,

Por entre o verde mato emaranhado,

Sente se de surpresa, num ambiente

Tão doce, tão sutil, tão perfumado,

Qual si ali o envolvera, de repente,

Todo o aroma infinito do passado.

Dissimulatio

Silencio e calma. O crepusculo desce
sobre a paisagem ténica e silente.
O vale, entre altos montes, esmaece
no violeta pallido do poente.

José de Mesquita

Nasceu em Cuiabá a 10 de Março de 1892. Poeta, Jornalista, Ensaista, Romancista e Conteur. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Presidente da Academia Matogrossense de Letras. Desembargador do Tribunal de Apelação do Estado de Mato-Grosso, do qual exerceu a presidência por onze anos. E' Comendador da ordem de S. Silvestre, honra que lhe foi conferida por sua S.S. o papa Pio XI. Colaborou em quasi todos os jornais e revistas do Estado. Bibliog.— Poesias, Cuiabá, 1919. Elogio histórico do Dr. Antonio Corrêa, 1921. O Catolicismo e a Mulher, Cuiabá, 1926. Elogio fúnebre do general Caetano Manoel de Faria Albuquerque, Cuiabá, 1926. Terra do Berço (poesias), Cuiabá, 1927. A Cavahada (contos matogrossenses), Cuiabá, 1928. Um paladino do Nacionalismo, (elogio de Couto Magalhães), Cuiabá, 1929. Semeadoras do futuro (discurso paraninfal), Cuiabá, 1930. Da Epopéia matogrossense (poesias) Cuiabá, 1930. O Taumatugo do sertão (biografia de frei José Maria Macerata) Niteroi, 1931. Atentado contra a Justiça (tese de direito) Cuiabá, 1932. Espelho de almas (contos) premiado pela Academia Brasileira de Letras, Rio, 1932. João Poupino Caldas (ensaio biográfico), Cuiabá, 1934. O Sentido da literatura matogrossense, Cuiabá, 1937. Pela boa causa (conferencias), Niteroi, 1936. Piedade (romance) Cuiabá, 1937. Relatório da Administração da Justiça, Cuiabá, 1937. Manoel Alves Ribeiro (biografia) Cuiabá, 1938. O sentido de brasilidade na história de Mato-Grosso, Cuiabá, 1939. De Livia a Dona Carmo (As mulheres na obra de Machado de Assis) ensaio — Cuiabá, 1939. Professoras novas para um mundo novo (discurso paraninfal Campo Grande) Cuiabá, 1940. A Chapada cuiabana (tese ao IX congresso de geografia) Cuiabá, 1940. Nos Jardins de S. João Bosco (discursos e conferencias) S. Paulo, 1941. O Exercito, fator de brasilidade (discurso) Rio, 1941. Tem usado os pseudônimos: Leonel e Altino de Lima, Helio Maia, Marciano, Louzada Junior, Gil, João Cuiabense, Jota de Eme, Aurélio Marco, etc, no jornal "A Cruz". Ocupa na Academia Matogrossense de Letras a cadeira nº 4, da qual é patrono o Brigadeiro Couto de Magalhães. José de Mesquita, pela perfeição dos seus versos, podemos afirmar: — é um grande poeta parnasiano.

Diamantino

Silêncio e calma. O crepúsculo desce
sobre a paisagem tétrica e silente.
O vale, entre altos morros, esmaece
no violeta pálido do poente.

Das velhas lavras ergue-se uma prece.
A alma de uma outra idade erra no ambiente.
E o velho Ribeirão de Ouro emudece
entre as lages seu pranto alto e dolente.

Silêncio e calma. Um doce misticismo
a alma nos unge de poesia agora...
E quando em teu passado altivo cismo,

sinto que êste contraste em mim se aviva:
rica vila, suntuosa e bela, outrora,
hoje és triste cidade evocativa....

Otávio da Cunha Cavalcanti

Nasceu em Goiana, Estado de Pernambuco a 18 de Maio de 1884. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife. Atualmente desembargador pelo Estado de Mato-Grosso. É membro da Oficina Literária Martins Junior e da Academia Matogrossense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 18, patrocinada por Manoel Esperidião. É um dos grandes poetas brasileiros, cujos versos podem sem favor ser comparados aos de Bilac ou de Emilio de Menezes. O soneto que vamos transcrever é uma joia da poesia nacional.

A Esperança

Verdes-mares beijando a aza-branca do sonho
Que vai na rota azul de uma enseada bendita!...
Os destertos suavisa... Ao carcere medonho
Desce... e a alma eleva Deus para a crença infinita!

A Esperança... (É a patena onde o afeto deponho)
O ermo povôa... a dor aplaca... o céu limita...
É a benção que alivia o martirio tristonho...
O lampêjo da fé que a pátria resuscita!...

A agua-santa que lava a côr negra das pragas...
A esmola que abre o céu da bemaventurança...
O náufrago a lutar pela vida entre as vagas!...

Masuetude de Cristo — entre espinhos e lança!...
A paciencia de Job — sob o fogo das chagas!...
(Aí de nós, meu amor, se não fosse a esperança!)

João Vilasbôas

Notável juriconsulto, brilhante jornalista e polemista de renome. Nasceu em S. Luiz de Cáceres, a 21 de Abril de 1890. Ex-Senador da Republica, deputado federal em 3 legislaturas. Uma das mais brilhantes culturas do Estado. Seus versos são arrojados e perfeitos. Discípulo de Bilac, o impecavel artista da fórma. Tem um livro publicado "A Hipoteca Naval", e os seus versos, publicados, fariam o seu nome imortal. Usou os pseudónimos de J. Vargas e Vitor Jarbar.

Ultima Ilusão

Por que vieste, ao declinar do dia,
animar meu viver de solitário?
quando meu peito é cofre mortuário,
guardando um coração em agonia...

Teu sorriso é cantar de cotovia,
na alvorada de um sól incendiário.
O meu riso é tanger de campanário,
anunciando o chegar da noite fria.

Que importa, seja eu velho e sejas moça?!...
Sofro, embora te ver desiludida,
que um cântico de amor ainda eu ouça!...

Felicidade!... és filha da quimera!...
e, na tarde outonal de minha vida,
dás-me alegres manhãs de primavera!...

Alirio de Figueiredo

Nasceu em Cuiabá a 25 de Abril de 1892. Bacharel em ciências jurídicas e sociais, membro da Academia Matogrossense de Letras. Atualmente é Juiz de Direito da Comarca de Rosário-Oeste. Bibliog. — "Poesias" e "Poemas e Poemas"... Poeta parnasiano, é um dos mais perfeitos sonetistas de Mato Grosso. Escrevendo sobre o seu livro "Poesias", o mestre João Ribeiro teceu-lhe elogios merecidos. Ocupa na Academia Matogrossense de Letras a cadeira nº 19, patrocinada por Pimenta Bueno.

O Destino das Pedras

O destino das pedras indaguei-o
Nos palácios, nas ruas e nas lapas.
E, entre os belos, o teu, que à canga escapas,
Diamante, e brilhas em virgíneo seio.

Prisioneiras do orgulho, elas em, meio
Vivem de régias túnicas e capas,
Como a ametista cujo brilho veio
Para a pompa dos bispos e dos papas.

A esmeralda e o rubi: «Símbolos somos.»
«Sinto, diz o brilhante, em cruz, a glória
Sobre a epiderme de sagrados pomos».

«A noiva, diz a perola, me engasta
Ao colo». E quem és tu? Conta-me a historia.
«Pedra da rua, ela pisou-me. E basta».

Arnaldo Serra

Nascido em Cuiabá a 2 de Março de 1885. Poeta e Conteur. É atualmente Inspetor Fiscal do Imposto do Consumo no Estado do Rio. Bibliog. — Aromita (versos) e possui um livro inédito intitulado "Cenas de minha terra". É membro correspondente da Academia Matogrossense de Letras.

Natal evocativo

Passado !... Presente ...

Perspectiva de um futuro incerto,
Si o colo em que dormíamos felizes,
Sob a canção do seio que estremava,
Nas pulcras madrugadas de existencia
Já não existe mais ...

Noites etéreas,
Cheias de tons angélicos
Como surdina em nacaradas conchas.
Que apenas vivem nos refólhos dalma,
Que as Sereias dos sonhos esqueceram
No torvelinho imenso dos paúis;
Flôres que bem diziam
Nas palpitantes pétalas sedosas,
Do Ocaso de amanhã!
Vibrações eólicas
De Primavera em flôr,
— tudo, já não existe ...

Há um presépio, somente, em cada peito,
Branco de neve, cheio de invernaes,
A recordar as doces melodias
Das encantadas noites tropicais,
E onde a saudade debruçada chóra ...

Oscarino Ramos

Nasceu em S. Luiz de Cáceres a 1º de Novembro de 1891. Bacharel em ciências jurídicas e sociais. É atualmente presidente do Tribunal de Apelação. Membro da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato-Grosso. Usou os pseudônimos — J. Hemeras e O. Ramos. Ocupa na Academia Matogrossense de Letras a cadeira nº 10, da qual é patrono Joaquim Murтинho.

S. João

Friburgo. Noite de S. João. Neblina.
Que rosários de sonhos ao teu lado,
Sinto, vendo emergir, lindo e corado,
Dentre peles, teu rosto de menina.

Fico como num sono de morfina.
Lerdo, sonhando, até ficar calado...
Deixa-me assim. Este momento alado
É o resumo feliz da minha sina.

S. João... Quanta poesia pela terra!
A lua sobe por detraz da serra...
Que frio... Cai uma garôa fria...

As minhas mãos nas tuas de veludo
Aperto. E fico a olhar, parado e mudo,
O teu risonho rosto de menina.

Lamartine Mendes

Nasceu em Cuiabá a 7 de Fevereiro de 1895. Bacharel em ciências jurídicas, membro da Academia Matogrossense de Letras. Festejado poeta e atualmente auditor de guerra no Estado de S. Paulo. Bibliog. — "Serras e Pantanaís" e "Águas Passadas." Ocupa na Academia Matogrossense de Letras a cadeira nº 23, patrocinada por José Delfino da Silva.

A Palmeira

Olha a palmeira, a sós, cujo bonito,
esbelto fuste é já tão alto, e cresce,
no desejo talvez, doudo, inaudito,
de noivar com o sol, que resplandece.

Morde-lhe o pé a multidão refece
das árvores anãs, entre o granito:
e ei-la moça e graciosa até parece
um traço, únindo a terra ao infinito.

Cresce, e a nada se anima para a altura
galgar e bebe luz, numa tonteira,
e abre a espata, abençoando a flôr e o espinho.

Na sua aspiração grandiosa e pura,
homem, imita o exemplo da palmeira:
subir bastante, mas subir sozinho.

Luíz Feitosa Rodrigues

Nascido na cidade de Corumbá em 25 de Agosto de 1889. Professor do Colegio "Maria Leite", naquela cidade. Bibliog: Inspiração — Tip. Paulista — 1936. Ocupa na A. M. L., a cadeira nº 26, patrocinada pelo poeta Pedro Trouy.

Ruínas

O solar dos meus sonhos foi fundado
Duma serra num monte a beira mar,
Tendo o cimo de nuvens coroados,
A seus pés vinha a agua a soluçar.

Estava meu castelo povoado.
Havia animação, riso, folgar.
Quanta vez trovador apaixonado
Ali soltou queixumes ao luar!

Mas veio o Realismo certo dia
Destruí-lo com sua artilharia
Que são as Amarguras assassinas;

E depois de combates bem medonhos,
Do solar azulado dos meus sonhos,
Só ficaram as Sombrase as Ruínas.

Ulisses Cuiabano

Nasceu em Cuiabá a 4 de Agosto de 1891. Professor, membro da junta de Conciliação do Ministério do Trabalho. Poeta e Jornalista. E' membro da Academia Matogrossense de Letras, tem um livro a publicar intitulado "Grupiaras". Ultimamente tem procurada introduzir na nossa literatura os Hakais, poesia japoneza, porém essa inovação choca-se com os nossos temperamentos latinos.

O burití solitário

Alto, esbelto, ostentando o flutuante
flabelo pelos ventos sacudido,
domina a varzearia verdejante
um solitário burití perdido.

Sai-lhe dos pés um veio sussurrante,
de cristalinas aguas que o sentido
nos traz de ser um pranto gotejante
por êsse anoso burití vertido.

Chóra talvez o tristoroso fado
de ter nascido assim abandonado
na imensidade dessa solidão.

Chora... e as sentidas lágrimas tão puras
às brenhas vão narrando as amarguras
de exilada palmeira do sertão.

João Briene de Camargo

Nascido a 7 de Setembro de 1885, na cidade de Faxina, (Estado de S. Paulo). Foi professor no seu Estado natal e é atualmente advogado, jornalista, poeta e orador dos mais brilhantes. Possui grande cultura e erudição. Ex-procurador da República no Estado de Mato-Grosso.

Soneto

Estavas ao piano e um denso manto
De nuvens o luar tinha coberto...
E a voz ergueste com tão vivo encanto,
Que o céu brilhou qual santuário aberto.

E as almas comovidas por teu canto,
Tantas que nem contá-las pude ao certo,
Abrem as azas, soluçando, e em pranto
Descem do céu para te ouvir de perto.

Mas findou-se o teu canto; o edêneo bando,
Ajoelhando a teus pés, graciosamente,
Fechou as azas e ficou sonhando...

E enquanto rias, conformando as almas,
E eu beijava as tuas mãos, confuso e crente,
As estrelas, no céu bateram palmas.

D. Maria de Arruda Müller

Nasceu em Cuiabá a 9 de Dezembro de 1898. Poetiza de renome nas letras do Estado. Pertence à Academia Matogrossense de Letras onde ocupa a cadeira nº 15, patrocinada pelo cônego José da Silva Guimarães.

Nosso lar

Necessitamos do lar,
Como do ar!
Na sua doce missão
Ele é berço, é coração.
Em criança,
Mamãesinha não descança
Té ver-nos fortes crescer...

N'alma nascer
Faz afetos e virtudes
Que nos gravam atitudes
Indestrutíveis.

E a velhice ao chegar,
Vem apagar
Nossas caras ilusões.
Mas restam nos corações
Bonanças
Como vagas esperanças...
Desejos de adormecer,
Esvanecer,

Numa eutanasia boa,
Vendo a cinza que vôa
Da lareira...

João Jacob

Nascido a 16 de Cutubro de 1899 na Vila Nepomoceno, Estado de Minas-Gerais. Publicou: Musa Discreta, (versos) Sombras do Além e Frei André, (poemas). Usa o pseudônimo de Jerzi Jacob, pelo qual é mais conhecido que pelo seu próprio nome.

O pescador

O pescador, em noite enluarada,
Ao mar se atira para a incerta lida.
Uma constância rude e revivida
Conforta-o na incerteza da jornada.

E singra o mar... E colhe as rêdes... Nada!
Uma vez mais... mais outra vez perdida...
Regressa à praia. E, assim, no mar da vida,
Tem mais uma esperança naufragada.

Hoje, amanhã, depois... Talvez um dia!
E para mais distante o caso envia
Tecendo na promessa o desengano.

E os dias fogem... e o ideal avança...
O pescador é o coração humano,
Sempre a correr atrás de uma esperança!